

Karla Garcia Luiz

**INVESTIGANDO FOTOGRAFIAS DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA NAS CAPAS DA *REVISTA SENTIDOS*
(2008 – 2013)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Henrique Nuernberg

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

LUIZ, KARLA GARCIA

INVESTIGANDO FOTOGRAFIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS
CAPAS DA REVISTA SENTIDOS (2008-2013) / KARLA GARCIA LUIZ
; orientador, ADRIANO HENRIQUE NUERNBERG - Florianópolis,
SC, 2015.
190 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Deficiência. 3. Fotografia. 4.
Revista de segmento. 5. Histórico-cultural. I. NUERNBERG,
ADRIANO HENRIQUE . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.
Titulo.

Karla Garcia Luiz

**INVESTIGANDO FOTOGRAFIAS DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA NAS CAPAS DA *REVISTA SENTIDOS*
(2008 - 2013)**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Psicologia, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Florianópolis, 24 de fevereiro de 2015.

Profª. Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Adriano Henrique Nuernberg
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Andrea Vieira Zanella
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Marivete Gesser
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Jaqueline Tittoni
Universidade Federal do Rio Grande Sul

Profa. Dra. Raquel de Barros Pinto Miguel
Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado às pessoas
com deficiência.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Adriano Nuernberg, pessoa incrível e profissional dedicado, pela competência, paciência e, sobretudo, pela generosidade de ter compartilhado seu conhecimento comigo.

Aos meus pais, Carlos e Mara, pelo amor e por terem acreditado nas minhas capacidades.

Aos meus avós, pelo carinho e dedicação, especialmente à minha avó Osmilde (*in memorian*), minha maior incentivadora.

Ao tio Luiz (*in memorian*), pela determinação e por ter acreditado no poder transformador da educação.

Ao Eugênio, meu companheiro e minha paz, pela compreensão e pelo apoio incondicional. Amo muito você!

Aos meus primos Eliane e Rafael, pela ótima companhia e pelos churrascos que me fizeram relaxar ao menos nos domingos.

À Rubenilda Menezes, pela hospedagem e suporte em São Paulo durante a viagem para realização da entrevista desta pesquisa, bem como pela preciosa amizade.

Aos amigos de perto e de longe, Karla Oliveira, Melina Ayres, Mimi Manzelli e Anna Clara de Vitto, Edenisi Francisco e Joceni Severino (meus compadres), Cassandra Melo, Vânia Rosa (minha sogra), Angelita Druzian, Andréia Queiroz e Téo Mazon, pela força e torcida.

Às minhas cuidadoras: Marni Lima e Nini Pereira, pelo respeito e amizade que construímos para além da relação de trabalho.

À minha fisioterapeuta, Graciele Pereira, pelas mãos e exercícios sem os quais meu corpo não teria suportado esta jornada.

Ao meu entrevistado, Denilson Nalin, pelos materiais fornecidos e pela disponibilidade com que me recebeu na Editora Escala.

À professora Andréa Zanella, pelas importantes contribuições à minha pesquisa.

À professora Marivete Gesser, pelos imprescindíveis subsídios teóricos ao meu trabalho e pela generosidade com minha formação.

À professora Raquel Barros, autora de pesquisas sobre revistas que serviram de ‘lanternas’ para o caminho desta dissertação, pelas valiosas sugestões e pela presteza com que sempre me atendeu.

À Patrícia Schappo, da Coordenadoria de Acessibilidade Educacional – CAE, pela ética, torcida e parceria.

À colega de mestrado, Gisele de Mozzi, pela amizade e solidariedade nestes dois anos de mestrado. Você é muito especial para mim!

Aos demais colegas de classe, Ana, Livia, Cíntia, Jacqueline, Debora, Lúcia, Pedro e Emerson, pelas sugestões e momentos bons que passamos juntos.

À Anahí Guedes de Mello, mulher com deficiência, ativista e pesquisadora, pelas caras contribuições teóricas e pessoais.

À turma de Psicologia 2010.2/UFSC, a primeira turma com que fiz estágio em docência, pela acolhida e pelas reflexões que ecoarão sempre em mim. Sucesso para vocês!

Ao Trumai Thaddeu, do SAPSI, às funcionárias do PPGP e a todos os funcionários da segurança e da cantina do CFH, pela atenção e ajuda.

Às bolsistas Maria Paula e Pri Moura, pela gentileza e pelo respeito com que cumpriram sua função de me auxiliar com a cadeira de rodas. MUITÍSSIMO obrigada, meninas!

À Carmem Cecília e ao Carlos Jota Guedes, pela revisão do meu texto.

À Gisele Abrantes, pela ajuda na tradução do resumo.

A CAPES pelo investimento em minha carreira de pesquisadora.

A todas as pessoas com quem tive a oportunidade de conviver e trocar ao longo desta formação. Seria impossível mencionar o nome de tod@s! Obrigada!

(...) estou comprometido com a ideia de que sem minhas lutas eu não seria eu mesmo, e que gosto de ser eu mesmo mais do que gosto da ideia de ser outra pessoa — alguém que não tenho a capacidade de imaginar, nem a opção de ser.

(Andrew Solomon, 2013)

RESUMO

A profusão de imagens fotográficas de pessoas no mundo contemporâneo revela um vastíssimo espectro de possibilidades de significar a condição humana. As fotografias de pessoas com deficiência figuram entre essas possibilidades, revelando as transformações do significado da deficiência no contexto histórico-cultural. Tendo em vista que poucos estudos tratam de modo crítico e emancipador da relação mídia e deficiência, esta dissertação analisa as significações sobre a deficiência estampadas nas capas da *Revista Sentidos* – uma revista de segmento *de e para* a deficiência. A partir do enfoque do modelo social da deficiência, foi possível avaliar as tensões e sobreposições entre os significados da deficiência presentes na revista e sua relação com as transformações sociais que incidem sobre esse grupo social.

Palavras-chave: Fotografia. Deficiência. Revista de Segmento.

ABSTRACT

The profusion of photography images in a contemporary world reveals a vast spectrum of the possibility to signify the human condition. The photographs of people with disabilities are included in these possibilities, revealing transformations of the significance of the disability in the cultural history context. Having a vision that few studies treat with critical and emancipator way the relationship media and disability, this dissertation analyzes the meanings about disability stamped on the covers of *Sentidos Magazine* – a magazine with segment *of* and *for* disabilities. Starting from the social model approach of disability it was possible to assess the tensions and overlaps between the meanings of disabilities present in the magazine and its relation to the social transformations that focus on ease of this social group.

Keywords: Photography. Disability. Magazine of Segment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Revista Sentidos Nº 44 - Ano 2008	74, 120, 157
Figura 2: Revista Sentidos, Nº45, ano 2008.	76, 152
Figura 3: Revista Sentidos, Nº46, Ano 2008	77
Figura 4: Revista Sentidos, Nº47, Ano 2008.	79, 123
Figura 5: Selos da Revista Sentidos	80
Figura 6: Revista Sentidos, Nº48, ano 2008	81, 129
Figura 7: Revista Sentidos, Nº 49, ano 2008.	82, 159
Figura 8: Revista Sentidos, Nº50, Ano 2008.	84
Figura 9: Revista Sentidos, Nº52, ano 2009.	86, 163
Figura 10: Revista Sentidos, Nº54, Ano de 2009.	88
Figura 11: Selos com os símbolos das deficiências	89
Figura 12: Revista Sentidos, Nº55, Ano 2009.	90
Figura 13: Revista Sentidos, Nº57, Ano 2010	91
Figura 14: Revista Sentidos, Nº59, ano 2010.	93, 138
Figura 15: Revista Sentidos, Nº60, Ano 2010.	95, 134
Figura 16: Revista Sentidos, Nº61, Ano 2010.	97
Figura 17: Revista Sentidos, Nº63, Ano 2011.	99, 143
Figura 18: Revista Sentidos, Nº64, Ano 2011.	101,126
Figura 19: Topo da revista com o símbolo internacional da deficiência substituindo a letra “O”.	102
Figura 20: Revista Sentidos, Nº66, Ano 2011.	103
Figura 21: Revista Sentidos, Nº 67, Ano 2011.	105, 124
Figura 22: Revista Sentidos, Nº68, Ano 2012.	106, 145
Figura 23: Revista Sentidos, Nº70, Ano 2012.	108, 156
Figura 24: Revista Sentidos, Nº71, Ano 2012.	110
Figura 25: Revista Sentidos, Nº72, Ano 2012.	111
Figura 26: Revista Sentidos, Nº73, Ano 2012.	113, 140
Figura 27: Revista Sentidos, Nº74, Ano 2013.	114, 147
Figura 28: Revista Sentidos, Nº76, Ano 2013.	116
Figura 29: Revista Sentidos, Nº77, Ano 2013.	118, 149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados Editoriais e Descritivos das Capas (2008-2013).....56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
3	
1. OBJETIVOS.....	17
1.1. Objetivo geral.....	17
1.2 Objetivos específicos.....	17
2. REVISÃO TEÓRICA.....	19
2.1 O corpo canônico.....	19
2.2 Refletindo sobre a deficiência à luz do Modelo Social.....	28
2.3 A fotografia e a mídia como campo de tensões da corponormatividade.....	32
2.4 Uso da fotografia em pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais...40	
2.4.1 Uso da fotografia em pesquisas na Psicologia Social.....	42
3. MÉTODO	45
3.1 Análises das capas.....	50
3.2 Fonte de informação.....	51
3.2.1 O que é a <i>Revista Sentidos</i> ?.....	52
3.3. O material.....	555
3.3.1. Primeira seleção de capas.....	555
3.3.2 Segunda seleção das capas.....	66
3.4 O caminho percorrido até a redação da <i>Revista Sentidos</i>	66
3.4.1. A visita.....	67
4. RESULTADOS	71
4.1.Sobre a visita e o ambiente da redação da <i>Revista Sentidos</i>	71
4.1.1. A entrevista com o Gerente de Negócios da <i>Revista Sentidos</i>	73
4.2. Perfil da revista e suas transformações editoriais.....	73
5.	
DISCUSSÕES.....	11919

5.1. Análise das capas.....	119
5.1.1. Sexualidade e Afetividade.....	119
5.1.2 Autoestima e Beleza.....	128
5.1.3 Cidadania e Direitos.....	142
5.1.4	
Lazer.....	1511
5.1.5. Família.....	157
5.2 A interface entre gênero e deficiência.....	166
5.3 Interface entre geração e	
deficiência.....	16868
5.4 Relação entre enquadramento e	
deficiência.....	16868
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	1711
REFERÊNCIAS.....	1755
APÊNDICE A.....	189

INTRODUÇÃO

A profusão de imagens fotográficas de pessoas no mundo contemporâneo revela um vastíssimo espectro de possibilidades de significar a condição humana. Gesser, Nuernberg e Toneli (2013, p.420) afirmam que “a deficiência não se apresenta hoje apenas como um fenômeno de natureza médica, mas deve ser analisada em estreita relação com diversas outras categorias sociais. As pessoas com deficiência são, antes de tudo, *pessoas*” e, assim, atravessadas por diferentes marcadores sociais que a constituem, como gênero, classe, etnia, religião, região, entre outras. Com isso, desejo aqui conferir visibilidade a uma dessas categorias, a que diz respeito à variabilidade corporal e funcional do humano. A deficiência, embora seja uma categoria transversal a todas as demais, só recentemente tem sido tema das imagens midiáticas, uma vez que a imagem dos corpos com lesões e impedimentos era reservada quase que exclusivamente à esfera médica e ao mundo *freak*¹.

Partindo do pressuposto de que a deficiência é um tema transversal, complexo, tenso e que é fundamental identificar as esferas culturais, sociais e os principais agentes históricos e processos envolvidos nos enquadramentos da deficiência, nessa pesquisa busco investigar aspectos histórico-culturais constituintes de imagens de pessoas com deficiência numa das revistas nacionais de maior visibilidade no segmento da deficiência: *Revista Sentidos*.

Revistas de segmento são aquelas cujos artigos vislumbram atingir um público relacionado a determinado tema. A revista *Raça Brasil*, outra revista de segmento, por exemplo, já foi objeto de um estudo sobre as imagens das capas das edições de novembro de 1996 – data que leva em conta o fato de que novembro é considerado, a partir de 1995, o mês da consciência negra no Brasil – e de 2004 – ano em que foi realizada a pesquisa. O propósito daquela pesquisa de mestrado era investigar se houve mudanças nos discursos e nas representações sociais em relação à questão racial ao longo do período pesquisado. (MAGALHÃES e PINHEIRO, 2004). Outros estudos trazem à baila reflexões a respeito da imagem da mulher em revistas como *Boa Forma*

¹ Termo utilizado pela fotógrafa americana Diane Arbus para se referir aos anões, travestis, deficientes, prostitutas e demais marginalizados nas décadas de 50 e 60 do século passado nos Estados Unidos. (SONTAG, 2004).

e *Educação Physica*, tratando de temas como o culto ao corpo e a eugenia, respectivamente. Assim, esse tipo de pesquisa busca avaliar e revelar os sentidos de determinada categoria social na atualidade. Tendo em vista que nenhum estudo ainda foi feito acerca da *Revista Sentidos*, é oportuno realizá-lo para a produção do conhecimento sobre a imagem da pessoa com deficiência na atualidade na perspectiva da mídia.

Justamente pela produção de subjetividades através da fotografia é que se fundamenta o argumento de seu uso como fonte e objeto legítimos de pesquisa, ou seja, “é por possuir um duplo caráter – tanto informativo quanto formativo – que a fotografia torna-se um poderoso instrumento de leitura dos modos de vida contemporâneos”. (SANTOS, 2000, p.68).

A escolha pelo tema de trabalho decorre inicialmente de uma identificação pessoal, por eu ser uma pessoa com deficiência. Minha condição física e seus atravessamentos produzem em mim cotidianamente efeitos sobre minha percepção de corpo e, conseqüentemente, fazem-me (re)produzir determinada postura ética e política enquanto pessoa com deficiência. Desse modo, vivo numa constante batalha: entre a pesquisadora e a ativista que me habitam. Minhas ações e meus pensamentos militantes me fizeram escolher refletir sobre e atuar academicamente com as questões da deficiência ao mesmo tempo que admito ter plena convicção de que não há como separar esses três *status* – ativista, pesquisadora e pessoa com deficiência. Portanto, esse trabalho é uma tentativa de produzir o conhecimento científico sem perder o tênue limite da identificação, da pesquisa e os ares da militância.

Agrego também nessa empreitada a experiência de ter trabalhado como psicóloga numa instituição para pessoas com deficiência nos últimos quatro anos. O início de carreira profissional numa escola especial submergiu-me para um arcabouço teórico até então desconhecido. Assim, embora possa parecer óbvio que uma pessoa com deficiência tenha escolhido esse campo de trabalho, na verdade, foi o tema que me enredou de tal modo que, hoje, não consigo enxergar outro caminho possível e tão fascinante. Aliado à minha experiência profissional e minha vivência como pessoa com deficiência, um encantamento pessoal pela imagem impulsionou o meu desejo de pesquisar utilizando a fotografia como ferramenta para alcance dos objetivos propostos.

Após a primeira tentativa (e reprovação) no processo seletivo do Programa de Pós-graduação (PPGP) da UFSC, em 2011, e de ter a percepção da crescente expansão de reportagens e ensaios fotográficos de pessoas com deficiência, resolvi me candidatar a uma das cinco vagas como aluna especial numa disciplina isolada chamada de “Tópicos Especiais em Práticas Sociais e Constituição do Sujeito I: processos semióticos”, oferecida no início de 2012 e ministrada pela Profa. Dra. Andréa Vieira Zanella. Essa opção teve valiosa contribuição teórica no sentido de me aproximar mais dos estudos feitos no mestrado e, mais especificamente, daqueles referentes à imagem.

Meu trabalho semestral entregue no fim de tal disciplina esteve relacionado às fotografias de uma mulher com deficiência – no caso, eu – e se tornou embrião para a presente pesquisa. Com a aprovação na segunda tentativa de ingresso no PPGP, em 2012, e apesar de a temática continuar a mesma – deficiência e fotografia –, vale dizer que os objetivos, a metodologia e as fundamentações são outros, ou seja, o trabalho é outro. O presente estudo tem o propósito de analisar fotos de pessoas com deficiência publicadas numa das revistas nacionais no segmento da deficiência de maior circulação no país, de 2008 a 2013. O recorte de tempo está relacionado ao ano de implementação da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência no Brasil, 2008 – com o intuito de verificar se as perspectivas do Modelo Social da Deficiência, que é a teoria que baliza esse documento, afastam-se ou aproximam-se dos compromissos ideológicos de tais fotografias estampadas nas capas da revista escolhida –, e ao ano em que iniciei a pesquisa, 2013.

Como principal lente sob a qual faço as análises, utilizo as que abarcam a concepção de pessoa com deficiência à luz do Modelo Social da Deficiência, o qual propõe o abandono da ideia de que a deficiência é necessariamente uma experiência trágica. Muito pelo contrário, esse modelo afirma que a deficiência é uma condição inerente ao ser humano, ou seja, ser deficiente significa vivenciar um dos muitos possíveis modos de vida. (DINIZ, 2007).

Portanto, meu trabalho consiste num convite para a reflexão acerca dos sentidos e enunciados sobre corpo e deficiência na contemporaneidade, divulgados pela mídia, aqui verificados mais especificamente por meio do referido veículo, como já foi dito anteriormente. Busco, nesse caso, compreender a inserção da imagem da pessoa com deficiência no midiático, de entretenimento e informação, e

se isso pode contribuir para o reconhecimento das pessoas com deficiência como pessoas comuns e não como encarnação do desvio.

Um projeto desenvolvido pela Fundação Banco do Brasil e pela ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância, intitulado “Mídia e Deficiência” (2003), mostra que a abordagem sobre pessoas com deficiência nos meios de comunicação ainda é bastante simplista e legitima posições retrógradas e fora de contexto. Assim, a relevância social desse trabalho reside no fato de que,

em meio ao cenário extremamente diversificado e dinâmico das agendas de mobilização dos grupos minoritários da sociedade, tem se destacado, nos últimos anos, um novo ideário: aquele que busca promover e garantir a plena inclusão social das pessoas com deficiência. Em que pese o fato de colocar em primeiro plano a questão dos direitos de um segmento populacional em particular, o atual paradigma inclusivista estimula, sob o crivo de uma ética da diversidade, uma ampla releitura das relações que regem a construção de uma sociedade democrática, se alinhando no fluxo de um crescente movimento internacional de luta contra todas as formas de exclusão social, das mais explícitas às mais sutis e veladas. A trajetória evolutiva dos parâmetros norteadores de suas práticas e posicionamentos políticos – em processo de contínua atualização e reinvenção – resulta em um arrojado elenco de propostas que hoje encontra expressão na pauta de trabalho de diferentes agências da Organização das Nações Unidas, e também avança, no caso do Brasil, na formulação de políticas públicas de amplitude nacional. (p.6).

Entretanto, é sabido que esse modelo inclusivista tem encontrado pouco espaço e eficiência ideais para dar visibilidade a essas pessoas

nos meios de comunicação do país. Em dias atuais, persiste a tendência da mídia em confundir deficiência com doença e, com esse engano, acaba reforçando a ideia de que, para inserir uma pessoa com deficiência, é preciso curá-la ou “normalizá-la”. Essa ideia faz parte de um imaginário social de que a deficiência não é uma condição legítima e que deve ser escondida ou combatida do mesmo modo com que se combate uma doença. (WERNECK, 2011). As práticas midiáticas estão carregadas de variadas narrativas culturais e têm impacto direto na vida das pessoas com deficiência na medida em que podem (re)afirmar estereótipos, preconceitos e uma desvalorização da deficiência, do mesmo modo que, em contrapartida, possuem o poder de abrir discussões fundamentais para essa pauta, servindo de agentes transformadoras no tocante à deficiência.

Por fim, destaco que o atual *status* de projeto inacabado denota que se trata de um momento de constante (des)construção, e será assim até que a pesquisa se encerre. Isso não significa, entretanto, que minhas inquietações e possibilidades de investigação se esgotarão completamente no término desta dissertação.

1. OBJETIVOS

1.1. Objetivo geral

Investigar aspectos histórico-culturais constituintes de imagens de pessoas com deficiência publicadas nas capas da *Revista Sentidos*.

1.2 Objetivos específicos

Analisar os registros fotográficos da experiência da deficiência à luz do modelo social nas capas da *Revista Sentidos*.

Avaliar as consonâncias e dissonâncias das imagens de pessoas com deficiência, divulgadas nacionalmente nas capas da *Revista Sentidos*, em relação ao Modelo Social da Deficiência.

Compreender as tensões entre as perspectivas biomédica, assistencial e social presentes nas imagens das capas da *Revista Sentidos*.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 O corpo canônico

Num cenário onde as discussões acerca da deficiência são protagonistas, é fundamental esboçar um panorama histórico sobre seu pano de fundo: o corpo na cultura ocidental. Nas próximas páginas busco compreender quais são as concepções corporais ao longo do tempo e, inevitavelmente, as mudanças culturais que as acompanham. Essa incursão finda no conceito de corpo na contemporaneidade a fim de refletir sobre de que modo o corpo com deficiência está exposto (ou camuflado). Afinal: que corpo é esse? O que/como se expõe/oculta? Quais discursos estão explícitos/implícitos nessas imagens?

As primeiras experiências do ser humano são corpóreas. Logo, o corpo é a primeira forma de comunicação do ser humano, pois é com o corpo que ele realiza os primeiros contatos com o mundo. É através do corpo que o homem interage com o ambiente, emitindo mensagens que o aproximam, afastam e o singularizam por meio de “escopos, categorias de apresentação e representação social”. (WANDERLEY e SILVA, 2010, p.1). Desse modo, o corpo é percebido como mídia para a exposição ou ocultação de emoções, signos de pertença, afirmação de si e (res)significação. Pereira (2009, p.10) elucida que “a cultura do corpo no cotidiano e na mídia é ícone das deliberações da sociedade sobre as ações da sociedade sobre a corporeidade e das ações dos indivíduos quando utilizam o corpo para se apresentar na sociedade.”

Ao longo dos séculos, artistas e escritores produziram obras e perpetuaram registros sobre os modelos de beleza da sua época. A feiura, por exemplo, ao contrário, não dispõe de registros contundentes. Numa longa incursão na obra “História da Feiura”, de Umberto Eco, para analisar a concepção de “feio” na cultura ocidental ao longo dos tempos, o autor destaca que os conceitos de feio e belo variam conforme o período e as culturas e que, muitas vezes, as atribuições de beleza e feiura dependiam também de fatores sociais e políticos. (ECO, 2007). Vigarello (2006) corrobora as colocações anteriores afirmando que os contornos do corpo variaram desde a Renascença até os dias atuais devido a razões e conjunturas morais, mercadológicas, filosóficas e estéticas.

A respeito dos padrões estéticos, Nietzsche, em “Crepúsculo dos Ídolos”, argumenta que:

(...) no belo, o ser humano se coloca como medida de perfeição (...), adora nele a si mesmo (...). No fundo, o homem se espelha nas coisas, considera belo tudo que lhe devolve a sua imagem (...); o feio é entendido como sinal e sintoma de degenerescência (...). O que odeia aí o ser humano? Não há dúvida: o declínio de seu tipo. (NIETZSCHE, 2006, p. 66).

O argumento de Nietzsche reflete a ideia de que o belo e o feio estão definidos conforme um modelo “específico” e a percepção da feiura estendia-se dos homens a todas as coisas; não apenas aquilo que parecia desproporcional, mas também os que não tinham pernas ou braços eram definidos impiedosamente como erros da natureza.

Em meados do século IV a.C, Policleto produziu uma estátua nomeada Cânone que definia proporções da perfeição e, naturalmente, aqueles que estavam fora de tal regra ideal foram considerados feios. O ideal de perfeição da antiga Grécia foi denominado *kalokagathia*, junção das palavras *kálos* (que significa *belo*) e *ágathos* (termo atribuído genericamente a valores positivos, *bom*).

A respeito desse ideal, o helenismo² demonstra um exemplo típico de sua era: a divindade de Príapo, filho de Afrodite que era dotado de um órgão genital enorme. Suas imagens, geralmente talhadas em madeira, eram colocadas no campo como proteção ou como espantalho, pois havia a crença de que era capaz de afastar ladrões sob a ameaça de sodomizá-los. Desde a Antiguidade o culto do falo denotou obscenidade, comicidade e certa feiura.

Assim, a imagem de Príapo era considerada obscena, ridícula pelo tamanho de seu genital desproporcional e, conseqüentemente, feio por ser “desprovido de forma justa”. (ECO, 2007, p.132). Afrodite, insatisfeita com a aparência do filho malformado, o rejeita. Ele não era considerado um Deus feliz, pois era talhado num único pedaço de

² Helenismo: tal período foi um marco entre o domínio da cultura grega e o advento da civilização romana que durou, aproximadamente, trezentos anos, encontrando seu fim em 30 a.C., com a invasão do Egito pelos romanos. A era helenística é caracterizada principalmente por uma ascensão da ciência e do conhecimento. **O Helenismo.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/helenismo/>>. Acesso em: 20 setembro 2013.

madeira e colocado nos campos, incapaz de se mexer e sem o poder da metamorfose como muitas outras figuras da mitologia, cerceado por sua solidão e impossibilidade de conquistar uma ninfa, não obstante tivesse possibilidades fálicas para tal. Em contraponto à sua suposta condição de infelicidade, Príapo era divertido e simpático e esse mito demonstra a estreita relação entre o feio, o inconveniente e o cômico. Aqui cabe um questionamento: não é justamente sob essa lente que muitas culturas ainda insistem em conceber a deficiência?

Amaral (1995) aponta que é fato que a deficiência jamais passa “em branco”. Ao contrário, segundo a autora, a ocorrência da deficiência desorganiza, ameaça, mobiliza e representa aquilo que escapa da expectativa, da simetria, da perfeição, da eficiência. Assim, o desgosto e o abandono são possibilidades que frequentemente acontecem nos momentos “iniciais de impacto e descompensação psíquica” (p.112). Em analogia ao mito de Príapo, a rejeição aparece num lugar de destaque em forma de abandono explícito por sua forma física assimétrica e fora do desejável por sua mãe, Vênus. Esse ainda continua sendo um comportamento típico frente à deficiência em muitas culturas: há um estranhamento e, de modo geral, uma atitude prévia desfavorável acompanhada de “um julgamento qualitativo (...), anterior a uma experiência pessoal”. (AMARAL, 1995, p.120).

Durante a Idade Média, os corpos fora de padrão foram associados à figura do demônio. Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger, por exemplo, foram nomeados Inquisidores com poderes especiais, pelo Papa Inocêncio VIII, com o propósito de averiguarem os crimes de bruxaria das províncias do norte da Alemanha. “Malleus Maleficarum”, datado de 1484, é o resultado final e autorizado dessas investigações e estudos. Nesse escrito consta que:

(...) toda alteração que se produz no corpo humano – por exemplo, o estado de saúde ou de doença – pode se atribuir a causas naturais (...). E a maior destas causas é a influência das estrelas. Mas os demônios não podem interferir no movimento das estrelas (...). Porque isso só pode ser feito por Deus. Portanto, é evidente que os demônios não podem em verdade efetuar nenhuma transformação permanente nos corpos dos humanos; isto é, nenhuma metamorfose real e, desse modo devemos atribuir a aparição de

qualquer dessas mudanças a alguma causa obscura e oculta. E o poder de Deus é mais forte que o do diabo, assim como as obras divinas são mais verdadeiras que as demoníacas. De onde, quando o mal é poderoso no mundo, tem de ser obra do diabo, em permanente conflito com a de Deus. Portanto, como é ilegal sustentar que as más artes do demônio podem em aparência superar a obra de Deus, do mesmo modo é ilegal achar que as mais nobres obras da criação, isto é, os homens e os animais, possam ser danadas – prejudicadas ou estragadas – pelo poder do diabo. (KRAMER e SPRENGER, 2007, p.7-8).

Entre a Antiguidade e o Barroco, período posterior à era helenística, o termo *vituperatio* foi bastante difundido e designado especificamente à mulher feia, cuja feiura estaria expressa por sua malícia e seu arrebatador poder de sedução. Referente a essa atração, Michel de Montaigne, em “Ensaio” de 1595, revela seu fascínio pela mulher manca. Segundo ele, quem nunca dividiu o leito com uma mulher manca, nunca conheceu a doçura de Vênus³. Para o autor, há uma série de vantagens em deitar-se com uma mulher manca, dentre elas, o novo prazer que seu movimento desajustado proporciona⁴.

A respeito da apropriação do corpo pelo saber biomédico e pela ciência, no século XVII a deficiência era confundida com a loucura. Esse pensamento, herdado da Idade Média, propunha considerar os deficientes como incapazes de sustentar seu lugar na sociedade, pois representavam perigo e deveriam ser afastados do convívio social. Nesse momento nascem os hospitais gerais e demais instituições em estilo de asilos para todo tipo de excluído – loucos, mendigos, prostitutas, deficientes, etc. No fim do mesmo século, com a publicação de “Celebri Anatome” (1664), de Thomas Willis, a idiotia e as deficiências passam a

³ Vênus é a deusa do amor e da beleza na mitologia romana; é equivalente a Afrodite na mitologia grega. **A Deusa Vênus**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/mitologia/venus.htm>>. Acesso em: 20 setembro 2013.

⁴ Essa declaração de Michel de Montaigne, de 1595, remete a uma ideia da prática do devotismo. Devotees são pessoas que se sentem sexualmente atraídas por pessoas com deficiência, geralmente, por aquelas que não possuem algum membro. (BRUNO, 1997).

ser compreendidas como lesões ou disfunções do sistema nervoso central. Logo em seguida, em 1690, John Locke concebeu a teoria naturalista, na qual a mente é considerada uma página em branco e, portanto, a deficiência intelectual passa a ser entendida como um nível carente de ideias e estruturas intelectuais, porém capaz de ser educável. (PESSOTTI, 1984). Em relação às outras deficiências, ainda figurava, nesse momento, a perspectiva mítica e religiosa, denotando um caráter divino ou diabólico para a ocorrência da deficiência.

Posterior ao reconhecimento do fascínio pela feiura houve uma atribuição de infelicidade ao feio, pois mesmo aquele que nutria uma alma delicada estava destinado à tragédia devido a sua deformidade e, por isso, o feio é condenado pelo próprio corpo. Cito o exemplo do monstro protagonista de “Frankenstein” como, talvez, o primeiro “feio infeliz” do período romântico, criado por Mary Shelley em 1818.

Nesse mesmo ano, Esquirol (1818) distingue a idiotia da loucura. O autor associa perturbações sensório-motoras à baixa inteligência e ao mau desenvolvimento dos órgãos, impedindo a expressão da inteligência e causando um caráter de irrecuperabilidade. Ainda no século XIX, as escolas para deficientes intelectuais e surdos, por exemplo, originam-se como consequência dos estudos de neurologistas e psiquiatras americanos e europeus, como Edouard Seguin e Maria Montessori, respectivamente. Nessa época, a medicina se apresenta como ciência e Foucault (2011) mostra que há uma reorganização do conhecimento médico, com uma ruptura em nível de objeto, conceitos e método: “(...) a medicina do século XIX regula-se mais, em compensação, pela normalidade do que pela saúde; é em relação a um tipo de funcionamento ou de estrutura orgânica que ela forma seus conceitos e prescreve suas intervenções” (p.39). Para o autor, o prestígio das ciências da vida no século XIX está associado aos conceitos do sadio e do mórbido, de normal e patológico.

No decorrer do século XX, o estatuto do corpo passou por mudanças radicais nas esferas pública, privada política e social. Cabe mencionar que essas transformações políticas e sociais possibilitaram a condução do corpo de lugar oculto para “o *status* de elemento fundador da subjetividade e da identidade social na esfera pública” (FONTES, 2007, p.39) no Ocidente, principalmente após as duas Guerras Mundiais – período em que se consolida uma mudança na relação dos sujeitos com o corpo.

Em meados da década de 20 do século passado, junto à alteração da silhueta feminina, os hábitos sociais e as relações sociais passaram por muitas transformações que começavam a dar indícios do que logo se tornaria a sociedade da corpolatria. Na concepção de Codo e Senne (2004), isso significa que “paralelamente com a necessidade de reintegração do corpo com a urgente revalorização do prazer, se estrutura um verdadeiro culto ao corpo, em tudo análogo a qualquer religião dogmática e idólatra, como soem ser as religiões”. (p.12).

O corpo-soberba, que fazia dos seus excessos atributos do poder e que foi imperante até o início do século XX, passou a dar lugar ao corpo-eficácia. Esse último emergiu como agente de liberdade e individualismo feminino no reino da aparência. Nesse contexto, o sujeito tornou-se “escultor da sua própria silhueta, total responsável por sua aparência”. (WANDERLEY e SILVA, 2010, p.02). Essa perspectiva burguesa de atribuir a responsabilidade de satisfação ao próprio sujeito está fortemente estampada no âmbito do trabalho e invadiu também o campo estético. Para além da ingênua corpolatria, as preocupações com o corpo estão imbuídas de significados.

O acontecimento do culto ao corpo parte de um cenário de demonização, vergonha e pecado, e culmina numa explosão de músculos em academias, denotando uma emergência e multiplicidade das possibilidades de formas de (re)construção corporal, seja por meio de prática de atividades físicas intensas, seja pelo consumo de suplementos alimentares. Esse fenômeno difundiu-se significativamente nos anos de 1980 com a exibição dos músculos de astros de cinema, como *Arnold Schwarzenegger* e *Silvester Stallone*, por exemplo.

Esse descortinamento do corpo esteve amparado pelos avanços médicos e científicos que, definitivamente, sustentaram a exibição do corpo para sua transformação em objeto de investimentos e reformulação – benefício possível à determinada camada social, aquela que pudesse economicamente pagar por isso, obviamente. Segundo Novaes (2003), desde a Renascença, o corpo vem sofrendo progressiva exibição: primeiramente mostrou-se a pele e, por conseguinte, outras camadas foram desveladas, tais como os músculos e o cérebro.

Baudrillard (1995) afirma que o corpo é visto como objeto de consumo e, portanto, está inserido numa lógica consumista. Essa visão parte do pressuposto de que é determinado e bem-sucedido aquele que é capaz de esculpir, moldar, controlar e transformar seu corpo para aproximá-lo de um ideal, refletindo essas qualidades para qualquer

esfera da vida. “Tudo parece ser feito para que a escolha individual possa sobressair até o fim; tudo parece ser feito para que a responsabilidade de cada um, até mesmo o seu sentimento de fracasso, prevaleça”. (VIGARELLO, 2006, p.188).

Esse fato fez com que o consumo transpusesse a norma, pois houve a decadência da norma ao surgir uma sociedade de consumidores no fim do século XIX, na qual, para criar valor, era necessário criar o desejo. O excesso, então, tornou-se a própria norma. (BAUMAN, 2003). Nesse mundo de excessos está contida a incessante busca pelo corpo ideal, caracterizado pela magreza e (suposta) perfeição. A partir desse século, é atribuída extrema relevância ao corpo e ao uso dele nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Entender o corpo contemporâneo a partir desse momento histórico é importante, pois tais significações ainda constituem os corpos em dias atuais. (BONETTI, 1998; LOURO, 2003).

Entretanto, esses apelos à beleza e ao culto do corpo ideal são cautelosamente disfarçados nos discursos de “bem-estar”, nos quais se transmite a ideia de que é preciso haver equilíbrio entre mente e corpo para que se alcance vida saudável e “boa” autoestima. Dessa maneira, os ideais de beleza são vendidos como “receita” para se chegar a uma plenitude.

A estética, portanto, passou a mediar as relações humanas. No universo das aparências, as pessoas são valorizadas simbolicamente por aquilo que aparentam ser. Persistência, força e capacidade de enfrentar desafios são qualidades atribuídas àqueles que empregam muitos cuidados ao corpo. O projeto do eu se manifesta num projeto de posse de bens desejados e na busca de estilos de vida artificialmente modelados. (LYON, 1998).

Fontes (2007, p.40) complementa afirmando que “o imperativo contemporâneo ancora-se em um valor agora fundamental: o da realização pessoal”. Logo, a liberdade passa a reger, para além da economia, da política e da ciência, os costumes, o cotidiano e os detalhes da vida privada. Nesse cenário político e social, os elementos clássicos de constituição e legitimação das identidades, tais como a escola, a família e a religião, tornaram-se vulneráveis, fazendo com que houvesse apropriação e adoração do corpo pelos próprios sujeitos.

Meurer e Gesser (2008) vão além: para as autoras, a mídia e as concepções contemporâneas “buscam transpor imagens que sugerem o belo, pois existe um elo entre beleza e poder”. (p.2). O poder opera

frente à (re)organização do lugar que os sujeitos ocupam cultural, política, social e economicamente e, portanto, o corpo é o condutor desse (re)arranjo das variadas posições e modos nos quais esses sujeitos estão inseridos.

Retomando o pensamento de Fontes (2007), de maneira geral, ao longo do século XX, o corpo perpassa por três padrões culturais: o corpo representado, pelo olhar do outro; o corpo representante, autônomo e ativo quanto às suas atividades, questionador e propagador de reformas sociais e políticas; e, por fim, o corpo apresentador de si, caracterizado pelo supérfluo e pelo imediatismo, mais ocupado das formas do que dos conteúdos. Essa última representação corporal atende a uma demanda que não tolera mais a espera dos resultados obtidos em academias, ao contrário, recorre às técnicas e intervenções médicas que, como num passe de mágica, rearranjam a estrutura do corpo para corresponder aos parâmetros da cultura vigente.

Em franco século XXI, a mídia colabora para disseminar narrativas e práticas médico-científicas que sustentam uma ideia de saúde e normalidade. Esses discursos servem para afastar qualquer possibilidade de “falhas” corporais ou tipos de deficiência e fortalecer duas concepções corpóreas distintas: a do corpo ideal, canônico, e a do corpo desprezado, fadado à exclusão. O corpo canônico está aqui compreendido como uma estrutura corporal bastante atual, “caracterizada pela submissão voluntária do indivíduo a um conjunto de práticas corporais visando alterar, aperfeiçoar, corrigir e reconstruir o corpo natural no sentido de potencializá-lo (...) e embelezá-lo”. (FONTES, 2002, p.5).

O corpo canônico é aquele alterado por uma série de tais práticas e tem a mídia como principal aliada de disseminação. Por meio da mídia, a configuração desse corpo reconstruído é divulgada e conquistada cada vez mais adeptos. Todavia, é importante dizer que a mídia não é o único agente ativo na disseminação da corporeidade canônica; ela conta com a parceria do conhecimento médico e científico. Assim, a medicina e a ciência avançam em medicamentos, pesquisas e técnicas de melhoramento a fim de “higienizar” o corpo, aperfeiçoar a aparência física e evitar riscos de “falhas”, características desvantajosas, deficiências, bem como retardar o envelhecimento. A mídia, então, serve como espaço para a reprodução dessas perspectivas, e não como instrumento de construção. Fontes (2002) complementa que

os elementos concretos de sua construção e legitimação, entretanto, estão situados e ancoram-se, cada vez mais com raízes profundas, nos domínios, discursos e práticas da medicina e da ciência. Embora haja uma diferença de significação entre os discursos midiático, médico e científico em torno do corpo (saudável para os dois últimos, belo para o primeiro), todos objetivam o mesmo propósito: convencer o indivíduo a retirar o corpo do domínio da natureza e submetê-lo a artifícios técnicos visando melhorá-lo. (p.6).

Com efeito, vale dizer que a mídia, aqui entendida como um conjunto de meios (televisão, rádio, jornais, revista, internet, propaganda, etc.), tem, em maior ou menor grau, compromisso com a fantasia e o desejo, além do compromisso com a verdade; ao passo que a ciência e a medicina estão absolutamente estabelecidas no imaginário ocidental como verdade. Isso significa que, diante da imagem do corpo desejável divulgado pela mídia e um corpo posto como saudável pela medicina e pela ciência, a segunda imagem serve como sinônimo de negação da morte, da velhice e da doença, enquanto a primeira está associada à beleza. Grosso modo, uma apela para o aperfeiçoamento e a manutenção da espécie; a outra recorre à conquista do outro em níveis sociais e sexuais. Ambos os discursos, quando vinculados, remetem “o corpo imperfeito ao seu devido lugar: o lugar da exclusão, da rejeição e do insuportável. De um lado temos os ídolos e de outro os monstros (...)”. (FONTES, 2002, p.7).

Cabe aqui ressaltar uma contribuição sobre o corpo de pessoas com deficiência em relação à sexualidade, na qual Morris (1991) citado por Shakespeare (1998) destaca algumas desvantagens: pior que supostamente um corpo indesejável, ainda há uma falsa ideia de que pessoas com deficiência são assexuadas ou sexualmente incompetentes; que não podem manter funções biologicamente comuns (menstruar, ovular, gozar, etc.); que, se não puderem ter filhos, isso é motivo de profunda lástima; que, se possuem parceiros sem deficiência é pelo desejo altruísta de cuidar de um(a) deficiente e que, se esse parceiro também for uma pessoa com deficiência, essa relação só se estabeleceu por essa condição. Todas essas desvantagens e estereótipos do corpo e da sexualidade da pessoa com deficiência se perpetuam e incapacitam as

relações. E mais: no campo afetivo e sexual, essa suposta generalização de que a deficiência representa uma tragédia médica constitui um pensamento dominante e inevitável. (SHAKESPEARE, 1998).

Nesse contexto de corporeidade canônica, os monstros reais estão associados aos obesos e deficientes. Os monstros irrealis, associados ao mundo fictício, do cinema e da televisão atraem, agradam; ao passo que os monstros reais, aqueles que são obesos ou que não possuem algum membro ou que perdem alguma função do corpo, provocam imenso mal-estar e rejeição. A respeito dessa diferença das percepções sobre a monstruosidade, a autora assinala que “o monstro midiático é atrativo e consumido como espetáculo. O ‘monstro’ real é a negação ameaçadora do desejo de sedução e aceitação”. (p.7-8).

Na medida em que a ideia do corpo canônico é estimulada para ser aderida por todos e que apenas uma parcela da população pode se beneficiar desse conjunto de práticas, é nítido que tais discursos contribuem para o surgimento de novas modalidades de exclusão, cujos motivos estão inscritos no corpo. Diante dos progressos da biotecnologia como instrumento para dirimir falhas físicas, o que a sociedade contemporânea presencia é a possibilidade de, tão logo, anomalias e doenças congênitas serem eximidas do convívio daqueles que puderem pagar por esse tipo de serviço.

Essas reflexões são fundamentais no que se refere aos diferentes significados atribuídos ao corpo ao longo dos tempos. Essa retrospectiva auxilia a compreender a construção não só do corpo ideal, mas também daquilo que se rejeita – nesse caso, o corpo com deficiência. Fazer uma breve leitura sobre a história do corpo no Ocidente ao longo dos séculos tem o intuito de avaliar as tensões entre as perspectivas biomédica, assistencial e social presentes na exposição dos corpos com deficiência. E desse modo, entender como incidem as ideologias atuais de corporeidade nas fotografias das capas da *Revista Sentidos*. Que espaço o corpo com deficiência ocupa na sociedade contemporânea?

2.2 Refletindo sobre a deficiência à luz do Modelo Social

Após algumas considerações sobre o papel político e social do corpo (multifacetado) nos últimos séculos na cultura ocidental, proponho a seguir uma exploração de conceitos à luz do Modelo Social da Deficiência. Para início de reflexão, destaco que se faz fundamental evidenciar e discutir as diferenças corporais para, principalmente, não

nos conformarmos com o que Sasaki (2003, p.5) chama de “falsa ideia de que todo mundo tem deficiência”. Isso porque, ainda que cada pessoa com deficiência tenha uma experiência singular da sua condição, a diferença é discrepante e incomparável quando falamos de uma pessoa que anda e outra com tetraplegia ou de uma que usa óculos e outra que é cega, por exemplo. (AMARAL, 1995).

Em certo ponto, observo que a história da deficiência se aproxima da história da feiura – brevemente discutida anteriormente – na medida em que o registro mais antigo das pessoas com deficiência – assim como daquelas consideradas feias – é de exibição como prodígios, monstros, presságio dos deuses e indícios de um mundo divino. Do Novo Testamento ao milagre de Lourdes, o coxo, o manco e o cego proporcionavam o espetáculo da história de reabilitação corporal como uma redenção espiritual tão essencial ao Cristianismo. Da antiguidade à modernidade, os corpos das pessoas com deficiência foram vistos como monstros, exibidos pelos reis medievais em proveito de cortes e nas feiras de rua com a finalidade de promover espetáculos. (GARLAND-THOMSON, 2001).

Através dos séculos, no Ocidente, a história de pessoas com deficiência pode ser percebida pela exposição, visualmente notada, enquanto que política e socialmente inexistente, obscura e esquecida. As pessoas com deficiência sempre foram objetos de admiração, desprezo, terror, prazer, inspiração, piedade, riso ou fascinação e, independente do motivo, sempre foram fitadas. Fitar a deficiência caracteriza uma relação visual entre o espectador e o espetáculo (neste caso, a pessoa com deficiência observada).

A forma mais intensa de olhar salta aos olhos, vislumbra, explora, inspeciona, contempla, ou seja, nesse caso,

(...) fitar registra a percepção da diferença e dá significado de prejuízo, marcando-o como aberrante. Sobre o olhar intenso em relação ao significado físico para a deficiência, olhar fixamente cria uma parceria desajeitada que torna ambos estranhos e incômodos, espectador e visto. (GARLAND-THOMSON, 2001, p.190).

De modo geral, olha-se fixamente para a carne cicatrizada, o olho desfocado, o membro contorcido, mas raramente o olhar amplia para envolver todo o corpo da pessoa com deficiência. Logo, fitar a

deficiência é considerado um olhar ilícito, porque o corpo deficiente é, ao mesmo tempo, para olhar e para não olhar; é o encontro de observadores ocultos e observados defensivos. Assim, fitar transforma a deficiência em um estado de absoluta diferença, ao invés de ser simplesmente outra forma de variação humana.

Essa concepção da deficiência como uma variação humana está ligada ao modelo social, o qual abriu novos horizontes teóricos e políticos para os estudos sobre deficiência. A partir desse modelo, a perspectiva biomédica da deficiência, focada nas lesões e nos impedimentos do corpo, ganhou uma alternativa à representação da deficiência. Para o modelo médico, a deficiência está estabelecida pelos padrões de normalidade e há uma associação da deficiência com uma doença, na qual o foco de intervenção é a cura e o tratamento do corpo voltado à correção. Nesse modelo, os sujeitos são reduzidos à sua deficiência, tornando-a um problema da pessoa e não uma questão social. (LANNA JÚNIOR, 2010).

Em outras palavras,

o modelo biomédico da deficiência sustenta que há uma relação de causalidade e dependência entre os impedimentos corporais e as desvantagens sociais vivenciadas pelas pessoas com deficiência. Essa foi a tese contestada pelo modelo social, que não apenas desafiou o poder médico sobre os impedimentos corporais, mas principalmente demonstrou o quanto o corpo não é um destino de exclusão para as pessoas com deficiência (BARNES *et al.*, 2002; TREMAIN, 2002, apud DINIZ, BARBOSA e SANTOS, 2009, p. 66).

A primeira geração do modelo social, composta por teóricos homens, surgiu em meados de 1960 no Reino Unido e ocupou-se de criticar o campo biomédico, propondo que a deficiência é apenas um dos muitos modos de vida possíveis. Esse novo tipo de discurso acerca da condição de ser deficiente teve papel fundamental na ampliação dos conceitos de deficiência, caracterizando-a como uma forma de opressão em função das barreiras sociais enfrentadas pelas pessoas com deficiência. (GESSER, NUERNBERG e TONELI, 2014; DINIZ, 2007).

Citando a cegueira, Diniz (2007) exemplifica o modelo social:

Afirmar a cegueira como um modo de vida é reconhecer seu caráter trivial para a vida humana. Ser cego é apenas uma das muitas formas corporais de estar no mundo. Mas, como qualquer estilo de vida, um cego necessita de condições sociais favoráveis para levar adiante seu modo de viver a vida. A deficiência visual não significa isolamento ou sofrimento, pois não há sentença biológica de fracasso por alguém não enxergar. O que existe são contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade corporal como diferentes estilos de vida. (p.4).

A ideia de deficiência como uma variação da espécie humana evidencia um discurso ainda do século XVIII que foi bastante revolucionário para os estudos sobre essa temática. Isso significa dizer que ter deficiência não se trata, necessariamente, de uma experiência trágica e que é necessário lançarmos um olhar sociológico para esse estilo de vida, entendendo que as restrições na participação social não se restringem às lesões corporais, sensoriais ou intelectuais, mas à hostilidade frente à diversidade e sugerindo que, eliminadas essas barreiras sociais, as pessoas com deficiência poderiam ser independentes. (DINIZ, 2007).

Já a segunda geração do modelo social da deficiência – que contou com as mulheres com deficiência e com as contribuições teóricas das cuidadoras de pessoas com deficiência –, criticou a primeira geração e afirmou a inserção do cuidado e a interdependência como um princípio básico das relações humanas. Além disso, os subsídios feministas insistiram em falar nos "corpos temporariamente não-deficientes" (DINIZ, 2007, p.27), alargando o conceito de deficiência também para o envelhecimento ou casos de doenças crônicas. Em outras palavras,

em realidade, o potencial de articulação do campo teórico feminista e com estudos sobre deficiência é tanto maior quanto mais se defenda: 1) o pressuposto da desnaturalização do corpo, 2) a dimensão identitária do corpo e 3) a ética feminista da deficiência e do cuidado (MORRIS, 1996; MAYS, 2006; MELLO e NUERNBERG, 2012 apud LUIZ e NUERNBERG, 2013, p.193).

Entretanto, embora a segunda geração do modelo social tenha feito crítica à primeira, de modo geral, o modelo social fundamenta-se no rompimento com os padrões de normalidade que excluem pessoas que possuem características divergentes do que é considerado normal, na transversalidade da deficiência com outras categorias (etnia, classe social, gênero, geração, etc.) as quais intensificam a opressão e há ênfase na experiência da deficiência como uma questão subjetiva, que varia de pessoa para pessoa. (LANNA JÚNIOR, 2010).

Para mim, falar dessa concepção da deficiência constitui o ponto fundamental nessa revisão teórica. Isso porque o modelo social servirá como os óculos que usarei para observar as imagens de pessoas com deficiência estampadas nas capas da *Revista Sentidos*. Interessa-me analisar se tais imagens se aproximam/afastam do modelo social e/ou reforçam o modelo médico vigente. Quais tensões ideológicas estão presentes nessas imagens?

2.3 A fotografia e a mídia como campo de tensões da corponormatividade⁵

Vale aqui analisar a parcela de contribuição da mídia na promoção de estereótipos, preconceitos e/ou ações inclusivas, dado o amplo conjunto de fatores psicossociais que envolvem as questões dos meios de comunicação de massa e seus produtos culturais. Amaral (1995) observa que “cada sociedade elege um rol de atributos e/ou condições que configuram o ‘bom’, o ‘certo’, o ‘normal’ (...). Enfim, aquilo que a comunidade identifica como um generoso espelho de si mesma – e que é ideologicamente perpetuado pelo grupo dominante.” (p.129). Essa perpetuação constituirá a essência das relações entre os adeptos dessa idealização e os que dela desviarem – nesse caso, leia-se como desviantes as pessoas com deficiência.

Migrando essa discussão especificamente para o campo da fotografia, a imagem autoriza o olhar, pois fotos são feitas para serem olhadas. (GARLAND-THOMSON, 2001). Embora possa parecer que uma bela foto é uma foto de algo belo, não existe tema que não possa

⁵ Corponormatividade diz respeito aos padrões hegemônicos funcionais/corporais. (MELLO e NUERNBERG, 2012).

ser adornado, pois fotografar é atribuir relevância. (SONTAG, 2004). Como forma de aproximar o leitor dessa ideia, Susan Sontag, em seu livro “Sobre Fotografia” comenta a vida e obra da fotógrafa americana Diane Arbus que se dedicou a registrar imagens dos *freaks*. As fotos de Arbus, ao mesmo tempo em que não despertam sentimento de compaixão nem insinuam angústia ou perversão, também não consentem que o espectador se mantenha distante do tema.

Para Garland-Thomson (2009), esse convite inicia como um impulso de curiosidade, pois fitamos fixamente aquilo que é novidade, aquilo que não esperamos ver. Fitar está para além do que o olho pode enxergar, é um olhar urgente de intenso interesse que interroga o que acontece naquela cena. Desse modo, os olhos trabalham para reconhecer o que parece ilegível, fora de regra e, assim, conhecer o que parece estranho. Conseqüentemente, fitar potencialmente sugere uma ampla produção de interações entre quem olha e quem é olhado.

O fim do século XVIII e o começo do século XIX foram marcados pelo interesse intenso da descoberta da imagem técnica ou sua fixação com o objetivo de guardar uma memória definitiva de pessoas, paisagens e coisas. Durante o século XIX, a fotografia sofreu mudanças constantes e as pesquisas científicas se apropriaram do aparelho fotográfico “como uma extensão do olhar humano”. (TACCA, 2005, p.10). Assim como a fotografia, a visão e as posturas das/em relação às pessoas com deficiência foram marcadas por significativas transformações.

Dentre as funções da imagem, Santos (2000, p.65) diz:

Destaca-se ainda, seu valor epistêmico, ou seja, as informações que a imagem traz sobre o mundo. E aqui se abre uma gama de exemplos com diferentes níveis de valor informativo, como os mapas-geográficos, as cartas de tarô, o cartão postal. A Idade Média serve como exemplo, quer seja pela iconografia cristã para ilustrar o evangelho, quer seja pelas pranchas botânicas. A importância em pensar a função da imagem, o porquê de sua produção e para que tem servido a veiculação das imagens é fundamental quando estudada ou utilizada como fonte para estudo, como objeto de pesquisa, ou de conhecimento. A função da imagem, o para que foi produzida, dará

as primeiras pistas para contextualizá-la histórica e culturalmente.

O surgimento e a veloz ascensão da fotografia depois de 1839 proporcionou um novo modo de fitar a deficiência. Em plena era visual, as imagens medeiam os desejos e o jeito como imaginamos os outros e a nós mesmos. Fotos de deficientes carregam teias de ansiedade, distância ou identificação, pois,

como cultura, estamos obcecados com e intensamente conflituados sobre o corpo deficiente. Nós tememos, idolatramos, repudiamos, evitamos, abstraímos, reverenciamos, escondemos, e reconstruímos a deficiência – talvez porque essa é uma das mais universais, fundamentais experiências humanas. Depois disso, todos nós nos tornaremos deficientes se vivermos longamente. Todavia, em se tratando de deficiência na modernidade, fizemos o familiar parecer estranho, o humano parecer desumano, o sutil (universal) parecer excepcional. (GARLAND-THOMSON, 2001, p.190).

A autora exemplifica que no início do século XX, aparições públicas de pessoas com deficiência tornaram-se inapropriadas do mesmo modo que execuções e torturas públicas foram consideradas ofensivas. Assim, as pessoas com deficiência foram retiradas do olhar público para a esfera privada – muitas vezes em instituições – por conveniência, pois a deficiência foi declarada pela classe média como descortês para olhar.

Segundo Kossoy (2007), a fotografia é resultante de uma criação do fotógrafo engendrada e repleta de códigos técnicos, culturais, estéticos e ideológicos. Assim, faz-se fundamental compreender a função cultural da fotografia e conseguir desvendar as histórias que perpassam os meros indícios que as imagens cultivam. As imagens estão vinculadas ao universo das pessoas e sua relevância cultural e histórica fixa-se nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e andamento. Como todas as representações, as fotografias organizam percepções, modelam objetos e os retratam usando convenções que provocam ideias e expectativas culturais. (GARLAND-THOMSON, 2001). Embalado nessa ideia, Francastel (1982) diz que “(...) as artes

servem, pelo menos tanto quanto as Literaturas, como instrumento aos senhores das sociedades para divulgar e impor crenças”. (p.3).

Ao mesmo tempo, uma fotografia é criação e materialização, pois ocorre em determinado local e momento. A imagem fotográfica é indiciária e um modo de expressão; nela há indícios iconográficos (in)voluntários que, aliados a subsídios de outras naturezas, a carregam de sentido. Portanto, detalhe algum pode ser desconsiderado ainda que pareça insignificante, pois pode ser decisivo para a análise.

A fotografia é um instrumento que possibilita diferentes abordagens e áreas de investigação, podendo servir tanto como objeto de estudo, quanto como fonte de informações das mais diversas áreas de conhecimento. Uma fotografia pode ser objeto e fonte ao mesmo tempo – por se referir a uma única gênese: acontecer em determinado local e momento.

Garland-Thomson (2001) versa que, em se tratando de fotografias de pessoas com deficiência especificamente, as fotos absolvem os observadores da responsabilidade a respeito de seus olhares direcionados aos observados, ao mesmo tempo que permitem uma forma mais intensa de olhar do que uma real troca social poderia suportar. Portanto, a fotografia da deficiência proporciona ao espectador o prazer do inexplicável, desinibido e insistente olhar. Essa “autorização” para fitar torna-se um poderoso dispositivo de argumentação que pode ser produzido para manipular ou conduzir os espectadores a determinadas ideologias. Longmore (2005) acrescenta que imagens fotográficas são poderosas formas de representação porque a fotografia, a priori, está mais próxima da realidade e é fonte mais confiável de verdade do que, por exemplo, desenhos ou representações verbais.

Assim, a autora Rosemarie Garland-Thomson (2001) elaborou quatro classificações de retóricas visuais da deficiência que estão divididas em: prodigiosa, sentimental, exótica e realista. Essas classificações de retóricas visuais não estão ligadas à restritiva noção das imagens como sendo positivas ou negativas; apenas falam das apresentações das pessoas com deficiência e atuam como poderosas figuras retóricas que extraem reações ou convencem espectadores a pensar ou agir de determinadas maneiras.

Essas retóricas variam e se transformam conforme as propostas para aquilo que a fotografia foi produzida. Além disso, essas retóricas constituem parte do contexto; todas as imagens das pessoas com

deficiência, inadvertida ou deliberadamente, convocam essas retóricas visuais e que acompanham narrativas culturais.

A primeira argumentação visual é a prodigiosa. Esse é o modo mais antigo de representação da deficiência. Apresentar a deficiência como prodígio continua encontrando um lugar na concepção moderna da deficiência. Essa retórica exalta as diferenças físicas a fim de obter espanto e admiração. Os antecedentes de figuras prodigiosas são os monstros da antiguidade, que inspiraram temor, presságios do futuro, adivinhação de sinais divinos e as aberrações que eram celebridades no século XIX em museus e espetáculos baratos. A retórica prodigiosa brota de uma interpretação pré-moderna da deficiência como um augúrio ou marco de distinção, quer representando Deus ou o Diabo. “A fotografia introduziu à retórica do encantamento à ilusão de união entre o usual e o extraordinário.” (p.192).

Esse estereótipo causa espanto e inspira o espectador pela *performance* de façanhas que os sem deficiência nem imaginam fazer. Assim, fazendo sujeitos com deficiência mestres de atividades comuns, essas fotos criam um contexto visual que extrai bajulação de suas realizações e levam o espectador a torná-las em feito super-humano.

A segunda retórica visual é a sentimental, que deriva da caridade. Enquanto a argumentação de prodígios eleva e amplia a pessoa com deficiência, a sentimental reduz. A sentimental representa a pessoa com deficiência como vítima simpática ou sofredora impotente precisando de proteção, socorro ou invocando piedade, inspiração e frequente auxílio. A figura sentimental do deficiente é apresentada, em grande parte do século XIX, como alvo de uma cultura burguesa generosa.

Segundo Garland-Thomson (2001), nessa época, a classe média imaginou-se responsável pelo mundo como um todo, o que lançou movimentos humanitários e de reforma dos quais atualmente os Teletons são herdeiros, por exemplo. Os Teletons foram criados logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1949, em Nova York, por instituições de saúde e caridade como estratégia para angariar recursos e explorar o meio de comunicação de massa emergente: a transmissão televisiva aberta. Em seguida, em 1950, em Chicago, as instituições ligadas à deficiência também aderiram a esse modelo de captação de verbas. (LONGMORE, 2005).

Esse discurso da classe média opera num modelo de paternalismo, frequentemente aludindo a pessoa ou criança com

deficiência à meiguice, à coragem e à resignação. O sentimentalismo mobilizado por essa retórica ganha narrativas de progresso, melhoria ou libertação heroica, contendo uma ameaça da deficiência pela simpatia e auxílio à criança pela qual o espectador está motivado a agir. O otimismo da cura, assim, reforça a fé no tratamento clínico e progresso científico cada vez mais medicalizado e racionalizado do corpo.

A retórica do sentimento torna familiar e reconfortante a figura da deficiência. Em contraponto, a retórica visual exótica – a terceira retórica na classificação de Garland-Thomson (2001) – apresenta a figura da deficiência como estranha, distante, com frequência ligada ao sensacionalismo, marcada em sua diferença. A exótica reproduz um modelo etnográfico de olhar caracterizado pela curiosidade sem envolvimento. O exótico desmedicaliza, fascina e seduz com exageros, criando tal sensacionalismo e embelezando o estranho.

A introdução de modelos com deficiência vem crescendo no mundo da moda nos últimos anos, ampliando a retórica do exótico com a fotografia do deficiente. “Onde o sentimental faz a figura da deficiência pequena e vulnerável pedindo socorro para ser resgatada por um agente benevolente, o exótico faz a figura do deficiente grande, estranha e o contrário do telespectador”. (p.197). Seduzido pela novidade e excitação, um pilar da moda e da publicidade mundial está certo de que descobriu o poder das figuras deficientes para provocar essa nova reação dos espectadores. A publicidade aprendeu que a deficiência também vende. O exótico serve ao objetivo comercial, atrapalhando a ideia de assexuada e vulnerável da deficiência, que o argumento da caridade implantou com tanta veemência.

Ao invés de esconder, normatizar ou diluir a deficiência, as fotos dessa retórica usam o exagero e o estigma tradicionalmente associado com a deficiência para extinguir a busca contínua pós-moderna pela captura de novas imagens. Essas justaposições transgressivas da deficiência e da alta moda chamam atenção para a marca do exótico radical e chique que redefine a identidade da deficiência pelo consumidor deficiente.

A última e quarta retórica visual descrita por Garland-Thomson (2001) é a realista. Enquanto o modo exótico cultiva o estranhamento, o realismo minimiza distâncias e diferenças estabelecendo uma relação de proximidade entre observador e observado. Os modos de representação prodigioso, sentimental e exótico tendem a exagerar a diferença da deficiência para conferir excepcionalidade sobre o objeto na imagem. Já

a retórica realista, contudo, atua próximo, regularizando a figura deficiente a fim de evitar diferenciação e despertando identificação, frequentemente normalizando e, às vezes, minimizando o marco visual da deficiência.

Logo, o realismo molda a deficiência. A fotografia realista da deficiência é a retórica da equidade que, na maioria das vezes, virou utilitária. O realismo emergiu como uma propriedade do retrato, do documentário e da fotografia médica do século XIX. Fotografias jornalísticas e documentárias diferenciam-se das fotografias comerciais e de caridade, já que elas não solicitam troca de dinheiro tão diretamente, mas sim com intenção de democraticamente disseminar informação pretendendo moldar as ações e opiniões dos espectadores.

Quais relações, associações ou dissociações os leitores fazem diante dessas fotografias? Essa indagação remete-me à ideia de relações estéticas, as quais importam na medida em que permitem ao sujeito descolar-se do contexto imediato, estranhá-lo e redimensioná-lo, contribuindo dessa forma para a reinvenção do próprio estar/viver no mundo. (ZANELLA, 2006). Neste sentido, este trabalho tem a tarefa de compreender quais são as possíveis relações que os leitores fazem diante de fotos de pessoas com deficiência e como isso modifica/interfere na relação entre observador e observado.

Nesta pesquisa, assumo uma visão de sujeito dialético, aquele que não é somente passivo ou emancipado, aquele que é ao mesmo tempo submetido à profusão de imagens dispersas no mundo e ativo em relação a elas, apropriando-se do seu contexto histórico-cultural para objetivar-se na realidade de modo singular, “que considere a indissociabilidade de sujeitos, de suas condições de possibilidades e a realidade histórica do contexto do qual ativamente participam”. (ZANELLA et al, 2007, p.31). Assim como o espectador sofre influência da mídia, ele também influencia inversamente na determinação de novos padrões, visto que cada um passa por interferências e mudanças sociais e culturais, promovendo influências para a construção de outro padrão. (SOUZA e CUSTÓDIO, 2005). Neste trabalho cabe, então, ponderar que as flutuações constantes desse público são determinantes no que tange à disseminação de velhos/novos conceitos acerca da deficiência.

Retomando o exposto sobre as argumentações visuais de Garland-Thomson, essas são bastante caras para as análises de fotografias de pessoas com deficiência e seus propósitos. O interessante dessas contribuições reside no fato de que não se trata apenas de

retóricas visuais, mas de posições políticas em relação à deficiência e, em certo (alto) grau, interferem no modo com as pessoas sem deficiência concebem a condição de ser deficiente. Os apontamentos da autora falam de narrativas culturais impressas nas fotografias de pessoas com deficiência sob determinado prisma e em determinado momento – por mais que haja um discurso vigente em cada época da história, não significa que não vejamos ainda os quatro tipos de retóricas circularem em dias atuais.

Para concluir, embora as observações de Garland-Thomson sejam muito valiosas, vale sublinhar que a autora não explicita como selecionou e categorizou tais imagens inseridas em seu texto, ou seja, não há uma metodologia explícita para as escolhas e análises das imagens. Além disso, trata-se de um estudo norte-americano e, por esse caráter inaugural no cenário nacional, optei por investigar e compreender quais retóricas ou posturas sociais e políticas estampam as capas de uma das revistas do segmento da deficiência no Brasil, visto que a mídia produz em âmbito coletivo a representação social que for mais cabível, por meio de argumentos que conduzam as pessoas a determinados contextos e modos de subjetivação. (MEURER e GESSER, 2008).

2.4 Uso da fotografia em pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais

A partir do fim do século XX, as Ciências Humanas e Sociais testemunharam um crescente uso da fotografia como ferramenta de pesquisas. As Ciências Humanas e Sociais compõem um ramo da ciência que estuda aspectos sociais do mundo humano, ou seja, os sujeitos e as relações entre os grupos de sujeitos. Nesse vasto campo de estudos, destaco aqueles que mais se aproximam desta pesquisa: a antropologia, a comunicação, a economia, o marketing, a história, a linguística, a ciência política, o direito, a filosofia social, a sociologia e, mais especificamente, a psicologia social.

Numa breve revisão de literatura acerca dessa área de conhecimento, considerando a ligação das imagens com as incursões científicas, é possível constatar que ora a imagem se apresenta como fonte, ora como objeto de pesquisa, ora também pode ser instrumento ou resultado e “independente de a imagem ser utilizada para explicar ou ilustrar as teorias, ou de dizer por si própria, ela marca profundamente a

história da humanidade, ou melhor, é uma produção humana que, por sua vez, recria o humano”. (SANTOS, 2000, p.66).

Collier Jr (1973), por exemplo, discute a fotografia como método de abordagem de pesquisa em Antropologia, evidenciando a relevância do registro e interpretação dos dados visuais. Desse modo, por consentir uma representação dos elementos observáveis e a despeito de parecer um instrumento empírico, a fotografia contribuiu para essa área de conhecimento no que se refere a um caráter de cientificidade. (MAURENTE e TITTONI, 2007).

No campo da História, da Geografia Humana e da Comunicação, por exemplo, estudos com fotografias enfatizam questões relativas às relações de sociabilidade implícitas nas imagens fotográficas, destacando grupos sociais, locais de relacionamento e modelos sugestivos para a constituição de certa condução do olhar, não apenas sobre a cidade, mas também sobre seus indivíduos. Nesse contexto, a fotografia está colocada como fonte de questionamentos a respeito de modelos comportamentais “reproduzidos a partir de (...) um contrato social, estabelecido entre aquele que fotografa e aquele que se deixa fotografar. (...) são parcelas formadoras para a criação de um determinado imaginário urbano sobre os códigos culturais da cidade”. (MACHADO JÚNIOR, 2006, p.7).

Ainda no campo da História, segundo Santos (2000),

desde o séc. XIX, o historiador francês Fustel de Coulanges, afirmava que onde havia *marcas humanas* havia história. Mais tarde, em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre discutiram a importância do caráter generalizador dos testemunhos, abrindo as portas da História para os *novos textos*, tais como pintura, cinema e fotografia. Desde então, temáticas históricas vinculadas à imagem vêm sendo trabalhadas tanto como fonte para estudos como transformadas em objetos de pesquisa. Devemos aqui lembrar o exemplo do historiador Phillips Ariés que, através de um estudo iconográfico, realizou sua pesquisa sobre a criança e a família. (p.65).

Nesse sentido, a cultura fotográfica, então, é uma forma de sociabilidade como consequência de percepções visuais e práticas de interação nas representações coletivas. Segundo Machado Júnior (2006,

p.90), isso significa dizer que há, “para cada novo regime de visualidade, uma nova cultura visual.”.

Para a Comunicação, as fotografias veiculadas nos seus meios – produzidas com requintes técnicos e materiais de que dispõe a tecnologia atual e que servem para ilustrar os conceitos e ideologias da sociedade contemporânea – são submetidas à manipulação de conteúdos, de tal forma que nem se percebe o condicionamento e direcionamento nas emoções. (SOUZA e CUSTÓDIO, 2005).

Segundo Fabris (2007, p.32), isso ocorre, pois

o mundo como texto, defendido até pouco tempo atrás por vertentes como o estruturalismo e o pós-estruturalismo, está cedendo lugar ao mundo como imagem, isto é, à tendência a visualizar a existência, mesmo no caso de fenômenos que não são visuais em si. Se fotografias ajudam a vencer uma guerra ou a despertar a consciência crítica em relação a ela é porque a sociedade lhes confere o status de registro da verdade, por acreditar que é a própria realidade que se imprime na superfície da imagem.

A autora complementa que Sebastião Salgado, por exemplo, faz parte de um grupo de fotógrafos que seguem outro estilo de trabalho: “vivem por certo período com os sujeitos que vão fotografar, compartilham suas emoções, mostram a miséria dos seres humanos, sua vulnerabilidade, sua solidão, seu sofrimento, sua dignidade, sua grandeza”. (FABRIS, 2007, p.38). Indiferente à momentaneidade da reportagem, esse estilo de fotografia lança o fotógrafo num desafio específico de “divulgar seu testemunho para mudar o mundo, para evitar que coisas semelhantes aconteçam no futuro”. (p.38). Para chegar a esse propósito,

o fotógrafo (...) confere certa beleza ao horror para que ele se torne inesquecível, para que a imagem possa sobreviver. Afirmo seu olhar sobre o mundo. Ao invés de veicular uma informação bruta – tarefa feita rapidamente pela televisão –, assume um ponto de vista subjetivo, fazendo do ato fotográfico um ato de interpretação. (FABRIS, 2007, p.38).

Essas ponderações compõem um amplo e relevante campo de pesquisa nas Ciências Sociais. E, assim, diante do exposto, é razoável concluir que a imagem atravessa a história da humanidade não apenas sendo questionada por autores e artistas de diversos tipos, mas, inclusive, “servindo como mola propulsora das ciências então em curso”. (SANTOS, 2000, p.68).

2.4.1 Uso da fotografia em pesquisas na Psicologia Social

Nas pesquisas em Psicologia, especificamente, nota-se um crescimento do uso da fotografia como recurso, discutindo suas possibilidades em análises de processos de subjetivação através da atribuição de significado à imagem. (NEIVA-SILVA e KOLLER, 2002; MAURENTE e TITTONI, 2007). Estudos recentes acerca desse campo sugerem que as imagens servem como disparadores, isto é, as imagens potencializam os depoimentos, fazendo emergir coisas que, possivelmente, não apareceriam em entrevistas ou conversas informais.

Neiva-Silva e Koller (2003) apontam, por exemplo, para pesquisa com o método autofotográfico, no qual o(a) pesquisador(a) solicita ao sujeito que produza e apresente fotografias, narrando sua percepção de mundo, de um lugar específico ou de si. Assim, “a tentativa de construção da intervenção fotográfica na pesquisa, situa-se neste campo de desordem e de dilemas”. (MAURENTE e TITTONI, 2007, p.34). Em meio à desordem, não há uma busca pelo “real”, mas sim pelas produções de realidade – significando que o estudo reside nas produções de realidade através de produções fotográficas.

Com o uso dessas produções em publicações impressas, as capas dos folhetins servem como espaço específico de interação com o(a) leitor(a) como, por exemplo, a capa da revista *Rolling Stone* que é um clássico convite de aproximação do(a) leitor(a) às celebridades da cultura *pop*, pois serve como referência cultural. (POMPPER, LEE e LERNER, 2009). Nessa constatação há uma observação das interações que se estabelecem entre quem produz a revista/leitor(a)/contexto. Sob esse ponto de vista, Puzzo (2009, p.65) salienta que

há um enunciador, representado por uma equipe de produção responsável por anunciar as matérias veiculadas em cada edição: informações, reportagens, resenhas, geralmente de interesse

imediatos. Além desse anúncio, existe a necessidade de tornar os assuntos relevantes e atraentes para o leitor, de modo a provocar seu interesse pela aquisição e leitura desse material anunciado nas capas.

Pompper e Feeney (2002) argumentam que, para além da sedução para a aquisição das revistas, há uma ideologia dominante e invisível que deve ser fixada com o intuito de “mascarar a sobreposição narrativa imposta por forças hegemônicas” para “promover uma visão de mundo que a maioria absorve como o senso comum”. (p.1). Dessa maneira, a análise fotográfica de revistas transformou-se numa categoria específica de pesquisa, insubordinada de outros formatos de conteúdo, como textos, reportagens e obras de arte. Os autores sublinham que as capas de revistas têm sido entendidas como pontos de referência para a história e como arquivos culturais que (re)afirmam rituais e atitudes. Assim, a escolha das fotografias para publicação perpassa “os processos de tomada de decisão dos trabalhadores de notícias e fala sobre como a notícia da revista é produzida e moldada pela ideologia dominante”. (POMPPER e FEENEY, 2002, p.2).

Em se tratando de pesquisas em revistas de segmento, cabe salientar que a mídia oferece uma série de símbolos e recursos a fim de produzir uma cultura comum, que posiciona os sujeitos na sociedade. As revistas – independentemente do segmento – sugerem modos de vida e comportamentos por meio de narrativas que são internalizadas ativamente pelos(as) leitores(as), conforme suas experiências. Essas narrativas agregam informação, valores e ideias de consumo como um convite aos leitores para se identificarem e reproduzirem os ideais apresentados. (MIRANDA-RIBEIRO e MOORE, 2003).

Enquanto a televisão e a internet oferecem imagens de caráter efêmero e renovadas diariamente, a maioria das revistas tem apenas uma chance de retratar uma temática com uma única imagem. Estudos sobre revistas de notícias publicadas após uma grande tragédia, por exemplo, relatam como editores de revistas e diretores de arte decidiram sobre imagens de capa e como essas imagens refletiram ou influenciaram nos humores de um país inteiro. Sobre esse evento apresentado em capas de revistas, Spiker (2003, p.1) argumenta que “através do uso de temas como terror, tristeza, orgulho e esperança, estas capas de revistas, não só capturaram um momento. Elas capturaram história”.

Para Bassanezi (1993), essas relações se constroem porque

o discurso das revistas tenta corresponder à demanda, aos interesses e aspirações do público leitor. E, concomitantemente, com suas repetições e constância de assuntos e ideias, procura moldar este público – formar gostos, opiniões e padrões de consumo e de conduta – de acordo com certas normas que reforçam as distinções e desigualdades (...) ainda que haja mudanças (e apesar destas) ao longo do tempo. (p.145).

Estudos encontrados sobre revistas de segmento revelam pesquisas acerca das discussões raciais, de gênero, de comportamento, de relações com o corpo e, embora esse tipo de análise contribua largamente para a expansão do uso da fotografia em pesquisas da Psicologia Social, nenhum estudo foi encontrado a respeito das revistas de segmento na área da deficiência – conseqüentemente, tampouco sobre a *Revista Sentidos*. Os dilemas deste estudo inaugural no tocante ao método e às análises estão descritos no capítulo seguinte.

3. MÉTODO

O método dessa pesquisa está pautado na perspectiva histórico-cultural, tendo em vista que o método foi sendo desenvolvido na medida em que me aproximei do objeto a ser investigado. A respeito dessa estreita relação, Vygotski (1995, p.47) pontua que,

a elaboração do problema e do método se desenvolve conjuntamente, ainda que não de modo paralelo. A busca do método se converte em uma das tarefas de maior importância na investigação. O método, nesse caso, é ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da investigação.

Pelo referencial materialista-histórico, o método deve considerar o caráter histórico do tema investigado, uma vez que a metodologia está ligada a uma compreensão de realidade no seu conjunto. “A questão da postura, neste sentido, antecede ao método. Este se constitui numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais”. (VYGOTSKI, 1995, p.77).

Baseado no fato de que cada pesquisa deve constituir sua própria metodologia de análise, para esse estudo optei pela análise documental, pois o objeto a ser investigado é o discurso presente nas capas da *Revista Sentidos*. Em se tratando de análise de imagens publicadas em revista, a pesquisa documental coube por se tratar de imagens de domínio público. Os documentos de domínio público são públicos porque não são privados e, enquanto registros, “sua intersubjetividade é produto da interação com um outro desconhecido, porém significativo e frequentemente coletivo”. (SPINK, 2013, p.102-103). Observando a relevância no uso da análise documental pela psicologia, Menandro (1998) ressalta que

(...) o sujeito da pesquisa social nem precisa ser abordado diretamente (através de entrevistas, questionários, escalas ou testes). Documentos institucionais ou jornalísticos, produções culturais (documentais, comerciais e/ou artísticas) ou registros pessoais, todos podem ser tomados como fontes válidas de informações para a pesquisa

social, em uma perspectiva análoga à do historiador. (p.410).

Apesar de representar uma boa fonte de estudos, o uso de documentos como material de investigação recebe críticas no que se refere aos aspectos e temas que os autores escolhem destacar em suas pesquisas. Sendo assim, cabe ao pesquisador estar atento “à intencionalidade do documento analisado, bem como a qual realidade social refere-se o documento, em qual contexto ele foi criado, com qual objetivo e direcionado a qual público”. (MIGUEL, 2005, p.58). Portanto, a análise documental, muitas vezes, é o único modo de se compreender determinado fenômeno da história, devido a sua capacidade de realização de retrospectiva histórica.

Cabe ressaltar que, conforme Custódio e Souza (2005), o conteúdo das revistas não reside apenas nas imagens e nos textos apresentados, mas em tudo aquilo que neles se inserem e deles se interpreta/supõe. Logo, é relevante considerar o meio em que as imagens aparecem e, justamente por isso, toda revista vem encharcada de contextos, matérias e notícias que envolvem determinado tipo de leitor(a). Desse modo, as imagens são postas adequadamente do ponto de vista do mercado, do produto, da ideologia e das motivações que mobilizam o(a) leitor(a), o(a) consumidor(a) em potencial. Ou seja, “o conjunto da imagem é que sugere algo: embora exista um produto dentro da imagem, a sua ambientação é que vai sugerir, persuadir e demonstrar, provocando atenção, desejo, ação, satisfação.” (p.239).

Para esses autores, uma análise mais detalhada de qualquer imagem consiste num trabalho acompanhado de uma série de signos que concebe o imaginário, revelando a realidade de uma sociedade. Assim, uma imagem permite muitas possibilidades de leitura e, talvez, a mais habitual delas seja a análise semiótica, que compreende a imagem enquanto signo. Esse método busca formar “um paralelo entre dois planos: o da expressão da imagem (o que ela mostra) e seu conteúdo (o que ela significa); a realidade exterior a que ela faz referência (significante) e o conteúdo material da imagem (significado)”. (p.238).

Para a compreensão das imagens publicadas em revistas – nas capas da *Revista Sentidos*, no caso dessa pesquisa – é fundamental considerar tal revista como um produto destinado a determinado público que transforma e é também constituído pelos enunciados midiáticos. Isso significa dizer que “a mídia será aqui considerada instrumento de

mediação que, ao mesmo tempo em que participa do processo de constituição dos sujeitos, retrata um contexto cultural e social construído e transformado por estes sujeitos”. (MIGUEL, 2005). A mídia enquanto ferramenta de mediação pode ser entendida como o outro, tão fundamental para a constituição do sujeito. Tendo em vista que toda atividade humana é mediada, os signos são os instrumentos que

permitem, assim, a inserção do homem na ordem da cultura e o estabelecimento de relações qualitativamente diferenciadas com a realidade: ao invés de diretas e imediatas, passam a ser mediadas pela cultura. (...) os signos, portanto, relacionam inexoravelmente sujeito e sociedade, eu e outro. (ZANELLA, 2003b, p.6-7).

A constituição do sujeito advém da relação com o outro, mediada através dos signos e esse encontro propiciará reconhecer-se e constituir-se através da diferença e da alteridade. Compreender a mídia como o outro pode ser útil na medida em que os signos admitem dimensões coletivas e privadas, pois são marcadores não só da história social humana, bem como das histórias que os sujeitos causam/empregam. (MIGUEL, 2005; ZANELLA, 2003).

Vista por essa perspectiva, a mídia pode servir como agente transformador, caso pudesse dar conta da diversidade dos sujeitos, que está inserida ao mesmo tempo “em um momento histórico, social e político, desconstruindo a naturalidade e a universalidade, que compreenda o movimento e as possibilidades inúmeras das relações”. (MIGUEL, 2005, p.49).

Nesse sentido, há de se considerar também os enquadramentos da imagem, pois essa é definida por um plano, um enquadramento. O plano, por sua vez, é a unidade básica da imagem, no qual se dá a informação. “O plano é uma *célula* da montagem. Exatamente como as células, em sua divisão, formam um fenômeno de outra ordem, que é o organismo ou embrião, do mesmo modo no outro lado da transição dialética de um plano há uma montagem”. (AYRES, 2009, p.50).

Segundo Álvarez (1988), o enquadramento define-se a partir do espaço *in presentia*, o que significa que o enquadramento é tudo que aparece na tela. Esse espaço está classificado nos seguintes planos:

Plano Geral (PG), que permite visualização panorâmica do ambiente; Plano Conjunto (PC), que também é um plano aberto, porém, com visualização mais próxima da cena, em que o ator ou atores aparecem de corpo inteiro, é um pouco menor do que PG e destaca um elemento do conjunto; Plano Americano (PA), que permite observar detalhes ainda mais nítidos, pois mostra o ator dos joelhos para cima; Plano Médio (PM), em que a aproximação ao objeto permite observar as expressões dos atores; *Close-up*, que destaca o rosto do ator ou um detalhe do objeto; e, finalmente, Plano de Detalhe (PD), que faz aproximação ainda maior e mais dramática do objeto. (AYRES, 2009, p.50-51).

Os tipos de planos descritos acima serão aqui levados em consideração na medida em que é de suma importância atentar para o enquadramento feito em determinada deficiência, interagindo o modo como a deficiência é mostrada/camuflada e os propósitos nas capas da *Revista Sentidos*.

Vale enfatizar que esse viés metodológico trata-se de esboço sem o objetivo de esgotar todas as possibilidades de método de análise de imagens de pessoas com deficiência. Ao contrário, essa pesquisa tem o intuito de dar o primeiro passo, visto seu ineditismo e sua emergência rumo ao aprimoramento da interpretação de fotografias de pessoa com deficiência, com as quais cada vez mais nos deparamos cotidianamente nas mídias.

O desafio de uma pesquisa que tem a fotografia como objeto de estudo habita justamente na interpretação. Como receptor da imagem, o(a) pesquisador(a) precisa estar atento(a) às estruturas implicadas em sua recepção (SOUZA, 2001). Para o entendimento da imagem, faz-se necessário sujeitá-la a uma crítica que considere a relação entre fotógrafo, a tecnologia empregada na produção da fotografia e o objeto registrado. (LEITE, 1993). Ao passo que a crítica ao conteúdo, exige uma análise dos contextos humanos e das relações sociais implícitas à imagem fotográfica. (SOUZA, 2001).

Mediante o processo de escolha e descrição do objeto de estudo, alguns pressupostos analíticos aparecem a partir do Modelo Social da Deficiência. Nesse sentido, o referencial teórico serve não só

para nortear e fundamentar as análises, mas também para construir o método, dado o caráter inaugural da análise de fotografias de pessoas com deficiência. Primeiramente foi feito um levantamento das revistas com a listagem dos anos e os números de edições. Em seguida, coube observar as capas da revista com o olhar concernente ao que propõe o Modelo Social.

O primeiro ponto a destacar é a preocupação em contemplar a transversalidade da deficiência com outras categorias de análise. Para isso, é importante analisar a pessoa com deficiência no contexto em que ela aparece nas capas, ou seja, na família, no trabalho, na arte, na cidadania/direitos humanos, em relação ao gênero, na estética, na sexualidade, na mídia, no esporte, etc. Nesse olhar voltado para os pressupostos analíticos, é necessário compreender a rede de significados em que as fotografias aparecem: desde a técnica fotográfica utilizada em cada imagem, até as chamadas principais de reportagem que se referem à imagem de capa. Outros pontos fazem menção à articulação da matéria de capa e o contexto histórico-político em que foi publicada a revista; e ao tipo de técnica fotográfica empregada na imagem que, ora pode evidenciar, ora pode ocultar a deficiência.

Considerando uma abordagem teórica para servir como pano de fundo dessa pesquisa, minha técnica de análise refere-se às imagens de pessoas com deficiência que ilustram as capas da *Revista Sentidos*, de 2008 a 2013. O recorte de tempo está relacionado à implementação da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência no Brasil, ratificada como emenda constitucional em 2008, e o ano em que essa pesquisa teve seu início, 2013. Escolhi o ano da Convenção da ONU como marco cronológico para o início do acervo das reportagens, justamente por esse documento preconizar uma perspectiva do Modelo Social da Deficiência em seus capítulos e artigos.

Essa Convenção nasceu de um longo e amplo diálogo entre a ONU e os movimentos sociais das pessoas com deficiência. Seu marco político-social reside no fato de abarcar uma nova concepção da deficiência, reconhecendo

o corpo com impedimentos como expressão da diversidade humana é recente e ainda um desafio para as sociedades democráticas e para as políticas públicas. A história de medicalização e normalização dos corpos com impedimentos pelos saberes biomédicos e religiosos se sobrepôs a uma

história de segregação de pessoas em instituições de longa permanência. Apenas recentemente as demandas dessas pessoas foram reconhecidas como uma questão de direitos humanos. (DINIZ, BARBOSA e SANTOS, 2009, p.73).

Isso significa que a garantia à dignidade das pessoas com deficiência está para além do acesso aos bens e aos serviços médicos; exige a eliminação de barreiras sociais e ambientais em relação a tais corpos com impedimentos. A Convenção, portanto, acolhe a deficiência como uma questão de justiça e direitos humanos com o propósito de promover a igualdade das pessoas com deficiência no Brasil.

3.1 Análises das capas

Para as análises do material aqui proposto, é importante destacar que as capas estão constituídas pela imagem e pela chamada que a anuncia. Desse modo, a análise de conteúdo temática é a técnica utilizada nesta pesquisa, uma vez que busca os sentidos de um texto, tendo como alicerce uma mensagem. (MIGUEL, 2005; FRANCO, 1994).

Cumprir dizer que a presença do texto ou da imagem não anula toda a trama de significados que os leitores trazem consigo. “Ao mesmo tempo, aceitar a possibilidade de que a palavra pode fixar os significados de uma imagem é afirmar que há entre elas uma relação direta de correspondência”. (SABAT, 2001, p.13). Assim, considerando texto e imagem como linguagens diferentes, a única relação viável entre elas é de articulação, de complemento ou de justaposição, porém nunca de substituição.

Neste tipo de análise, o pontapé inicial é o conteúdo manifesto, aquilo que aparece explicitamente. Entretanto, Miguel (2005) sugere que “nada impede que o conteúdo latente, aquilo que está nas entrelinhas, possa ser olhado e considerado, desde que seja contextualizado social e historicamente”. Aliás, para além das análises do que está escrito, interessa refletir, principalmente, sobre o que está não-dito. Logo, Franco (1994, p.170) complementa que “a análise de conteúdo tem por finalidade produzir inferências sobre qualquer um dos elementos básicos do processo de comunicação”, implicando que os dados obtidos e as abordagens teóricas estejam entremeados, bem como esteja contemplado o contexto de quem as (re)produz.

Por ser a unidade de registro que mais cabe em análise de conteúdo, o tema é a unidade de análise utilizada para o mapeamento das capas da amostra desta pesquisa. Os detalhes deste levantamento e categorização dos temas estão apresentados no item 3.3.

3.2 Fonte de informação

Apesar da clareza do recorte de tempo – 2008, por estar relacionado à Convenção –, a princípio, meu objeto de pesquisa estava ligado às imagens de pessoas com deficiência divulgadas na *internet*. Entretanto, por ter encontrado certa dificuldade de recortar o espaço a ser pesquisado e a escassez de material com o perfil que procurava, convenci-me de que poderia render uma pesquisa mais consistente e um recorte mais definido se escolhesse pesquisar as três revistas nacionais de maior circulação no país, especificamente do segmento da deficiência: *Incluir*, *Reação* e *Sentidos*.

Depois do recorte de “lugar”, observei que cada edição de uma revista traz inúmeras pautas e sessões, e que analisar ambas as três revistas por inteiro em todas as suas edições, seria inviável por uma questão de tempo *versus* quantidade de conteúdo. Outro recorte deveria ser feito: optei em analisar apenas as imagens e a chamada principal contidas nas capas das revistas, pois é a imagem que provoca o primeiro impacto no leitor e é a matéria de capa que exige maior dedicação de texto e de fotografias no interior da revista, ou seja, a capa retrata o tema principal de determinada edição.

Em seguida, percebi que a *Revista Incluir* possui publicação apenas a partir de 2010, o que não se enquadra no meu critério de recorte temporal. Já a *Revista Reação* ficou de fora desse estudo por dois motivos: a) das vinte e quatro publicações no período em que escolhi pesquisar, apenas cinco ilustram imagens de pessoas com deficiência; e b) dificuldades em obter informações concernentes ao histórico, tiragem e número de assinantes da revista, seja através de busca pelo *site*, bem como por contato por *e-mail* com a editora.

A *Revista Sentidos*, por sua vez, foi criada em 2000 e suas edições de 2008 a 2013 correspondem aos meus critérios de pesquisa: em sua grande maioria, há pessoas com deficiência nas capas. Coincidentemente também no ano de 2008 a revista sofreu uma grande transformação editorial, a qual descrevo detalhadamente no item a seguir.

3.2.1 O que é a *Revista Sentidos*?

Segundo a AVAPE⁶ – Associação para a Valorização da Pessoa com Deficiência, que apoia a edição junto à Editora Escala, a *Revista Sentidos* se trata de

um veículo de comunicação que promove a inclusão social das pessoas com deficiência e traz uma nova visão sobre o assunto para a sociedade. Colabora com a quebra de antigos paradigmas e cria uma nova imagem para este público e pessoas relacionadas a ele. Além de informações, a *Revista Sentidos* oferece guias de serviços no impresso e digital.

A *Revista Sentidos* é uma publicação do segmento da pessoa com deficiência que traz, bimestralmente, 80 páginas de conteúdo sobre inclusão, reabilitação e acessibilidade. Segundo a própria editora, a revista foi criada no ano 2000 e, nesse mesmo ano, dois eventos importantes aconteceram no Brasil contribuindo para a criação da revista: o IBGE divulgou a pesquisa que contabilizou 24,5 milhões de brasileiros com deficiência e entrou em ação o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE).

Nos anos seguintes, alguns fatos marcaram a história e as páginas da *Sentidos*: em 2001, houve o lançamento da Feira Internacional de Acessibilidade, Inclusão e Reabilitação – a Reatech. Em 2002, a *Sentidos* foi reconhecida como veículo segmentado para o público com deficiência e participou do II Fórum Social Mundial em Porto Alegre (RS), no Movimento Nacional das Pessoas com Deficiência. Em 2003, a revista relatou a conquista da Lei 10.754, de 31 de outubro de 2003, que garante isenção de IPI, IOF, ICMS e IPVA às pessoas com deficiência

⁶ A Avape “é uma organização filantrópica de assistência social, (...) promovendo a inclusão, a reabilitação e a capacitação de pessoas com deficiência.”. Fundada em 1982, em São Paulo, foi a primeira no mundo a receber o certificado ISO 9001 pela DNV – *Det Norske Veritas*. AVAPE. Disponível em: <<http://www.avape.org.br/portal/pt/a-avape.html>>. Acesso em: 15 janeiro 2014.

na compra de veículos nacionais, facilitando para o usuário arcar com o custo da adaptação do carro.

No ano de 2004 o nanismo passou a ser considerado como deficiência e, por consequência, a ser contemplado na Lei de Cotas, isenções, além das especificações na Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR 9050). Em 2005, foi instituído o dia 21 de setembro como o Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência e a revista pode discutir como essa data representa a comemoração das vitórias dos movimentos realizados desde 1981. Além disso, no primeiro ano do Prêmio Anatec, a *Sentidos* ganhou o Troféu Ouro em "Publicação Segmentada do Ano" e conquistou o "Prêmio Inclusão Social 2005" da Associação Brasileira de Psiquiatria.

Em 2006, entrou em vigor a Lei nº. 11.126, de 27 de junho de 2005, que regulamenta o direito do cego de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Essa Lei foi criada em razão do processo que a advogada Thays Martinez moveu contra o Metrô de São Paulo, o que gerou mudanças nas regras de acessibilidade do transporte metroviário. Com essa matéria em pauta, a *Sentidos* conquistou o primeiro lugar do II Prêmio Anatec, novamente na categoria "Publicação Segmentada do Ano".

No ano de 2007, o Brasil assinou o Tratado Internacional para Pessoas com Deficiência nas Nações Unidas. Esse documento foi um passo importante para a garantia de dignidade das pessoas com deficiência e foi estabelecida como crime a sua discriminação. Até então a revista e o *site Sentidos* eram marcas de responsabilidade da Editora Áurea. Entretanto, em 2008, com o intuito de tornar a *Sentidos* uma revista de nível nacional, distribuída em bancas de jornal e aberta às assinaturas, a equipe da revista firmou uma parceria com a Editora Escala, que permanece até o momento.

No mesmo ano, foi criado um dos eventos mais importantes do segmento da deficiência: o Prêmio Sentidos, que privilegia trabalhos feitos por pessoas com deficiência e ações voltadas à inclusão social. Ainda em 2008, a revista firmou parceria com a Avape com o intuito de estar ligada à uma associação que trabalhasse com inclusão. Concomitantemente, algumas matérias publicadas na revista impressa também foram apresentadas no programa Instituto Ressoar dentro do canal *Record News*, como uma parceria de conteúdo. Durante cinco anos o programa apresentou as matérias da *Sentidos* e, em contrapartida, a revista estampou o selo do Instituto em suas capas. Porém, em 2013 o

Instituto Ressoar optou em exibir ações mais voltadas à responsabilidade social, deixando para trás um pouco da missão da *Sentidos* – a de ser um “veículo de superação para o público de pessoas com deficiência”, segundo o entrevistado⁷. Assim, a parceria limitava-se em transmitir as matérias sem qualquer tipo de influência nas pautas da revista.

Nos anos de 2009 e 2010, consultas e exames ginecológicos às mulheres com deficiência física começaram a ser oferecidos no Hospital Municipal Maternidade – Escola de Vila Nova Cachoeirinha (SP) e com essa pauta a revista *Sentidos* ganhou mais uma vez o Troféu de Ouro como melhor Revista Segmentada no IV Prêmio Anatec. Ainda em 2010, foi lançada a versão em áudio da revista para o público com deficiência visual.

Em 2011/2012 o Governo Federal lançou o Plano Viver Sem Limites⁸ e o tema foi matéria de capa da revista. Por fim, em 2013, a *Sentidos* tratou das novas diretrizes da ONU sobre inclusão e acessibilidade, bem como listou os novos países que ratificaram a Convenção da ONU Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência. Segundo Jussara Goyano, a tiragem por edição é de 40 mil exemplares, com circulação em todo o território nacional. Cerca de 8 mil pessoas assinam a revista impressa e 250 pessoas com deficiência visual assinam a versão em áudio.

Em relação ao perfil dos assinantes da *Sentidos*, 55% são mulheres e 45% são homens. Quanto à escolaridade, 70% tem nível superior, 21% médio e 9% fundamental. Os assinantes estão distribuídos nas seguintes faixas etárias: de 16 a 24 anos (18%), de 25 a 34 anos (32%); de 35 a 44 anos (31%) e com 45 ou mais (19%). Sobre o aspecto socioeconômico, 22% declararam-se da classe A, 55% da B e 23% entre C, D e E. A maioria, cerca de 57%, é de pessoas com deficiência e 43% sem deficiência. Cabe salientar que em 2013 a revista registrou um

⁷ Entrevista concedida por Denilson Nalin, gerente de negócios da *Revista Sentidos*. Os detalhes da entrevista estão apresentados no capítulo 5.

⁸ Segundo Maria do Rosário, Ministra Chefe da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, esse plano “trata-se de um conjunto de políticas públicas estruturadas em quatro eixos: Acesso à Educação; Inclusão Social; Atenção à Saúde e Acessibilidade, (...) capaz de assegurar um contexto de garantia de direitos para as pessoas com deficiência.”. **Plano Viver Sem Limites**. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/viver-sem-limite-0>>. Acesso em: 15 junho 2014.

aumento de 40% da carteira de assinantes em relação ao ano de 2012, evidenciando a abrangência e o crescimento do produto.

Outra informação pertinente a esta pesquisa é o fato que, folheando a revista, observamos que as propagandas referem-se apenas a serviços e produtos ligados à deficiência. Há, por exemplo, inúmeros anúncios de cadeiras de rodas, materiais específicos, aparelhos ortopédicos, autoescolas especializadas em carros adaptados, etc.; mas não há comerciais como nas outras revistas comuns, destinadas ao público jovem/adulto, como refrigerantes, cosméticos, roupas de grandes grifes, etc.

Em relação à produção das imagens das capas, Denilson Nalin esclareceu que, assim que o tema de capa é decidido pela comissão editorial, é repassado um pedido a um fotógrafo. Esse profissional faz diversas imagens referentes a determinado assunto e a mesma comissão editorial julga qual foto servirá para a capa. Esses dados sobre o perfil da revista merecem atenção nas análises complementares sobre as capas discutidas no capítulo 5.

3.3. O material

Partindo de uma perspectiva histórico-cultural, a qual contempla que as concepções e sentidos de deficiência para os leitores e redação são construídos historicamente, de acordo com o contexto no qual estão inseridos, fez-se importante selecionar em duas etapas as edições da revista que, de fato, apresentam a deficiência nas capas.

3.3.1. Primeira seleção de capas

A primeira etapa de seleção iniciou com o levantamento de todas as capas da revista *Sentidos* de 2008 a 2013, do número 44 ao 78. Trinta e quatro edições compõem o acervo entre esse período. A partir desse momento, foram descartadas as capas que não continham pessoa(s) com deficiência nas imagens ou nenhuma evidência no texto referente à imagem. Essas capas estão compostas por desenhos digitais, atrizes e atores, pessoas comuns, na quais não é possível afirmar – seja através da imagem ou do texto – que os personagens possuem algum tipo de deficiência.

Como resultado desta etapa, foram eleitas vinte e cinco capas com pessoa(s) com deficiência apresentada(s) pela imagem e/ou pelo

texto. Essas edições estão dispostas nos seguintes números: 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76 e 77. Essas capas foram mapeadas através de uma tabela detalhada, contemplando informações importantes de cada publicação para encontrar os temas que aprofundaria nas discussões do capítulo 6. Para tanto, a tabela abarca aspectos como: ano, número e edição; tema; quantidade de pessoas e contexto da imagem; texto da chamada da matéria de capa; tipo de deficiência; enquadramento da fotografia; e, por fim, período histórico, conforme segue a tabela:

Quadro 1 – DADOS EDITORIAIS E DESCRITIVOS DAS CAPAS (2008-2013).

EDIÇÕES			TEMA	PESSOA NA CAPA	CHAMADA	PLANO (enqd.)	TIPO DE DEF.	CONT. HISTÓRICO
A	N	D		n	Conteúdo			
8	44	2008	Sexualidade	3	Mulher com bebês gêmeos no colo	PA	Física	
			Família					
8	45	20	Lazer	1	Um home	PC	Física	

		08			m com próteses e nas pernas está sentado em pedras e sorri. Ao fundo, há o mar com barcos.	<i>L: Sentido foi à capital de Santa Catarina e conta como curtir a cidade sem restrições”</i>			
8	46	2008	Cotidiano	4	Quatro rostos: um jovem, um senhor, uma mulher adulta e outro senhor.	<i>“SEM MEDO DO ESCURO. De perdas que pareciam definitivas à redescoberta do gosto pela vida, eles contam como viveram, e superaram, o luto pela aquisição da deficiência.”</i>	<i>Clos e-up</i>	Não identificável	
8	47	2008	Afetividade e Sexualidade	2	Cadeirante homem com	<i>“Amor a toda prova: casais que encontraram a</i>	PC	Física	Discussões na novela “Viver a Vida”

			de		mulhe r no colo	<i>felicidade na adversidad e”</i>			
8	48	2 0 0 8	Belez a e Auto estím a	3	Cadei rantes lado a lado e outra mulhe r em pé atrás	<i>“Belas e poderosas. Sou deficiente, e daí?”</i>	PM	Física e outra não identific ável	

8	49	2 0 0 8	Família	2	Mãe segur a filho no colo	<i>“Força do bem: famílias contam como o amor supera tudo”</i>	PM	Síndro me de West	
8	50	2 0 0 8	Cotidiano	1	Home m segur ando violão	<i>“Vida! O brasileiro Herbert Viana conta por que não desiste nunca”</i>	PM	Física (não aparente)	
8	52	2 0 0 9	Família	2	Mãe segur a filha no colo e sorrie m	<i>“Quem não sente é boneca! Com esta frase, a mãe marca o início de um caso de amor: a adoção especial”</i>	PM	Síndro me de West	
8	54	2 0	Cotidiano	2	Mulher	<i>“Visão da alma:</i>	PM	Cegueira	Discussões

		09			cega com homem abraçando-a	<i>Danieli mostra que a deficiência não limita seus sonhos</i>			sobre cegueira na novela "Caras e Bocas"
8	55	2009	Trabalho	1	Mulher com Down e uniforme atrás de um balcão	<i>"Sim, eu trabalho! Pessoas com Síndrome de Down felizes por exercerem uma função"</i>	PM	Síndrome de Down	
9	57	2010	Preconceito	1	Mulher com nanismo segura cavalo	<i>"Tamanho não é documento: anões mostram que a diferença está nos olhos de quem vê"</i>	PC	Nanismo	
9	59	2010	Autoestima	1	Mulher com braço amputado sorrindo, vestida com roupa de dançando	<i>"A vitória dos AMPUTADOS: um show de alegria e autoestima"</i>	PA	Física	

					<p>ventre</p> <p>Braço direito levantado segurando um pano colorido</p>				
--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

9	60	2010	Beleza e Autoestima	1	Mulher atrás de mesa de trabalho	<i>“Beleza e autoestima: Nathalia, universitária, fala como superou a paralisia cerebral”</i>	PM	Paralisia cerebral	
9	61	2010	Cotidiano	2	Uma mulher está atrás de uma criança (aparentemente) autista. O menino segura um violão	<i>“Autistas: como mantê-los na nossa realidade”</i>	PA	Autismo	

					de brinq uedo				
1 0	63	2 0 1 1	Direit os	3	Três home ns vestid os social mente : um com cão-guia encost ado no carro, outro mais atrás com crach á e outro dentro do carro. Uma cadeir a de rodas fora do carro.	<i>“Conquista s: carro adaptado, cão-guia e carteira de trabalho assinada. As principais vitórias das pessoas com deficiência ”</i>	PC	Visual física e outra não identific ável	
1 0	66	2 0 1 1	Saúde	1	Crian ça (meni no)	<i>“Atrofia muscular espinhal: crianças</i>	PC	Física	

			Cotidiano		com boné preto, vestindo uniforme completo do Palmeiras sentado em cadeira de rodas	<i>que driblam a doença e vivem bem”</i>			
11	67	2011	Sexualidade	2	Casal abraçando	<i>“A hora do amor: como as famílias encaram o relacionamento entre jovens com Síndrome de Down”</i>	PA	Síndrome de Down	

11	68	2012	Inclusão/cidadania	1	traz uma mulher jovem sentada em uma cadeira de rodas em um camp	<i>“MAIS INCLUSÃO . Novo censo do IBGE motiva investimentos e mudanças comportamentais. Conheça algumas das ações</i>	PC	Física	
----	----	------	--------------------	---	--	---	----	--------	--

					o florido, de braços abertos, sorrindo e vestida informalmente	<i>que beneficiará o milhares de pessoas.”.</i>			
11	70	2012	Lazer	1	Home numa mesa de equipamento de som	<i>“Som do coração: com softwares simples e a vibração da música, DJs com deficiência auditiva arrasam nas pickups”</i>	PA	Surdez	
11	71	2012	Trabalho	1	Mulher em cadeira de rodas numa loja	<i>“Empreender é superar: o exemplo de quem entrou no mercado de trabalho com um negócio próprio e as recomendações para um empreendi</i>	PC	Física	

						<i>mento de sucesso</i>			
11	72	2012	Esporte	1	Homem vestido com uniforme do Brasil segurando uma medalha e sorrindo	<i>“VALEU, BRASIL! 21 ouros, 14 pratas e 8 bronzes: paratletas brasileiros voltam de Londres com missão cumprida”</i>	PM	Física	Paralimpíadas de Londres
11	73	2012	Autoestima Preconceito Beleza	1	Mulher com nanismo sentada em cima de um violão e sorrindo	<i>“Autoestima em alta: a experiência de quem superou o preconceito e a insegurança para seguir a carreira de modelo”</i>	PC	Nanismo	
12	74	2013	Cidadania/direitos/inclusão	1	Homem com boné, óculos escuros	<i>“Uma causa que motiva: a militância pela inclusão como</i>	PM	Física (não aparente)	10 anos do Movimento SuperAção

			Super ação		os e fazem “V” com os dedos da mão esque rda	<i>estímulo à superação e ao exercício da cidadania. Billy Saga, músico e cadeirante, presidente do Movimento SuperAção, que completa 10 anos: 'Decidi não esperar sentado'.</i>			
1 2	76	2 0 1 3	Espor te	1	Home m sentad o e sorrin do, vestid o com unifor me do Brasil segur ando uma medal ha	<i>“Superaçã o pelo esporte: ex- BBB, Fernando Fernandes conta como sua vida deu voltas para que ele retornasse àquilo que realmente o faz feliz: ser atleta (e campeão)”</i>	PA	Física	
1 2	77	2 0 1 3	Inclu são e cidad ania	1	Jove m mulhe r de perfil com fone	<i>“O som da igualdade: Paula Werneck, baterista, e seu empenho</i>	PM	Síndro me de Down	

					de ouvid os	na campanha nacional que usa a música como forma de promover a integração das diferenças”			
--	--	--	--	--	-------------------	---	--	--	--

Legenda: PC (corpo inteiro); PA (joelhos pra cima); PM (expressões) e *Close-up* (rosto).

Esta etapa da pesquisa possibilitou uma organização do material e, em seguida, tornou-se um importante instrumento para a categorização das revistas, pois por meio deste panorama pude perceber os temas que emergiram nas capas. Deste modo, as revistas foram classificadas, pelas seguintes temáticas: sexualidade e afetividade, saúde, cotidiano, cidadania/direitos/inclusão, esporte, trabalho, beleza e autoestima, lazer, família, preconceito/discriminação. Vale mencionar que uma única capa pode conter um ou mais temas.

3.3.2 Segunda seleção das capas

Guarnecida das informações obtidas na tabela, pude perceber que emergem temas mais interessantes ou recorrentes, e outros mais periféricos ou pouco frequentes dentre as vinte e cinco edições mapeadas. Desse modo, optei por deixar de fora da amostra final os temas mais periféricos ou menos frequentes, como saúde e esporte, por exemplo. Consequentemente, outros foram escolhidos com o objetivo de aprofundá-los nas discussões. Os cinco assuntos selecionados para as análises no capítulo 5 foram: afetividade e sexualidade; beleza e autoestima; cidadania e direitos; lazer e família.

3.4 O caminho percorrido até a redação da *Revista Sentidos*

Assim que decidi que essa seria a fonte de informações da minha pesquisa, comecei uma busca no site da revista⁹ com o intuito de encontrar dados editoriais e históricos. Entretanto, estas informações não estão disponíveis no site e foram obtidas através de contato por e-mail com a editora Jussara Goyano, que consegui por meio do serviço de atendimento ao leitor, no início de 2014.

Embora estes dados tenham sido importantes, em um segundo momento, percebi que as informações levantadas por e-mail eram insuficientes para uma maior apreensão do que realmente é a revista *Sentidos*. Sabendo da minha pesquisa e da minha necessidade de conhecer mais sobre este produto, em abril do mesmo ano, um amigo de São Paulo apresentou-me via rede social para um membro da revista.

Imediatamente entrei em contato com este relatando os objetivos da minha dissertação a respeito das imagens apresentadas nas capas da revista e questionando sobre a possibilidade de nos encontrarmos pessoalmente para a realização de uma entrevista a fim de me aproximar do objeto pesquisa. Prontamente ele respondeu que auxiliaria no que fosse necessário, não apenas através de entrevista, mas também com a disponibilização de qualquer tipo de material que fosse imprescindível à pesquisa. Marcamos a entrevista na própria Editora Escala, em São Paulo, para junho de 2014.

Seguramente os contatos feitos com a edição – seja por e-mail ou pessoalmente – possibilitaram imensurável aproximação da revista, o que, por consequência, proporcionou maior fidedignidade ao perfil e perspectivas da revista, descritos e analisados nessa pesquisa.

3.4.1. A visita

A visita na redação da revista *Sentidos* na Editora Escala em São Paulo aconteceu no dia 02 de junho de 2014. Hospedei-me na casa de uma amiga no litoral paulista, em Santos. Cheguei à capital, aproximadamente, às 10h da manhã. No portão da editora, o vigilante já estava de sobreaviso e autorizou que o carro fosse estacionado em uma das vagas do estacionamento interno, diferentemente da grande parte dos funcionários, que estaciona seus carros do lado de fora dos muros e portões, pois o pátio da empresa é pequeno. Vale mencionar uma

⁹ <http://revistasentidos.uol.com.br/>.

observação: não há vagas reservadas para pessoas com deficiência e idosos no estacionamento da editora. Paramos o carro próximo à porta de entrada e Denilson Nalin, o entrevistado, já aguardava. Apresentamos-nos. Senti-me muito bem recepcionada e fui convidada para entrar na editora.

Durante o trajeto até o balcão de credenciamento de visitante e à sala da entrevista, não pude deixar de notar que os elevadores são preferenciais às pessoas com deficiência, embora não haja rampa e entrada acessível na editora. Logo após a obtenção do meu crachá de visitante, fomos para o terceiro andar, onde fica o escritório da *Revista Sentidos*. Em uma grande sala de reuniões, acomodamo-nos.

Primeiramente, expliquei ao entrevistado como cheguei à *Revista Sentidos* e o motivo pelo qual eu havia proposto uma visita à editora e uma entrevista. Relatei que devido a grande circulação da revista e o fácil acesso à redação, escolhi a revista como fonte de pesquisa. Comentei que propus ir entrevistá-lo para obter informações, aproximarme do objeto pesquisado e, conseqüentemente, poder aprofundar e enriquecer a pesquisa.

Ele, em nome da revista, expressou grande satisfação em saber que a *Sentidos*, pela primeira vez, é objeto de uma pesquisa. Comentou que estava disponível para contribuir sempre que eu precisasse de informações, materiais e até mesmo de uma próxima visita, caso fosse necessário.

Por fim, entreguei a ele uma versão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em apêndice), a fim de preservar o seu direito de entrevistado. Iniciei a gravação de áudio explicando a ele que havia confeccionado um termo de consentimento para maior segurança de ambos – minha e dele enquanto representante da empresa. Em voz alta li todo o documento. Após a leitura, perguntei se havia alguma dúvida. Ele respondeu que concordava com as regras descritas no termo, que não havia dúvidas e o assinou. Conteí com a ajuda de dois auxiliares de pesquisa: meu companheiro Eugênio e minha amiga Rubenilda, que nos hospedou em Santos (SP) e nos levou até a Editora Escala, na capital São Paulo.

A entrevista foi aberta, sem um roteiro pré-definido, com o interesse em saber da história da revista, suas aspirações e de modo que o entrevistado e eu ficássemos livres para perguntar e responder. Assim, na medida em que fomos conversando os questionamentos também foram emergindo. A entrevista durou cerca de 2h. Após a longa

conversa, o entrevistado fez um convite para almoçarmos nas dependências da própria editora. No trajeto até o refeitório, encontramos Tarcila de Lourenzi, a filha do dono da Editora Escala, que é quem atualmente dirige a empresa. Fomos apresentadas por ele e Tarcila também se mostrou bastante receptiva e disponível para contribuir com minha pesquisa. Os principais trechos da entrevista serão apresentados conforme forem pertinentes às discussões a seguir.

4. RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os conteúdos coletados e devidamente examinados. Primeiramente, as informações referentes à entrevista feita com Denilson Nalin na redação da *Revista Sentidos* e, em seguida, a caracterização das edições que compõem o material desta pesquisa.

4.1. Sobre a visita e o ambiente da redação da *Revista Sentidos*

Antes de ir adiante com os resultados, é fundamental comentar algumas impressões da visita à redação da revista *Sentidos*. Logo que chegamos ao pátio da Editora Escala, o fato de ter que estacionar na vaga reservada à presidência da empresa por não existir vaga para pessoas com deficiência deixou-me um pouco incomodada.

Quando desci do carro, observei que na única porta de entrada/saída havia um degrau bastante alto. Neste instante, um único pensamento passou pela minha cabeça: como uma empresa deste porte, que deve receber e empregar pessoas com deficiência e que aloja a redação de uma revista do segmento da deficiência, não tem uma vaga destinada a estas pessoas nem uma entrada acessível?

Antes mesmo que eu comentasse sobre a vaga de estacionamento e a entrada inacessível, o entrevistado tentou desculpar-se, pois, segundo ele, não é possível fazerem mudanças externas no prédio da editora por se tratar de uma obra de Oscar Niemeyer¹⁰ que está em processo de tombamento.

Aqui cabe resgatar um pequeno trecho da entrevista em que o entrevistado critica as empresas inacessíveis que contratam pessoas com deficiência: *“Eu acho que quando surgiu a Sentidos, ela veio em um momento que o mundo estava passando por muitas transformações, entendeu? As leis começaram a aparecer, apareceram as leis de cotas...”*

¹⁰ O brasileiro Oscar Niemeyer foi um dos maiores arquitetos do mundo, projetando muitas obras importantes como, por exemplo, a construção de Brasília, capital federal do Brasil. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o órgão que protege as obras de Niemeyer. O arquiteto nasceu em 1907 e morreu em 2012, aos 104 anos. **Oscar Niemeyer**. Disponível em: <<http://www.niemeyer.org.br>>. Acesso em: 30 novembro 2014.

tá certo que essa lei já tem 22, 23 anos, mas a gente sabia que não eram cumpridas. Então a gente começou a ver essas pessoas com deficiência capacitadas a serem diretores, executivos sim, e fazer a coisa certa. Não aquela história de contratar a pessoa e deixar na casa dela. Entendeu? ‘Ah, eu contratei uma pessoa com deficiência’, ‘é, mas cadê a pessoa?’ ‘não, ela faz o trabalho na casa dela, porque o espaço aqui não tem acessibilidade’.”. Entretanto, mais a frente, Denilson demonstra desconforto ao afirmar que a Sentidos conta com uma colunista cadeirante, mas ela trabalha em casa por falta de acessibilidade na editora: “Eu tenho uma cadeirante que escreve pra Sentidos, mas poxa, ela não tem como vir aqui porque não tem rampa”.

Diferentemente da parte externa da editora, no ambiente interno observei outras coisas interessantes. Ainda no saguão notei que havia uma catraca acessível às pessoas que não conseguem passar na catraca comum. O elevador também era moderno, com sinalização dos andares em Braille¹¹.

No restaurante – onde almoçamos – havia outra catraca acessível. O balcão do *buffet* era baixo e com lugar para apoiar a bandeja, estando compatível com a necessidade de um cadeirante, por exemplo. As mesas também eram acessíveis: baixas, com pés que não atrapalhavam o encaixe de uma cadeira de rodas. Antes de ir embora, precisei ir ao banheiro e observei que era totalmente inacessível. Não havia espaço para uma cadeira de rodas, nem barra de apoio, tampouco pia e vaso sanitário adequados, conforme a norma da ABNT 9050¹².

¹¹ O Braille “é um sistema de leitura para cegos por meio do tato, criado em 1825 pelo francês Louis Braille, que perdeu a visão aos 3 anos de idade. (...) Sua escrita é baseada na combinação de 6 pontos, dispostos em duas colunas de 3 pontos, que permite a formação de 63 caracteres diferentes que representam as letras do alfabeto, números, simbologia aritmética, fonética, musicográfica e informática.”. **Braille.** Disponível em: <http://www.fundacaodorina.org.br/imprensa/releases/?id=481&/brasil_comemora_dia_nacional_do_braille1>. Acesso em: 15 dezembro 2014.

¹² A norma da ABNT 9050 “estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quando do projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade”. Disponível em:

Ainda que eu tenha relevado a justificativa do entrevistado diante dos contratempos (falta de rampa, de vaga no estacionamento e de banheiro adequado, por exemplo), muitas vezes ao longo do processo de análise de todos os materiais, inclusive das memórias do dia da visita, considero estes fatos bastante significativos, afinal, de certa maneira, refletem como a deficiência é construída social e culturalmente: de modo tenso, paradoxal e ainda segregado.

4.1.1. A entrevista com o Gerente de Negócios da *Revista Sentidos*

Viajei para São Paulo com algumas dúvidas acerca do (pouco) que eu já conhecia da revista, mas durante a entrevista outros questionamentos foram surgindo na medida em que fomos conversando. Entrevistei Denilson em uma grande sala de reuniões. Sentei na cabeceira da mesa e ele, na lateral. Fiquei bastante tranquila para termos um bate-papo. Ao longo da conversa, parei a gravação de áudio algumas vezes para ele atender ao telefone, pois, segundo ele, a produção estava fechando uma edição naquela semana.

Os trechos desta entrevista mais caros às análises das capas escolhidas estão contemplados ao longo das discussões seguintes.

4.2. Perfil da revista e suas transformações editoriais

Neste item, descrevo todas as capas que ilustram pessoas com deficiência em ordem cronológica, de 2008 a 2013. Julguei interessante exibir todas as vinte e cinco edições da primeira etapa de seleção da amostra para que o leitor pudesse conhecer e observar as capas e as transformações editoriais da revista. Cabe ressaltar que apresento também a edição 64, excluída inicialmente da amostra por não haver indícios de que estão retratadas pessoas com deficiência, mas que carrega uma importante mudança editorial da revista *Sentidos*, conforme veremos nas discussões das capas.

Ano 2008

Figura1- Revista Sentidos Nº 44 - Ano 2008



Desde o início de suas publicações até meados de 2008 – ano em que a revista mudou da Editora Áurea para a Escala –, a *Sentidos* possuía uma capa bastante “limpa”, constituída pela imagem e chamada da matéria principal e de algumas palavras que sintetizavam as outras

matérias. O nome “SENTIDOS” era escrito sobre a imagem e em letras maiúsculas, no canto superior da capa. Acima, estava o slogan da revista “A inclusão da pessoa com deficiência”. Ao lado dessa frase havia o endereço eletrônico da revista e os dados editoriais, como por exemplo, “ano 8, número 44”, conforme podemos observar na Figura 1.

É possível observar também que o *layout* está composto pela imagem de uma mulher com dois bebês no colo. A chamada diz “‘*SOU MÃE DE GÊMEOS*’. Flávia Cintra¹³, paraplégica, é umas das mulheres que desafiaram as dificuldades da deficiência para realizar o sonho da maternidade. Saiba como.”.

¹³ Flávia Cintra ficou tetraplégica aos 18 anos em decorrência de um acidente de carro. **Um Pouco da História da Tetraplégica Flávia Cintra**. Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2009/10/um-pouco-da-historia-da-tetraplegica.html>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

Figura 2- Revista Sentidos, Nº45, ano 2008.



A edição 45 traz o lazer como tema de capa. Nela, há um rapaz com próteses nas pernas sentado em algumas pedras. Ao fundo, vemos o mar com alguns barcos. O rapaz parece admirar a paisagem. O texto diz: *“FLORIPA ACESSÍVEL. Sentidos foi à capital de Santa Catarina e conta como curtir a cidade sem restrições.”*.

Figura 3- Revista Sentidos, Nº46, Ano 2008.



Ainda em 2008, outras duas edições da revista foram publicadas sob responsabilidade da Editora Áurea, as de números 45 e 46. A partir dessas publicações, a revista passou a ser um produto da Editora Escala com o objetivo de tornar-se um meio de comunicação entre as pessoas com deficiência em todo o território nacional, vendido por internet e em bancas, dando maior visibilidade ao tema. Vale mencionar que o valor

da publicação também sofreu alteração com a mudança de editora. Até essa edição, cada exemplar da revista custava R\$10,50.

A capa dessa edição está composta por quatro imagens retratando quatro rostos diferentes: um rapaz com, em média, 20 anos; um homem de, aproximadamente, 55 anos, uma mulher por volta dos 30 anos; e outro homem próximo dos 50 anos. A chamada principal diz: *“SEM MEDO DO ESCURO. De perdas que pareciam definitivas à redescoberta do gosto pela vida, eles contam como viveram, e superaram, o luto pela aquisição da deficiência.”*

Figura 4 - Revista Sentidos, Nº47, Ano 2008.



Com essa grande mudança editorial, consequentemente, suas capas sofreram transformações. A primeira edição feita pela Escala, a de número 47 (foto acima), por exemplo, traz uma capa com outro *layout*: muito mais colorida e composta de chamadas com títulos e textos um pouco mais explicativos. Nessa edição, a imagem retrata um homem numa cadeira de rodas e há uma mulher sentada no colo dele. A

chamada diz “AMOR À TODA PROVA. Casais que encontraram a felicidade na adversidade”. A partir dessa edição 47 – já sob responsabilidade da Editora Escala –, a revista passou a custar R\$7,90.

O nome da revista permanece na parte superior, entretanto, em letras minúsculas e num cabeçalho bem mais evidente definido por uma cor diferente da foto. O *slogan* e os dados editoriais continuam presentes, mas o endereço eletrônico da revista foi excluído, definitivamente, das capas. Em 2008, a Sentidos firmou duas parcerias: com o Instituto Ressoar cujo objetivo era de o programa transmitir, em forma de reportagem televisiva, algumas matérias da revista impressa; e com a Avape, por se tratar de uma associação referência em inclusão de pessoas com deficiência e, assim, agregar maior valor à publicação.

À época, foram incluídos os selos do Instituto Ressoar e da Avape ao lado do símbolo da *Sentidos*, conforme o detalhe:

Figura 5 - Selos da Revista Sentidos



Figura 6 - Revista Sentidos, Nº48, ano 2008



Na capa de número 48, há três mulheres. Duas delas estão sentadas ligeiramente de costas uma para a outra e a terceira está em pé atrás das duas. Ambas sorriem. Das três mulheres, é possível afirmar que apenas uma possui deficiência, pela pequena parte de sua cadeira de rodas que está aparente na imagem. A chamada de capa diz: “*BELAS E PODEROSAS. Sou deficiente, e daí?*”.

Figura 7 - Revista Sentidos, Nº 49, ano 2008.



Na edição de número 49, a capa traz uma imagem de uma mulher, a atriz Isabel Fillardis¹⁴, sorrindo com uma criança (um menino)

¹⁴ Isabel Fillardis é uma atriz brasileira e mãe de Jamal, portador da Síndrome de West – um tipo de epilepsia infantil grave que provoca o atraso no

no colo. O texto referente à capa é: “*FORÇA DO BEM. Famílias contam como o amor supera tudo.*”.

Figura 8 - Revista Sentidos, Nº 50, Ano 2008.



Na publicação seguinte, a de número 50, a reportagem de capa retrata um homem sorrindo e segurando um violão. Como o enquadramento da imagem é da metade do abdome para cima, apenas é possível afirmar ser um homem com deficiência por se tratar do cantor

Herbert Vianna¹⁵. A chamada da capa diz: “*VIDA! O brasileiro Herbert Vianna conta por que não desiste nunca.*”.

¹⁵ No dia 4 de fevereiro de 2001, Herbert Vianna sofreu um acidente aéreo quando o ultraleve que pilotava caiu no mar, na baía de Angra dos Reis, litoral do Rio de Janeiro. No acidente, sua esposa Lucy morreu e Herbert ficou internado por 44 dias. O músico ficou paraplégico e perdeu parte da memória depois do acidente. Depois de um longo processo de recuperação, conseguiu retomar sua carreira à frente de sua banda, *Os Paralamas do Sucesso*. **Herbert Vianna**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Herbert_Vianna>. Acesso em: 15 dezembro 2014.

Ano 2009

Figura 9 - Revista Sentidos, Nº52, ano 2009.



A imagem da capa 52 retrata uma mulher olhando para baixo com uma criança no colo. Ambas sorriem, parecendo um momento de muita descontração. A imagem está com enquadramento da cintura para cima e não é possível afirmar que alguma delas ou ambas possuem

deficiência. Essa suposição aparece com o texto que diz: “*‘QUEM NÃO SENTE É BONECA’*. Com esta frase, a mãe marca o início de um caso de amor: a adoção especial.”.

Figuras 10 - Revista Sentidos, Nº54, Ano de 2009.



A capa 54 retrata um casal heterossexual abraços (o homem atrás e a mulher na frente). Ambos sorriem - ele mais timidamente – e são atores: Wagner Setisteban e Danieli Haloten, que é cega na vida real. Ela aparece de óculos escuros na imagem e a chamada diz: “*VISÃO DA ALMA. Danieli mostra que a deficiência não limita seus sonhos.*”.

Ainda em 2009, na edição 54, a equipe decidiu adotar mais um selo nas capas para que o leitor pudesse identificar imediatamente que a *Sentidos* refere-se a uma revista do segmento da deficiência. Tal selo – que ora está na posição horizontal, ora na vertical – ilustra quatro símbolos no cabeçalho: deficiência visual, auditiva, intelectual e física, respectivamente:

Figura 11 - Selos com os símbolos das deficiências



Figura 12 - Revista Sentidos, Nº 55, Ano 2009.



A imagem de capa da edição 55 traz uma jovem com Síndrome de Down sorrindo e de braços cruzados atrás de um balcão. Aparentemente ela veste um uniforme. O texto diz “*SIM, EU TRABALHO!*” *Pessoas com Síndrome de Down felizes por exercerem uma função.*”.

Ano 2010

Figura 13 - Revista Sentidos, N°57, Ano 2010



Na capa da edição 57 a imagem retrata uma jovem com nanismo¹⁶ segurando um cavalo pelas rédeas. A jovem veste roupas de montaria e sorri. A imagem é de corpo inteiro e é possível observar que a moça possui nanismo. O texto diz: “*TAMANHO NÃO É DOCUMENTO. Anões mostram que a diferença está nos olhos de quem vê.*”.

¹⁶ O nanismo “é uma doença genética que provoca um crescimento esquelético anormal, resultando num indivíduo cuja altura é muito menor que a altura média de toda a população.”. Quando adulto, a pessoa com nanismo tem, aproximadamente, de 1m a 1,20m de altura. **O Que é Nanismo?** Disponível em: <<https://genetica12.wordpress.com/nanismo/>>. Acesso em: 03 janeiro 2015.

Figura 14 - Revista Sentidos, Nº 59, ano 2010.



Na capa 59 a imagem é de uma mulher sem o braço esquerdo trajando roupa de dança do ventre¹⁷ e com um lenço na mão direita. Seu

¹⁷ Segundo Braga (2001, p.7), “a Dança do Ventre é uma arte com forma, figura e sequência de movimentos corporais circulares e ondulatórios, (...) às vezes lentos ou rápidos e acontece ao som e ao ritmo da música árabe, grega, turca ou

braço direito está levantado e o lenço simula um movimento em suas costas. O texto de chamada é “*A vitória dos AMPUTADOS. Um show de alegria e autoestima.*”.

egípcia, em geral.”. Os trajes usados nessa dança, geralmente, são saias longas e sutiãs de bojo bordados com franjas e muitos adereços brilhosos.

Figura 15 - Revista Sentidos, N°60, Ano 2010.



A revista de número 60 mostra uma mulher atrás de uma mesa, aparentemente, de trabalho. É possível ver parte de um computador em cima da mesa. Observando apenas a imagem, não fica claro que a jovem possui deficiência, mas a chamada diz: “*BELEZA E AUTOESTIMA*”.

Nathalia, universitária, fala como superou a PARALISIA CEREBRAL¹⁸.”.

¹⁸ A Paralisia Cerebral (PC) é um termo geral que engloba manifestações clínicas muito variadas, que tem em comum a dificuldade motora em consequência a uma lesão cerebral. **Paralisia Cerebral - Perguntas e Respostas (o que cuidadores e pacientes devem saber)**. Disponível em: <<http://www.paralisiacerebral.org.br/saibamais05.php>>. Acesso em: 07 janeiro 2015.

Figura 16 - Revista Sentidos, Nº 61, Ano 2010.



A capa 61 tem o autismo¹⁹ como assunto em destaque. Na imagem há uma mulher sorrindo atrás de um menino e o apoiando com

¹⁹ Segundo o site Autismo e Realidade, o Transtorno do Espectro Autista “é uma condição geral para um grupo de desordens complexas do desenvolvimento do cérebro. (...) Esses distúrbios se caracterizam pela dificuldade na

uma das mãos. Ele segura um violão de brinquedo. A chamada de capa diz: “*AUTISTAS. Como mantê-los na nossa realidade.*”.

comunicação social e comportamentos repetitivos. Embora todas as pessoas com TEA partilhem essas dificuldades, o seu estado irá afetá-las com intensidades diferentes.”. **O Que é Autismo?** Disponível em: <<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo/>>.

Acesso em: 07 janeiro 2015.

Ano 2011

Figura 17 - Revista Sentidos, Nº 63, Ano 2011.



A conquista de direitos pelas pessoas com deficiência é o tema principal da edição 63. Na imagem aparece metade de um carro com a

porta aberta, um homem sentado no banco do motorista e uma cadeira de rodas próxima à porta. Mais a frente, encostado no capô há um homem segurando um cão-guia e, mais atrás, do outro lado o carro, um homem com um crachá aponta para o carro. A chamada da matéria diz: *“CONQUISTAS. Carro adaptado, cão-guia e carteira de trabalho assinada. As principais vitórias das pessoas com deficiência.”*

Figura 18 - Revista Sentidos, Nº 64, Ano 2011.



Não obstante, a revista ganhou uma reformulação no design da palavra “Sentidos” em sua 64ª edição, em 2011. Segundo Denilson, o selo com o símbolo das deficiências estava imperceptível ao leitor/assinante em potencial – principalmente, àquele que vai às bancas. Além disso, a equipe chegou à conclusão de que o nome da revista, escrito de maneira convencional, poderia dar margem para muitas

interpretações, podendo ser atribuída a sentidos corporais, por exemplo, e confundir as pessoas em um primeiro contato com a publicação. Assim, a letra “o” da palavra “Sentidos” foi substituída pelo mesmo desenho do símbolo internacional de acesso²⁰ com o intuito de marcar a revista como um produto do segmento da deficiência. Desse modo, foi constituído o layout que perdura até o momento:

Figura 19 - Topo da revista com o símbolo internacional da deficiência substituindo a letra “o”.



Apesar de ser uma capa de importantes transformações para a publicação, a edição 64 não está na lista geral de capas analisadas pelos motivos já explicitados anteriormente. A imagem está composta pela sombra de dois rostos, um feminino e outro masculino. Ambos estão de frente um para o outro. Não é possível afirmar que algum deles ou ambos possuem deficiência. Na chamada escrita referente à matéria da capa há o anúncio: "*SEXO: você pode e deve*".

²⁰ O símbolo foi adotado em 1969 pela *Rehabilitation International* (RI) e significa que as pessoas com deficiência possuem direito se locomoverem por toda parte. **Símbolo Internacional de Acesso**. Disponível em: <<http://www.ppd.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=58>>. Acesso em: 07 janeiro 2015.

Figura 20 - Revista Sentidos, Nº 66, Ano 2011



A edição 66 aborda o tema da saúde. Na imagem há um menino cadeirante vestindo o uniforme do Palmeiras²¹. O texto referente à

²¹ Palmeiras é um time de futebol com sede em São Paulo, a mesma cidade onde fica a Editora Áurea – a editora da revista *Sentidos*.

matéria diz: “*ATROFIA MUSCULAR ESPINHAL*”²². *Crianças driblam a doença e vivem bem.*”.

²² A Atrofia Muscular Espinhal é uma doença genética caracterizada pela atrofia muscular secundária à degeneração de neurônios motores localizados na parte anterior da medula espinhal. **Amigos da Atrofia Muscular Espinhal**. Disponível em: <http://atrofiaespinhal.org/?page_id=22>. Acesso em: 07 janeiro 2015.

Figura 21 - Revista Sentidos, Nº 67, Ano 2011.



Na imagem da capa da edição 67, aparece um casal heterossexual de pessoas Síndrome de Down abraçado. Ambos são jovens e a chamada escrita referente à matéria da capa diz: "*A HORA DO AMOR: como as famílias encaram o relacionamento sério entre jovens com Síndrome de Down.*".

Ano 2012

Figura 22 - Revista Sentidos, Nº68, Ano 2012.



A edição 68 traz em sua capa a cidadania como tema principal. A imagem é composta por uma mulher cadeirante, de braços abertos e sorrindo no meio de uma plantação de flores. O texto referente à

imagem diz: “*MAIS INCLUSÃO. Novo censo do IBGE²³ motiva investimento e mudanças comportamentais. Conheça algumas das ações que beneficiarão milhares de pessoas.*”.

²³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Figura 23 - Revista Sentidos, Nº 70, Ano 2012.



O lazer e a surdez são os temas da edição de número 70. Na imagem, um jovem rapaz sorri e aparenta mexer em um equipamento de som, nos moldes de uma mesa para *DJ*²⁴. O texto referente á imagem

²⁴ Sigla em inglês designada ao *disc jockey*, ou disco jóquei, em português, que é o responsável por tocar as músicas de uma ocasião. **Significado de DJ.**

diz: “*SOM DO CORAÇÃO. Com softwares simples e a vibração a música, DJs com deficiência auditiva arrasam nas pick-ups*”²⁵.”.

Disponível em: <<http://www.significados.com.br/dj/>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

²⁵ Pick-ups são veículos “com a parte superior traseira aberta que está quase sempre separada da cabine para permitir a flexão do chassi ao transportar ou puxar cargas pesadas.”. **Pick-Up**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pickup>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

Figura 24 - Revista Sentidos, Nº 71, Ano 2012.



A edição 71 retrata uma mulher sorrindo e sentada em uma cadeira de rodas dentro, aparentemente, de uma loja. O texto da chamada diz: *“EMPREENDER É SUPERAR. O exemplo de quem entrou no mercado de trabalho com um negócio próprio e as recomendações para um empreendimento de sucesso.”.*

Figura 25 - Revista Sentidos, Nº 72, Ano 2012.



As Paralimpíadas de Londres foram tema de capa da edição 72. Nela, o paratleta Daniel Dias²⁶ aparece vestindo o uniforme do Brasil e

²⁶ Daniel Dias nasceu com uma má-formação congênita nos membros superiores e na perna direita. É o maior medalhista do Brasil em

segurando a medalha de ouro com a mão esquerda. Ele sorri. O texto referente à imagem diz: “*VALEU, BRASIL! 21 ouros, 14 pratas e oito bronzes: PARATLETAS BRASILEIROS VOLTAM DE LONDRES*”²⁷ *COM MISSÃO CUMPRIDA.*”.

Paraolimpíadas. **Daniel Dias.** Disponível em: <<http://cielosports.com.br/atleta.php?id=3>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

²⁷ A menção a Londres refere-se às Olimpíadas e Paralimpíadas que ocorreram em Londres, em 2012.

Figura 26 - Revista Sentidos, Nº 73, Ano 2012.



A edição 73 traz uma mulher com nanismo sentada em cima de um violão e sorrindo. O assunto de capa é a autoestima, cujo texto diz: *“AUTOESTIMA EM ALTA. A experiência de quem superou o preconceito e a insegurança para seguir a carreira de modelo.”*

Ano 2013

Figura 27 - Revista Sentidos, Nº74, Ano 2013.



A capa da edição 74 retrata Billy Saga²⁸ e aborda o tema da cidadania. Billy é cadeirante, mas na imagem não é possível visualizar sua cadeira de rodas devido ao tipo de enquadramento da fotografia. Vemos Billy em enquadramento do abdômen para cima. O personagem de capa traja colete xadrez, óculos escuros, boné e com a mão esquerda faz sinal de “V” com dois dedos. O texto diz: *“UMA CAUSA QUE MOTIVA. A militância pela inclusão como estímulo à superação e ao exercício da cidadania”*.

²⁸ Billy Saga é cadeirante em decorrência de uma lesão medular. Além disso, Billy é “rapper, ator, publicitário, artista plástico, presidente da ONG Movimento SuperAção, consultor da ONG Mais Diferenças e conselheiro da Ouvidoria da Defensoria Geral do Estado de São Paulo.” **A Saga Continua...** Disponível em: <<http://www.billysaga.com/>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

Figura 28 - Revista Sentidos, Nº 76, Ano 2013.



A edição 76 retrata o paratleta Fernando Fernandes²⁹. Na imagem ele aparece segurando uma medalha e sorrindo. Fernando é cadeirante e,

²⁹ Fernando Fernandes é cadeirante desde 2009 em decorrência de lesão medular ocasionada por um acidente de trânsito. **Biografia**. Disponível em:

aparentemente, está sentado, todavia não é possível ver sua cadeira de rodas. No texto diz: “*SUPERAÇÃO PELO ESPORTE. Ex-BBB³⁰ FERNANDO FERNANDES conta como sua vida deu voltas para que ele retornasse àquilo que realmente o faz feliz: ser atleta (e campeão).*”.

<<http://www.fernandofernandeslife.com/biografia>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

³⁰ A nomenclatura “BBB” refere-se ao *reality show* “Big Brother Brasil”, do qual Fernando Fernandes participou na segunda edição, em 2002. **BBB 2 – Fernando Fernandes.** Disponível em: <<http://bbb.globo.com/BBB2/0,6993,BIA1-1764-39,00.html>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

5. DISCUSSÕES

Este capítulo está composto pelas análises das capas da *Revista Sentidos* selecionadas para esta pesquisa, de 2008 a 2013, com os números de edições 44, 45, 47, 48, 49, 52, 59, 60, 63, 64, 67, 68, 70, 73, 74 e 77. Os temas evocados nas capas e analisados a seguir são: sexualidade e afetividade, beleza e autoestima, cidadania/direitos/inclusão, lazer e família. Após o levantamento das edições e das suas informações pertinentes à pesquisa, exponho as discussões acerca das capas que possuem a mesma temática. Cumpro mencionar que algumas imagens suscitam mais de um assunto e, portanto, aparecem nas discussões de mais de um tema.

5.1. Análise das Capas

5.1.1. Sexualidade e Afetividade

As capas da *revista Sentidos* relacionadas aos temas sexualidade e afetividade são as de edições 44, 47, 64 e 67. São elas, respectivamente:

Figura 1 - Revista Sentidos Nº 44 - Ano 2008



A capa da edição 44 está composta pela imagem de uma mulher com dois bebês no colo. A chamada diz “*SOU MÃE DE GÊMEOS*”. Flávia Cintra³¹, paraplégica, é umas das mulheres que

³¹ Na realidade, Flávia Cintra ficou tetraplégica, e não paraplégica, como mencionou a revista. Flávia é jornalista e adquiriu deficiência aos 18 anos em decorrência de um acidente automobilístico. **Um Pouco da História da Tetraplégica Flávia Cintra.** Disponível em:

desafiaram as dificuldades da deficiência para realizar o sonho da maternidade. Saiba como". Nesta capa, vemos um enquadramento em plano médio, que nos permite visualizar a mulher apenas do abdômen para cima. Sabemos que se trata de uma mulher com deficiência porque a chamada nos informa que Flávia é paraplégica. No entanto, não vemos sua cadeira de rodas. Assim, texto e imagem justapõem-se, pois, enquanto o primeiro evidencia a deficiência, a segunda, oculta.

Não há uma abordagem direta a respeito da sexualidade nesta capa, seja pela imagem ou pelo texto. Esta edição reconhece, indiretamente, a dimensão da sexualidade de Flávia quando se refere à possibilidade de uma pessoa com deficiência – paraplégica, nesse caso – ter filhos. Gesser e Nuernberg (2014) apontam que são muitas as barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam no tocante à sexualidade, isto porque “existe um mito de que a pessoa com deficiência é assexuada, não apresentando desejos, interesses, práticas e necessidades sexuais.” (p.577). A respeito do trecho da chamada que diz que Flávia desafiou “*as dificuldades da deficiência para realizar o sonho da maternidade*” podemos interpretá-lo de duas maneiras.

Na primeira delas podemos entender “*dificuldades da deficiência*” como os impedimentos físicos em decorrência da deficiência, pois o útero pode ficar mais contraído e dificultar a fecundação. Além disso, mulheres com lesão medular correm mais risco de aborto por conta de infecções urinárias que são bem comuns em cadeirantes. Há também maior incidência de formação de cálculos nos rins e mais dificuldade de posicionamento, ocasionando dor nas costas e no corpo. Portanto, mulheres com lesão medular que desejam ter filhos devem fazer exames de rotina com frequência, uma vez que nestes casos a gestação é arriscada, tal como é de risco uma gravidez de mãe hipertensa ou diabética (CARVALHO et al, 2010).

Outro viés de compreensão do trecho “*dificuldades da deficiência*” pode ser pelas barreiras (atitudinais, comunicacionais, em escolas, na família, em serviços de saúde, etc.) que este grupo social enfrenta em diversos contextos e que dificultam garantia de seus direitos sexuais e reprodutivos. Dentre estas barreiras, principalmente as atitudinais, expressadas através de mitos e tabus reforçam a ideia de que

peessoas com deficiência ora manifestam libido exacerbados, ora são assexuadas, não necessitando vivenciar sua sexualidade. Há o mito de que este grupo social não consegue manter ou desfrutar do sexo como as demais pessoas, possuindo distúrbios sexuais (TEPPER, 2000). Além disso, persiste a lenda de que pessoas com deficiência não possuem fertilidade, “geram filhos com deficiência ou não têm condições de cuidar deles”. (GESSER e NUERNBERG, 2010, p.577).

Os autores apontam que outra barreira reside na suposição de que pessoas com deficiência não causam atração ou desejo e que não são capazes de estabelecer um relacionamento sexual ou afetivo com as demais pessoas. Este argumento nos ajuda a discutir a capa 47 (abaixo), cuja imagem traz homem numa cadeira de rodas e há uma mulher sentada no colo dele. A chamada diz “*AMOR À TODA PROVA. Casais que encontraram a felicidade na adversidade*”.

Figura 4 - Revista Sentidos, Nº47, Ano 2008.



O enquadramento desta imagem está em plano conjunto, o que nos permite observar a cadeira de rodas de um dos personagens retratados e ambos de corpo inteiro. A retórica visual correspondente à imagem é realista, pois, ao mesmo tempo em que marca a deficiência apresentando-a, nos aproxima das pessoas retratadas, nos identificamos por estarem fazendo algo trivial: sendo um casal. No entanto, ao nos determos no texto, vemos dois pontos interessantes. O primeiro deles está relacionado ao título da chamada que diz “*Amor à toda prova*” e, em seguida, “*felicidade na adversidade*” que evocam a ideia de que

casais onde um dos parceiros ou ambos possuem deficiência devem provar o amor que sentem e obterem felicidade na adversidade. Vale lembrar que adversidade é sinônimo de dificuldade, que podemos compreender como uma barreira atitudinal socialmente construída, a qual reitera a fantasia de que as questões do amor, do sexo e do prazer não são factíveis a este grupo social (TEPPER, 2000; GESSER e NUERNBERG, 2014).

Figura 21 - Revista Sentidos, Nº 67, Ano 2011.



Num primeiro olhar para as edições com a temática do sexo e da afetividade, são nítidas as diferenças entre as capas que abordam o amor e o sexo. Na edição que discute o sexo (edição 64 – abaixo) e a possibilidade de pessoas com deficiência exercerem sua sexualidade, vemos duas pessoas através de sombras. São apenas contornos de rostos, silhuetas. Não podemos ver os corpos, tampouco se algum deles ou ambos possuem algum tipo de deficiência. Em contrapartida, nas edições em que o tema é o amor (a afetividade), vemos um casal cadeirante, conforme já discutimos anteriormente, e outro com Síndrome de Down abraçados (edição 67 – acima), ambas as imagens em um enquadramento fotográfico que permite vê-los quase por completo.

Em um segundo momento, olhando para as chamadas das capas, é possível perceber o quanto os textos estão incoerentes em relação às imagens e edições as quais pertencem. Trago essa observação, pois o texto também denota uma representação fixando significados da imagem. Segundo Sabat (2001, p.13), “(...) é afirmar ser possível através de palavras traduzir uma imagem em todas as suas dimensões. (...) a única relação possível entre eles é de articulação, de complemento ou de justaposição, mas nunca de substituição.”.

Figura 18 - Revista Sentidos, Nº 64, Ano 2011.



No caso das capas analisadas, percebe-se o quanto os textos se justapõem às imagens. Na edição 64, embora o texto diga que “*SEXO: você pode e deve*”, a imagem em *close-up* e escura possibilita uma interpretação contrária: que é algo obscuro, velado e sem dar visibilidade à deficiência. Na edição 67, por sua vez, embora a imagem mostre nitidamente um casal com Síndrome de Down, o texto fala do amor trazendo as famílias como sujeitos principais da matéria, dando, portanto, margem à ideia de que pessoas com deficiência, principalmente a intelectual, são meras coadjuvantes, pessoas

eternamente tuteladas e destituídas da capacidade de gerir a própria vida.

Vale destacar que a sexualidade nada mais é que uma extensão do humano que atravessa a subjetividade e a sociedade relacionada ao afeto e ao erotismo como uma marca singular do homem desenvolvida e presente na sua condição cultural e histórica. (MELO e BERGO, 2003; NUNES e SILVA, 2000). Nesse sentido, discutir a sexualidade da pessoa com deficiência viabiliza uma crítica à da “biologização do corpo e da patologização da sexualidade engendrada pela perspectiva medicalizante (...). A corporificação da experiência da deficiência, ao subverter o estigma do corpo com lesão, releva a condição de pessoa (...).” (MELLO e NUERNBERG, 2012, p.643). Há, portanto, uma visão estereotipada e patologizante da sexualidade da pessoa com deficiência, sobretudo de deficientes intelectuais. Qualquer que seja a manifestação sexual, por mais sutil que seja, pode ser decodificada “como pervertida, anormal, doentia, uma exacerbação sexual.” (MELO e BERGO, 2003, p.230).

Relacionando as contribuições dos autores com as imagens e chamadas acerca da sexualidade, está claro que há uma falsa ideia de que a sexualidade da pessoa com deficiência é sem limites, ingênua ou inexistente. Especificamente sobre a capa da edição 67, Glat e Freitas (1996, p.15) contribuem para essa reflexão ao afirmarem que “este estereótipo do deficiente mental como (...) assexuado, é uma extensão da visão popular do deficiente como ‘uma eterna criança’”. Através desses conceitos distorcidos é que a sociedade vai construindo um olhar da sexualidade da pessoa com deficiência. É inclusive sob essa ótica que a maioria das famílias (des)educam sexualmente seus filhos com deficiência: ora negando sua sexualidade, ora estigmatizando-a.

Outro ponto importante pelo qual podemos interpretar a capa da edição 67 é a relação que as pessoas fazem entre a aquisição de responsabilidade e maturidade para o pleno exercício da atividade sexual. Bernardi (1985 apud MELO e BERGO, 2003) aponta que o significado de ser responsável é o de inserir-se “ordinariamente e docilmente no mecanismo social, aceitar suas imposições, ‘constituir uma família’, adaptar-se a um trabalho ‘normal’, ter sucesso, conseguir alcançar certa posição econômica e, sobretudo, ter a idade certa.” (p.41). Ainda para Bernardi (1985), a maturidade corresponde a ter alcançado um nível evolutivo respectivo às características dos adultos. Portanto, “crianças e jovens (...) que não podem ser classificados como ‘maduros’,

mesmo tendo atingido uma idade cronológica que o definiria como adulto, considerados eternas crianças, não poderiam nunca exercer uma atividade sexual, pois não se enquadrariam nesses modelos prescritos.” (MELO e BERGO, 2003, p.233).

Entretanto, o ideal seria compreender a maturidade como a capacidade de realizar, de pensar, de sentir e de participar ativamente de cada estágio da vida. (BERNARDI, 1985). Pensando a maturidade e a responsabilidade sob esse prisma, não está correto considerar imaturos ou irresponsáveis as pessoas com deficiência intelectual estritamente por sua limitação cognitiva, uma vez que elas o são dentro de suas limitações e não nos limites socialmente constituídos.

Vale ainda lembrar que a edição 64 abriga a transformação editorial mais significativa entre os anos de 2008 a 2013: o símbolo internacional da deficiência introduzido na palavra “Sentidos” como forma de sinalizar ao leitor que a revista se trata de uma publicação do segmento da deficiência. Essa mudança justamente em uma capa tão dissonante com os direitos sexuais e reprodutivos que vem sendo largamente pleiteados pelas pessoas com deficiência parece tensionar ainda mais a possibilidade de identificação entre a revista e o leitor.

5.1.2 Autoestima e Beleza

Dentre as capas, algumas imagens e textos emergem o tema da autoestima e/ou da beleza. Elas são as de edição 48, 59, 60 e 73, respectivamente:

Figura 6 - Revista Sentidos, Nº48, ano 2008



Na capa de número 48, há três mulheres. Duas delas são brancas e estão sentadas ligeiramente de costas uma para a outra e a terceira, que é negra, está em pé atrás das duas. Ambas sorriem. Das três mulheres, é possível afirmar que apenas uma possui deficiência, pela pequena parte de sua cadeira de rodas que está aparente na imagem. A chamada de capa diz: “*BELAS E PODEROSAS. Sou deficiente, e daí?*”.

Na capa acima vemos não só uma manifestação do belo e do poder das mulheres retratas, mas por um lado certo desdém por serem pessoas com deficiência e por outro uma afirmação da sua condição. Em

outras palavras, quando o texto diz “*Sou deficiente e daí?*” há uma provocação no sentido de que, exatamente por serem mulheres com deficiência, supostamente não pudessem ser também belas e poderosas, como se ambos os atributos (belas e poderosas *versus* deficiente) fossem adjetivos antagônicos. Por outro lado, a mesma frase parece evocar determinado orgulho da condição de ser deficiente.

Para analisar uma capa que evoca os temas beleza e poder, vale iniciar citando os estudos de Figueira e Goellner (2005). As autoras apontam para uma disseminação de informações – em revistas, nesse caso – que interpelam os sujeitos de diversas formas com o intuito de provocar demandas a respeito do seu corpo e do seu modo de ser, uma vez que “pensar o próprio corpo é, na atualidade, pensar sobre si mesmo e sobre a identidade de cada um.” (p.88). Esses discursos são muitos e estão engendrados acerca da valorização da beleza e da juventude, associando-as à felicidade e ao poder. Ser belo, ter um corpo perfeito conforme o anseio de cada sujeito é uma afirmação que vem se consolidando, concebendo-o como inerente, normal, “(...) Portanto, ‘naturais’ do viver a identidade contemporânea”. (p.88). Nessa capa, esse fenômeno se manifesta pela ocultação da deficiência das mulheres fotografadas, “justificada” pela representação da beleza e do poder, como se beleza fosse sinônimo de poder *apesar de* ser deficiente.

Baudrillard (1995) assegura que o corpo é visto como objeto de consumo e, portanto, está inserido numa lógica consumista. Essa visão parte do pressuposto de que é determinado e bem-sucedido aquele que é capaz de esculpir, moldar, controlar e transformar seu corpo para aproximá-lo de um ideal, refletindo essas qualidades para quaisquer esferas da vida.

Retomando a revisão teórica, lembramos que esse fato fez com que o consumo transpusesse a norma, pois houve a decadência da norma ao surgir uma sociedade de consumidores no final do século XIX onde, para criar valor, era necessário criar o desejo. O excesso, então, tornou-se a própria norma. (BAUMAN, 2003). Nesse mundo de excessos está contida a incessante busca pelo corpo ideal, caracterizado pela magreza e (suposta) perfeição. A partir desse século, é atribuída extrema relevância ao corpo e o uso dele nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Entender o corpo contemporâneo a partir desse momento histórico é importante, pois tais significações ainda constituem os corpos em dias atuais. (BONETTI, 1998; LOURO, 2003). E o que é o

corpo com deficiência senão um objeto completamente fora desse ideal, dessa norma?

A estética do belo, portanto, passou a mediar as relações humanas. No universo das aparências, as pessoas são valorizadas simbolicamente por aquilo que aparentam ser. Persistência, força e capacidade de enfrentar desafios são qualidades atribuídas àqueles que empregam muitos cuidados ao corpo. O projeto do eu se manifesta num projeto de posse de bens desejados e na busca de estilos de vida artificialmente modelados. (LYON, 1998).

Meurer e Gesser (2008) apontam que a mídia e as concepções contemporâneas procuram arranjar imagens atribuídas ao belo, uma vez que há uma associação entre beleza e poder. (p.2). O poder opera frente à (re)organização do lugar que os sujeitos ocupam cultural, política, social e economicamente e, portanto, o corpo é o condutor desse (re)arranjo das variadas posições e modos nos quais esses sujeitos estão inseridos.

Numa perspectiva mais ampla, olhando para imagem e texto parece que ambos justapõem-se. Enquanto o texto pode transmitir certo orgulho e consciência e, ao mesmo tempo, certo desdém de sua condição, a imagem não revela quais deficiências possuem as mulheres retratadas. Com exceção de uma pequena parte de uma cadeira de rodas que está aparente (e que poderia facilmente ser confundida com uma cadeira comum), não é possível definir qual deficiência possuem as outras duas mulheres. Essa incerteza e impossibilidade de afirmar quais deficiências estão ali decorrem do enquadramento de plano médio, o qual foi escolhido para ilustrar tal tema e com tais mulheres. Esse tipo de enquadramento fotográfico permite uma aproximação do objeto permitindo observar apenas as expressões dos autores (AYRES, 2009), ou seja, da cintura para cima.

Logo, na capa de edição 48 há um paradoxo: para o tema da beleza e do poder de uma revista de segmento da/sobre a deficiência estão retratadas apenas características que tais mulheres possuem em comum com as mulheres sem deficiência: seus rostos. A chamada revela a deficiência, ao passo que a imagem a omite.

Os discursos dessa edição servem para afastar qualquer possibilidade de “falhas” corporais e fortalecer duas concepções corpóreas: a do corpo ideal, canônico, e a do corpo desprezado, fadado à exclusão. O corpo canônico está aqui compreendido como uma estrutura corporal bastante atual, “caracterizada pela submissão (...) a um

conjunto de práticas corporais visando alterar, aperfeiçoar, corrigir e reconstruir o corpo natural no sentido de potencializá-lo (...) e embelezá-lo”. (FONTES, 2002, p.5). Ainda que seja possível supor que as mulheres retratadas possuem algum tipo de deficiência, a escolha do enquadramento foi feita a fim de não revelar os corpos com suas lesões.

Todavia, é importante dizer que a revista *Sentidos* não é a inventora nem a única agente ativa na propagação da corporeidade canônica; ela segue uma tendência das revistas de um modo geral. Na revista *Capricho*³², por exemplo, “é possível perceber como são recorrentes temas relacionados à saúde e à beleza capazes de produzir uma representação de que estes termos, além de se relacionarem, se completam.” (FIGUEIRA e GOELLNER, 2005, p.90).

A medicina e a ciência também contribuem para a consolidação desses discursos, pois avançam em medicamentos, pesquisas e técnicas de melhoramento a fim de “higienizar” o corpo, aperfeiçoar a aparência física e evitar riscos de “falhas”, características desvantajosas, deficiências, bem como retardar o envelhecimento. A mídia, então, serve como espaço para a reprodução dessas perspectivas. No caso da revista *Sentidos*, a negação da deficiência corrobora a noção do corpo higienizado – a todo custo, até mesmo por um enquadramento que não evidencie a deficiência – para “parecer normal”, embora seja uma revista de segmento *de e para* a deficiência.

Com efeito, vale dizer que a mídia, aqui entendida como a revista *Sentidos*, tem, em maior ou menor grau, compromisso com a fantasia e o desejo, além do compromisso com a verdade; ao passo que a ciência e a medicina estão absolutamente estabelecidas no imaginário ocidental como verdade. Isso significa que, diante da imagem do corpo desejável divulgado pela mídia e um corpo posto como saudável pela medicina e pela ciência, a segunda imagem serve como sinônimo de negação da morte, da velhice e da doença, enquanto a primeira está associada à beleza. Grosso modo, uma apela para o aperfeiçoamento e a manutenção da espécie; e a outra recorre à conquista do outro em níveis sociais e sexuais. Ambos os discursos, quando vinculados, remetem “o corpo imperfeito ao seu devido lugar: o lugar da exclusão, da rejeição e do insuportável (...).” (FONTES, 2002, p.07).

³² A revista *Capricho* é uma publicação da Editora Abril destinada ao público adolescente. **Quem somos.** Disponível em:

<<http://capricho.abril.com.br/quemsomos/>>. Acesso em: 07 janeiro 2015.

Conforme Shakespeare (1998), na concepção da corporeidade canônica, os monstros reais estão associados aos obesos e deficientes e os monstros irrealis estão associados ao mundo fictício, do cinema e da televisão. Enquanto os últimos atraem, agradam; os primeiros provocam imenso mal-estar e rejeição. A respeito dessa diferença das percepções sobre a monstruosidade, a autora assinala que “o monstro midiático é atrativo e consumido como espetáculo. O ‘monstro’ real é a negação ameaçadora do desejo de sedução e aceitação”. (p.7-8). Podemos observar essa negação tanto na capa 48, como na capa 60.

Na capa da edição 60 (abaixo) constatamos exatamente essa ideia de mal-estar frente à deficiência. Na imagem, uma jovem está atrás de uma mesa, aparentemente, de trabalho. É possível ver parte de um computador em cima da mesa. Observando apenas a imagem, não fica claro que a jovem possui deficiência, porém a chamada diz: “*BELEZA E AUTOESTIMA. Nathalia, universitária, fala como superou a PARALISIA CEREBRAL.*”.

Figura 15 - Revista Sentidos, Nº60, Ano 2010.



Novamente vemos uma capa com a representação prodigiosa, a qual denota um caráter extraordinário a uma atividade comum (GARLAND-THOMSON, 2001) que poderia ser realizada por qualquer pessoa, mas que ganha um efeito de admiração pelo fato de ser realizada por uma pessoa com deficiência. Mais uma vez, a beleza e a altivez são evocadas, enquanto a deficiência é ocultada pelo enquadramento e pelos objetos postos em cena.

O texto, por sua vez, embora constate o tipo de deficiência (a paralisia cerebral), afirma que a personagem fotografada, pelo fato de supostamente ser bela, universitária e ter boa autoestima, superou a paralisia, como se o fato de ter paralisia inviabilizasse a possibilidade de ser bela, ter boa autoestima e estar na universidade. A palavra que mais chama atenção no texto é “superou”, uma vez que superar significa, segundo o dicionário Michaelis (2015), vencer, ficar superior a, levar vantagem a, fazer desaparecer, cortar, desfazer, destruir. Sendo assim, como Nathalia pode ter superado a paralisia cerebral? O fato de ser bela, altiva e universitária a fez deixar de possuir deficiência?

Outra característica comum nas capas acima analisadas é a justaposição entre as imagens e seus respectivos textos. Assim como na capa 48, a edição 60 também cita a deficiência em sua chamada, porém a imagem omite. Assim, alguns apontamentos são possíveis: ainda que a *Sentidos* se trate de uma revista de segmento de/sobre a deficiência, não podemos esquecer o seu caráter comercial. A revista é, sobretudo, um produto que precisa ser vendido. Com o uso dessas produções em publicações impressas, as capas dos folhetins servem como espaço específico de interação com o(a) leitor(a). Pompper e Feeney (2002) argumentam que, para além da sedução para a aquisição das revistas, há uma ideologia dominante e invisível que deve ser fixada com o intuito de “mascarar a sobreposição narrativa imposta por forças hegemônicas” para “promover uma visão de mundo que a maioria absorve como o senso comum”. (p.1).

No caso da revista *Sentidos*, seus discursos postos tanto nas imagens como em seus textos oferecem uma série de recursos a fim de produzir uma cultura comum entre o público com deficiência, que as posiciona na sociedade, uma vez que uma revista de segmento – independente do segmento – sugere modos de vida e comportamentos por meio de narrativas que são internalizadas ativamente pelos(as) leitores(as), conforme suas experiências. Essas narrativas agregam informação, valores e ideias de consumo como um convite aos leitores se identificarem e reproduzirem os ideais apresentados. (MIRANDA-RIBEIRO e MOORE, 2003). Desse modo, nas capas da *Sentidos* há indícios de uma naturalização onde o ideal é que a pessoa com deficiência supere-se e pareça não ter deficiência, omitindo-a, em nome da beleza, do poder e da boa autoestima. A normalização figura-se como um princípio condutor de interação imagem e texto nessa capa.

A compreensão das imagens publicadas em revistas – nas capas da *Revista Sentidos*, no caso dessa pesquisa – perpassa pela consideração de que tal revista é um produto destinado a determinado público que transforma e é também constituído pelos enunciados midiáticos. Isso significa dizer que a *Sentidos* deve ser “considerada instrumento de mediação que, ao mesmo tempo em que participa do processo de constituição dos sujeitos, retrata um contexto cultural e social construído e transformado por estes sujeitos.” (MIGUEL, 2005). A mídia enquanto ferramenta de mediação pode ser entendida como o outro, tão fundamental para a constituição do sujeito. Tendo em vista que toda atividade humana é mediada, os signos são os instrumentos que

permitem, assim, a inserção do homem na ordem da cultura e o estabelecimento de relações qualitativamente diferenciadas com a realidade: ao invés de diretas e imediatas, passam a ser mediadas pela cultura. (...) os signos, portanto, relacionam inexoravelmente sujeito e sociedade, eu e outro. (ZANELLA, 2003b, p.6-7).

Vale lembrar a parcela de contribuição que esses discursos midiáticos dão à promoção de estereótipos, preconceitos e/ou ações inclusivas, dado o amplo conjunto de fatores psicossociais que envolvem as questões dos meios de comunicação de massa e seus produtos culturais. Amaral (1995) observa que “cada sociedade elege um rol de atributos e/ou condições que configuram o ‘bom’, o ‘certo’, o ‘normal’ (...). Enfim, aquilo que a comunidade identifica como um generoso espelho de si mesma – e que é ideologicamente perpetuado pelo grupo dominante.” (p.129). Essa perpetuação constitui a essência das relações entre os adeptos dessa idealização e os que dela desviarem – nesse caso, leia-se como desviantes as pessoas com deficiência. Assim, toda vez que se propõe que o desviante deve enquadrar-se num ideal, ou seja, pessoas com deficiência devem parecer não ter deficiência para ter beleza, poder e boa autoestima, nos distanciamos dos pressupostos do modelo social da deficiência, que a propõe como um modo de vida, uma condição inerente ao humano (DINIZ, 2007).

Dentre as definições de Garland-Thomson (2001), percebemos que a argumentação visual presente na capa 48 e 60 é a prodigiosa. Essa é a forma mais antiga de representação da deficiência. Apresentar a deficiência como prodígio continua encontrando um lugar na concepção

moderna da deficiência. Essa retórica exalta as diferenças físicas (bela e poderosa, *mas* deficiente / bela, universitária e tendo *superado* a paralisia cerebral) a fim de obter espanto e admiração. Satow (1997) elucida que esse fato se dá pela supremacia que não deficientes querem impor sob deficientes, impingindo assim à minoria a ideologia de inferioridade culturalmente consolidada. Essa retórica surge de uma interpretação pré-moderna da deficiência como um augúrio ou marco de distinção, quer representando Deus ou o Diabo. “A fotografia introduziu à retórica do encantamento a ilusão de união entre o usual e o extraordinário”. (p.192).

A capa 59 (abaixo) também evoca o tema da autoestima. Na capa 59 a imagem é de uma mulher sem o braço esquerdo trajando roupa de dança do ventre e com um lenço na mão direita. Seu braço direito está levantado e o lenço simula um movimento em suas costas. O texto de chamada é “*A vitória dos AMPUTADOS. Um show de alegria e autoestima.*”.

Figura 14 - Revista Sentidos, Nº 59, ano 2010.



Nessa capa, vemos um enquadramento dos joelhos para cima, o que nos permite constatar a deficiência da mulher fotografada: a amputação do braço esquerdo. Entretanto, a chamada de capa é bastante interessante e parece andar na contramão. Quando o texto diz “*a vitória dos amputados: um show de alegria e autoestima*” nos remete à ideia de que os amputados são vencedores por serem alegres e altivos como se a amputação, necessariamente, implicasse em tristeza e baixa autoestima. E o que estão vencendo, afinal? Além disso, apesar de estar retratada

apenas uma pessoa, na frase há uma tentativa de homogeneizar o grupo dos amputados como alegres e ativos.

A palavra “*show*” também nos provoca uma reflexão acerca do caráter extraordinário que está atribuído à vida das pessoas com deficiência, nesse caso, dos amputados. Isso nos faz lembrar que da antiguidade à modernidade, os corpos das pessoas com deficiência foram vistos como *freaks*, exibidos pelos reis medievais em proveito de cortes e nas feiras de rua com a finalidade de promover espetáculos. (GARLAND-THOMSON, 2001). Nessa edição a possível alegria e altivez da personagem servem de motivo para a espetacularização da deficiência.

Desse modo, a capa de edição 59 também está na categoria da retórica prodigiosa de Garland-Thomson (2001), uma vez que esse estereótipo causa espanto e inspira o espectador pela *performance* de façanhas que os sem deficiência nem imaginam fazer (ser alegre e ativo *apesar de* ser amputado), fazendo sujeitos com deficiência mestres de atividades comuns, essas fotos criam um contexto visual que extrai bajulação de suas realizações e levam o espectador a torná-las em feito super-humano, como se o fato de supostamente ser alegre e ter boa autoestima fosse razão de espanto em se tratando de uma pessoa com deficiência.

A quarta e última capa com os temas da beleza e da autoestima é a edição 73 (abaixo). A edição 73 traz uma mulher com nanismo sentada em cima de um violão e sorrindo. O texto diz: “*AUTOESTIMA EM ALTA. A experiência de quem superou o preconceito e a insegurança para seguir a carreira de modelo.*”. Essa é a única capa dessa temática cuja imagem apresenta um enquadramento em Plano de Conjunto, o que nos permite observar a pessoa retratada de corpo inteiro. Olhando para a mulher retratada, em um primeiro momento talvez não fosse possível distinguir sua deficiência na imagem não fosse a referência de tamanho dada pela comparação com o violão que também está na cena. Isso porque o nanismo poderia facilmente passar despercebido em um cenário neutro como o da imagem, pois essa deficiência não implica na perda de um membro ou no uso de uma cadeira de rodas, por exemplo. As pessoas com nanismo possuem estatura menor que a média de referência e é importante apontar que, justamente, em uma imagem de enquadramento mais aberto, onde podemos ver o corpo inteiro e o cenário, esteja retratado um corpo que se aproxima bastante de certa normalidade.

Figura 26 - Revista Sentidos, Nº 73, Ano 2012.



A primeira parte do texto faz um trocadilho com o fato de a personagem retratada ser anã: “*autoestima EM ALTA*” com letras maiúsculas. Em seguida, a chamada revela que a personagem “*superou o preconceito e a insegurança para seguir a carreira de modelo*” como se fosse possível extinguir definitivamente o preconceito em dias atuais. Quando a frase refere-se à superação da insegurança para modelar, vemos que até pouco tempo era improvável que uma pessoa com deficiência pudesse seguir carreira de modelo. A autora Garland-Thomson (2001) versa sobre essa possibilidade quando cita a retórica

visual exótica, a qual apresenta a figura da deficiência como estranha, distante, com frequência ligada ao sensacionalismo, marcada em sua diferença. A exótica reproduz um modelo etnográfico de olhar caracterizado pela curiosidade sem envolvimento. O exótico desmedicaliza, fascina e seduz com exageros, criando tal sensacionalismo e embelezando o estranho.

A introdução de modelos com deficiência vem crescendo no mundo da moda nos últimos anos, ampliando a retórica do exótico com a fotografia do deficiente. “Onde o sentimental faz a figura da deficiência pequena e vulnerável pedindo socorro para ser resgatada por um agente benevolente, o exótico faz a figura do deficiente grande, estranho e o contrário do telespectador.” (GARLAND-THOMSON, 2001, p.197). Seduzido pela novidade e excitação, um pilar da moda e da publicidade mundial está certa de que descobriu o poder das figuras deficientes para provocar essa nova reação dos espectadores. A publicidade compreendeu que a deficiência também vende, uma vez que o exótico serve ao objetivo comercial, atrapalhando a ideia de assexuada e vulnerável da deficiência, cujo argumento da caridade implantou com tanta veemência. (GARLAND-THOMSON, 2001; BOGDAN et al, 2012).

Ao invés de esconder, normatizar ou diluir a deficiência, as fotos dessa retórica usam o exagero e o estigma tradicionalmente associado com a deficiência para alimentar a busca contínua pós-moderna pela captura de novas imagens. Exatamente como vemos a mulher retratada na imagem e sua experiência mencionada no texto de capa. Essas justaposições transgressivas da deficiência e da alta moda chamam atenção para a marca do exótico radical e chique que redefine a identidade da deficiência pelo consumidor deficiente.

Percebe-se, assim, nas capas até aqui analisadas que as chamadas que acompanham as fotografias buscam de modo ingênuo o afastamento do modelo biomédico e da narrativa da “tragédia pessoal”. Contudo, ao reafirmarem uma perspectiva individualista por meio do discurso da “superação”, acabam retomando a mesma lógica que fundamenta os discursos tradicionais sobre a deficiência. Os marcadores físicos da deficiência ocultados, os trocadilhos que os negam e a perspectiva ingênua e individualista que alicerça tais composições de imagem, revelam os sentidos que constituem a deficiência nesse contexto.

5.1.3 Cidadania e Direitos

Os temas de cidadania e direitos estão nas capas de número 63, 68 e 74 e 77, respectivamente:

Figura 17 - Revista Sentidos, Nº 63, Ano 2011.



Na edição 63, a imagem ilustra metade de um carro com a porta aberta, um homem sentado no banco do motorista e uma cadeira de rodas próxima à porta. Mais a frente, encostado no capô, há um homem segurando um cão-guia e, um pouco mais atrás, do outro lado do carro, um homem com um crachá aponta para o carro. A chamada da matéria diz: “*CONQUISTAS. Carro adaptado, cão-guia e carteira de trabalho assinada. As principais vitórias das pessoas com deficiência.*”.

Na capa 63, vemos que a imagem e a chamada se complementam. Ambos os recursos imagéticos (fotografia e texto) procuram fazer uma aproximação com o leitor: apresentam a deficiência, mostram a cadeira de rodas, o cão-guia em um enquadramento aberto, que nos possibilita ver os personagens de corpo inteiro. Quanto ao texto, refere-se à conquista de direitos, como o cão-guia, o carro adaptado e a carteira de trabalho assinada – provavelmente fazendo menção à Lei de Cotas, que em 2011 sofreu alteração no que diz respeito ao cumprimento das cotas. A partir da portaria 568 MPS/MF, a empresa que for flagrada descumprindo a Lei de Cotas³³ (ou não garantindo vagas reservadas as pessoas com deficiência) pode ser multada em valores que variam de R\$1.523,57 a R\$152.355,73. (GARCIA, 2011).

Diferentemente da capa 59 (discutida na categoria anterior), a palavra “vitórias” na capa 63 refere-se aos direitos conquistados pelas pessoas com deficiência, e não com conotação de superação. Vale ressaltar, inclusive, que a capa está em plano conjunto, o que nos permite visualizar a cena com seus personagens de corpo inteiro com destaque para os elementos que marcam as deficiências, como o cão-guia e a cadeira de rodas. (AYRES, 2009).

Outra capa que se encaixa na categoria da cidadania é a de número 68 (abaixo). Nela, a imagem é composta por uma mulher cadeirante, de braços abertos e sorrindo no meio de uma plantação de flores. O texto referente à imagem diz: “*MAIS INCLUSÃO. Novo censo do IBGE motiva investimento e mudanças comportamentais. Conheça algumas das ações que beneficiarão milhares de pessoas*”.

³³ A Lei 8213/91 é a lei de contratação de pessoas com deficiência, que determina que as vagas sejam disponibilizadas de acordo com o tamanho da empresa e em concursos públicos. **Lei de Cotas**. Disponível em: <http://www.deficienteonline.com.br/>lei-8213-91-lei-de-cotas-para-deficientes-e-pessoas-com-deficiencia_77.html>. Acesso em: 07 janeiro 2015.

Figura 22 - Revista Sentidos, N°68, Ano 2012.



O enquadramento dessa capa é plano americano, pois permite que vejamos a cena em um plano mais aberto e a personagem de corpo inteiro. Um dado referente à edição 68 que coincide com a 63, é que ambas possuem textos e imagens que se complementam. Na capa 68, por exemplo, a deficiência está aparente e a chamada versa sobre dados

estatísticos que requerem mudanças atitudinais e mais investimentos na área da deficiência.

A edição 74 apresenta Billy Saga e o tema da cidadania. Billy é cadeirante, mas na imagem não é possível visualizar sua cadeira de rodas devido ao tipo de enquadramento da imagem. Vemos Billy em enquadramento do abdômen para cima. O personagem de capa traja colete xadrez, óculos escuros, boné e com a mão esquerda faz sinal de “V” com dois dedos. O texto diz: *“UMA CAUSA QUE MOTIVA. A militância pela inclusão como estímulo à superação e ao exercício da cidadania”*.

Figura 27 - Revista Sentidos, N°74, Ano 2013.



Ao lançar uma primeira observação em direção à edição 74, pouco se pode aprofundar em relação à imagem. Porém, ao direcionar atenção ao texto, vemos o quanto essa capa é interessante. Isso porque o texto traz a ideia de que lutar pelos direitos das pessoas com deficiência é “*uma causa que motiva*”, como se esse grupo social fosse digno da compaixão de pessoas motivadas pela “*causa*”. Em seguida, o texto afirma que “*a militância pela inclusão*” serve de “*estímulo à superação*”, como se o fato de pessoas com deficiência assumirem seu papel de ativistas as fizessem superar algo. Outra constatação que

merece ser destacada é que Billy, um conhecido militante, está retratado em plano médio (AYRES 2009), de modo que não podemos visualizar sua deficiência. Aqui reside uma contradição: ao mesmo tempo em que se propõe o ingresso na militância e o exercício da cidadania, a imagem oculta o corpo deficiente.

Levando em consideração todas as discussões deste item, percebemos que as capas 63 e 68 são consonantes com a retórica realista. Segundo Garland-Thomson (2001), o realismo minimiza distâncias e diferenças estabelecendo uma relação de proximidade entre observador e observado. Além disso, atua regularizando a figura deficiente a fim de evitar diferenciação e despertando identificação e, às vezes, minimizando o marco visual da deficiência. A fotografia realista da deficiência é a retórica da equidade que virou utilitária. Essas imagens tem a intenção de, democraticamente, disseminar informação pretendendo moldar as ações e opiniões dos espectadores. No caso dessas duas edições, vemos que ambas as capas apresentam a deficiência, marcam-na visualmente, entretanto, atribuindo um caráter trivial ressaltando a condição de pessoas de direitos.

Down. O que chama atenção nesta capa é o texto. A chamada propõe que o fato de Paula ser baterista e estar empenhada numa campanha nacional, a faz emitir “*o som da igualdade*”. Mais adiante, porém, a legenda afirma que ela “usa a música como forma de promover a integração das diferenças”, estando dissonante com as perspectivas de igualdade através da música, uma vez que o conceito de integração diverge completamente das concepções de inclusão.

Conforme elucida Santos (1995), a integração surgiu da conjunção de três fatores históricos: as duas grandes Guerras Mundiais, o fortalecimento do movimento pelos Direitos Humanos e o avanço científico. No que se refere às guerras, ambas causaram grande impacto ao movimento integracionista. A primeira delas impulsionou o movimento com o retorno de soldados deficientes, fazendo com que fosse necessário criar, implantar e rever programas de reintegração dessas pessoas na sociedade. A segunda contribuiu no que diz respeito à integração desses sujeitos no mercado de trabalho, ocasionada pela perda de soldados e pela escassez de mão-de-obra em função do curto espaço de tempo entre uma guerra e outra.

Os efeitos referentes ao fortalecimento do movimento pelos Direitos Humanos, tem sua gênese no pós-Guerra, a partir da década de 60, “com a mudança de perspectiva relativa ao uso de pessoas deficientes como parte da força de trabalho” (SANTOS, 1995, p.22), ou seja, se até esse momento essas pessoas eram integradas para cobrir a falta, a partir dos anos 60 os deficientes eram integrados com base nos seus direitos de seres humanos pertencentes à determinada sociedade. Concomitante aos outros dois fatores, o avanço científico, por sua vez, colaborou com o apontamento de que minorias tinham pouco ou nenhum acesso aos benefícios sociais. Além disso, as áreas médica, educacional e psicológica propuseram que era preciso adotar um enfoque menos paternalista com aqueles que compunham tais minorias.

Segundo a autora, esses fatos subsequentes fizeram com que nos idos de 80 consolidou-se o termo *mainstreaming* que, em oposição ao conceito de “marginalização”, é utilizado para designar a inserção de algo/alguém em uma “corrente principal” ou, em outras palavras, naquilo que é socialmente aceito. Assim, a concepção de integração significa que tais diferenças só podem ser incorporadas se o *status quo* não for desafiado.

Desse modo, parece que a capa 77 abriga uma contradição: enquanto o título fala de igualdade, o subtítulo afirma que Paula

promove a “integração das diferenças”. O *mainstream*, portanto, fica inabalado nessa perspectiva, perdendo-se o potencial que a diferença representa para perverter a normalização.

5.1.4 Lazer

As edições 45 e 70 trazem o lazer como seu tema principal.

Figura 2 - Revista Sentidos, Nº45, ano 2008.



A edição 45 traz o lazer como tema de capa. Nela, há um rapaz com próteses nas pernas sentado em algumas pedras. Ao fundo, vemos o mar com alguns barcos. O rapaz parece admirar a paisagem. O texto diz: *“FLORIPA ACESSÍVEL. Sentidos foi à capital de Santa Catarina e conta como curtir a cidade sem restrições.”*. Num primeiro olhar para a imagem, vemos que o enquadramento em plano geral nos permite visualizar toda a cena de modo mais panorâmico, inclusive o personagem de corpo inteiro (AYRES, 2009).

Em relação ao texto, a chamada convida o leitor para conhecer as características de acessibilidade na capital de Santa Catarina. O termo "acessibilidade" passou a ser utilizado recentemente no contexto midiático. A origem do uso deste termo para designar a condição de acesso das pessoas com deficiência está no surgimento dos serviços de reabilitação física e profissional, no final da década de 40. (SASSAKI, 2011).

Em um breve resgate histórico, a década de 50 foi o período de surgimento da fase de integração, no qual havia a prática da reintegração de adultos reabilitados, ocorrida na própria família, no mercado de trabalho e na comunidade em geral, profissionais de reabilitação. Neste momento, alguns segmentos da sociedade que estavam envolvidos com as pessoas com deficiência constataram que a (re)inserção deste grupo social era tolhida ou estorvada pela inexistência de acesso nos espaços urbanos, nos edifícios, nos meios de transporte coletivo e até mesmo nas próprias residências. Esta fase da integração perdurou por, aproximadamente, 40 anos até ser substituída gradativamente pela fase da inclusão.

Durante os anos 60, algumas universidades americanas esboçaram as primeiras experiências para garantir acesso em alguns de seus ambientes. Mais tarde, nos idos de 70, também nos Estados Unidos, surgiu o primeiro centro de vida independente do mundo, acarretando em uma maior preocupação e início de muitos debates acerca da eliminação de barreiras arquitetônicas. Sasaki (2011) ainda nos lembra de que durante a década de 80, impulsionado pela pressão do Ano Internacional das Pessoas Deficientes (1981), o movimento de pessoas com deficiência gerou inúmeras manifestações em âmbito mundial para chamar a atenção das sociedades a respeito das barreiras enfrentadas. Na segunda metade da década de 80, surgiu o conceito de inclusão contrapondo-se ao de integração.

Foi apenas nos anos 90 que começou a ficar claro que a acessibilidade deveria seguir o paradigma do desenho universal, segundo o qual os ambientes, os meios de transporte e os utensílios sejam projetados para todos e, portanto, não apenas para pessoas com deficiência. E, com o advento da fase da inclusão, hoje entendemos que a acessibilidade não é apenas arquitetônica, pois existem barreiras de vários tipos também em outros contextos que não o do ambiente arquitetônico. Para Sasaki (2011), a acessibilidade abarca seis

contextos: acessibilidade arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal.

Aqui no Brasil, este direito ao acesso contemplando todas estas esferas, está previsto na Lei 10.098/2000, onde diz

Art. 1º Esta Lei estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação.

O artigo 9 da Convenção da ONU Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (2008) também prevê este direito:

1.A fim de possibilitar às pessoas com deficiência viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes tomarão as medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural. Essas medidas, que incluirão a identificação e a eliminação de obstáculos e barreiras à acessibilidade.

Ainda no mesmo documento, o artigo 30 é mais específico referindo-se à participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte: “1.Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (...).”. Este é justamente o propósito da capa da edição 45: expor para o leitor como ele pode desfrutar de uma cidade sem se preocupar com questões ligadas ao acesso para pessoa com deficiência.

Na cena, a deficiência do rapaz está visível – próteses nas pernas amputadas – e ele parece estar em um momento de relaxamento. Assim, considerando as características do texto e da imagem, cabe constatar que são consonantes no tocante à sua complementação. Ou seja, ao mesmo tempo em que a figura marca a deficiência, a coloca em um lugar de trivialidade, do mesmo modo com que o texto tem caráter utilitário. Logo, podemos afirmar que ambos os recursos se complementam (SABAT, 2001).

Esta trivialidade com que foi retratada a deficiência na capa 45 caracteriza uma retórica visual realista (GARLAND-THOMSON, 2001). Conforme vimos na fundamentação teórica, o modo de representação realista atua próximo da figura deficiente com a intenção de evitar diferenciação, despertando identificação, frequentemente minimizando o marco visual da deficiência, embora esta apareça. Segundo a autora, a fotografia realista da deficiência é a retórica da equidade, com o intuito de democratizar as informações sobre a deficiência e pretendendo moldar as ações e opiniões dos espectadores acerca desse grupo social. Nesta capa este propósito se expressa pelo caráter informativo do texto e da imagem, desejando dizer ao leitor onde ele poderá ir sem se preocupar com as barreiras (“*curtir sem restrições*”).

Entretanto, o que a *Sentidos* pretende informar nesta capa não condiz com a imagem, tampouco com a realidade da capital catarinense. No que se refere à imagem, o rapaz foi fotografado em um lugar completamente inacessível (entre pedras) não só para ele que usa próteses nas pernas, mas também para outras deficiências motoras e visuais. Outro ponto que merece uma crítica é o fato de haver lugares em que se pode *curtir sem restrições* na cidade de Florianópolis. Ao contrário, a capital catarinense é bastante inacessível para os diversos tipos de deficiência. A possibilidade de “curtir sem restrições” talvez exista em alguns lugares específicos de São Paulo, por exemplo, visto que é um Estado que discute largamente as políticas públicas *de e para* pessoas com deficiência, contando com uma secretaria específica para a garantia de direitos desse grupo social – o que Florianópolis ainda está longe de alcançar.

Figura 23 - Revista Sentidos, Nº 70, Ano 2012.



Na capa de número 70, um jovem rapaz sorri e aparenta mexer em um equipamento de som, nos moldes de uma mesa para DJ. O texto referente à imagem diz: “*SOM DO CORAÇÃO. Com softwares simples e a vibração da música, DJs com deficiência auditiva arrasam nas pick-ups.*”.

Podemos interpretar essa capa pelo paradoxo de que há um discurso de negação da lesão, das diferenças funcionais. O que se faz nessa capa é a narrativa ideológica que mascara as tensões, como se a única inclusão dos surdos é eles fazerem tudo o que os ouvintes fazem.

Olhando numa perspectiva crítica, ao invés de se valorizar essa “integração”, o que se pretende com o modelo social é a compreensão das diferentes funcionalidades e culturas que se produzem a partir delas e não a afirmação do modelo hegemônico de funcionamento, que é o que, no final das contas, a capa sugere: “o surdo pode ser DJ”.

5.1.5. Família

As capas que evocam o tema família são as de números 44, 49 e 52.

Figura1 - Revista Sentidos Nº 44 - Ano 2008



A capa 44, que também esteve nas discussões no item sobre sexualidade, aqui se encontra nos debates sobre as capas que retratam famílias. Cumpre dizer que ambos os temas – sexualidade e família – podem estar engendrados, uma vez que a família pode ser constituída pelo reconhecimento e prática da sexualidade que leva à maternidade/paternidade, ou pela adoção especial, conforme veremos mais adiante.

Outro ponto a destacar é que as três capas – edições 44, 49 e 52 – com o tema família possuem suas diferenças e semelhanças. A diferença entre a edição 44 e a outras duas é que essa diz respeito à deficiência da mãe, enquanto as outras falam da deficiência dos filhos. Todavia, as capas são bastante semelhantes quanto ao tipo de imagem: as mães sorriem e seguram seus filhos no colo.

Especificamente sobre a capa 44, como já foi dito anteriormente, o enquadramento em plano médio (AYRES, 2009) não nos permite observar a deficiência de Flávia, embora o texto evidencie que ela possui paraplegia. Outro trecho da chamada diz que Flávia desafiou “*as dificuldades da deficiência para realizar o sonho de ser mãe*”. Miguel (2005) afirma que, historicamente, as revistas carregam resquícios de uma noção onde o objetivo da mulher é constituir um lar e ser ótima dona de casa e mãe. Apontamentos feitos por Sabat (2001) corroboram essa perspectiva de que as mídias ainda hoje emitem representações de gênero fortemente demarcadas, nas quais as mulheres estão associadas ao lar e à maternidade.

Figura 7 - Revista Sentidos, Nº 49, ano 2008.



Já na edição de número 49, a capa traz uma imagem de uma mulher, a atriz Isabel Fillardis, sorrindo com uma criança (um menino) no colo. O texto referente à capa é: *“FORÇA DO BEM. Famílias contam como o amor supera tudo.”*

Na imagem, o enquadramento de plano conjunto mostra a cena em um plano aberto, porém, com visualização mais próxima da cena, em que os personagens aparecem de corpo inteiro. (AYRES, 2009). Aparentemente o menino possui deficiência e é filho de Isabel. Em relação ao texto, vemos como a revista identifica e nomeia o amor

materno no título como “*força do bem*” apesar de o filho ter deficiência. Em seguida, o subtítulo reafirma a frase anterior dizendo que “*o amor supera tudo*”. Entendemos esse “*tudo*” como as dificuldades advindas da condição de ter um filho com deficiência.

Para compreender melhor o que isso significa, é fundamental esclarecer que o estatuto da família vem passando por uma série de transformações e isso afeta diretamente o modo como os pais lidam com seus filhos diferentes³⁴. Se tempos atrás as pessoas casavam apenas com alguém do sexo oposto, da mesma classe, religião e etnia, atualmente as possibilidades ampliaram consideravelmente: as relações podem ocorrer com pessoas do mesmo sexo, de diferentes classes sociais, religiões e etnias. Se antes havia uma maior aceitação do filho diferente porque pouca coisa podia ser feita, atualmente o planejamento de um filho inclui a possibilidade de escolha de um embrião saudável. (SOLOMON, 2013).

Segundo Cézár (2001), ter filhos “fora do padrão” transforma-se numa ferida narcísica para os pais, que depositam expectativas de realização de seus desejos projetadas nesses filhos. Em geral, os pais se sentem humilhados e envergonhados por terem uma criança “defeituosa”. Além disso, nossa sociedade capitalista valoriza a autonomia dos indivíduos, o que se reflete na capacidade de produzir, acumular e consumir. Solomon (2013) complementa que, quando nasce um filho diferente, os pais apressadamente tentam normalizar os filhos com grandes custos para ambos. É importante dizer que corpos com lesões, em geral, são mais assustadores para os outros do que para quem os possui e que corrigir faz parte de um modelo de doença; aceitar é modelo de identidade. As deficiências desafiam o orgulho dos pais e seu direito de privacidade, uma vez que outras pessoas saberão que o filho que nasceu não é aquele que os pais desejaram.

Desse modo, o fato de receber uma criança com deficiência pode gerar o que Lassetter et al (2007) chamam de estresse parental. O estresse é um tema recorrente nos estudos envolvendo os pais de crianças com deficiência. As principais fontes de estresse do cuidador dessa criança são: o dia-a-dia que envolve cuidados com a criança com deficiência, os custos dos atendimentos e dos tratamentos

³⁴ Termo utilizado por Solomon (2013) para designar filhos com características diferentes dos pais, como por exemplo, homossexualidade, autismo, deficiências.

indispensáveis, a dificuldade para se comunicar com a criança com deficiência e as necessidades físicas e psicossociais relacionadas à deficiência (HARTLEY et al., 2005; LASSETTER et al., 2007).

Em um nível mais complexo de estresse, muitos pais de crianças com deficiência experimentam esse sentimento enquanto vivem no presente, porém presos no passado tentando imaginar o filho com deficiência como normal, e ao mesmo tempo, tem que lidar com suas próprias emoções e as do seu filho (JOHNSON, 2000; WARFIELD, 2005). Não surpreendentemente, esse estresse multifacetado, diretamente associado com a criação de uma criança com deficiência, muitas vezes suscita dúvidas sobre as competências parentais, que podem resultar em um estresse parental ainda maior (PELCHAT et al, 2003).

Por outro lado, alguns estudos sugerem que são pequenas as diferenças nos níveis de estresse entre as famílias com e sem filhos com deficiência. Por exemplo, não há diferenças significativas em variáveis do funcionamento familiar (família e conflito conjugal, a coesão, e *locus* de controle de orientação) entre as famílias que possuem ou não filhos com deficiência (MANDLECO et al, 2003). Assim, famílias que criam filhos com ou sem deficiência compartilharam muitas características, porém as dificuldades comuns intensificam entre aqueles que possuem crianças com deficiência (PELCHAT et al, 2003). A ocorrência da deficiência serve como uma lente de aumento para fraquezas ou fortalezas já existentes nas famílias. Pode acontecer maior afastamento, mas também pode ser uma experiência boa, proporcionando maior aproximação dos familiares.

Em outras palavras, ao mesmo tempo em que muitos pais apresentam episódios de estresse, muitos outros encontram aspectos positivos em face ao desafio de ter filhos com deficiência. Em virtude das expectativas pessoais dos pais e da sociedade em relação ao nascimento de um bebê saudável, o processo e aceitação do filho com deficiência demanda tempo. (REHM e BRADLEY, 2005). Para Solomon (2013), o melhor enfrentamento da deficiência é aquele no qual os pais possuem uma percepção realista e otimista da doença ou deficiência do filho e que, ao mesmo tempo, os pais possam contar com um espaço de acolhimento para suas ambivalências.

Um dos pontos fortes destas capas é o discurso de senso comum reafirmado na revista pela ideia de que “*o amor supera tudo*”. Essa lógica ingênua e individualista busca homogeneizar todas as famílias,

como se todos tivessem os mesmos recursos, cabendo apenas o amor como elemento para o enfrentamento da deficiência e das barreiras advindas dos contextos sociais.

O advento da internet e a mobilidade social permitiram que as pessoas pudessem encontrar seus semelhantes, seus pares e compartilhar suas experiências, contribuindo fortemente para essa tríade de aceitação – de si, familiar e social. A revista *Sentidos*, certamente, também opera como lugar de identificação e comunicação para essas famílias.

Figura 9 - Revista Sentidos, Nº52, ano 2009.



A imagem da capa 52 retrata uma mulher olhando para baixo com uma criança no colo. Ambas sorriem, parecendo um momento de muita descontração. A chamada da matéria de capa diz: “‘*QUEM NÃO SENTE É BONECA*’. Com esta frase, a mãe marca o início de um caso de amor: a adoção especial.”.

Nessa capa, o enquadramento em plano médio nos permite observar as expressões de mãe e filha do abdômen para cima. (AYRES, 2009). No entanto, não é possível afirmar que alguma das personagens retratadas ou ambas possuam deficiência. A suposição de que a criança é

quem possui deficiência aparece no texto através do termo “adoção especial”. Esse termo é designado para a adoção de crianças com deficiência. Segundo Diniz (1994), a adoção pode ser entendida como

uma inserção num ambiente familiar, de forma definitiva e com aquisição de vínculo jurídico próprio da filiação, segundo as normas legais em vigor, de uma criança cujos pais morreram ou são desconhecidos, ou, não sendo esse o caso, não podem ou não querem assumir o desempenho das suas funções parentais (p.13).

Lassetter et al (2007) elucidam que diversos estudos apontam para a existência de mitos e preconceitos sobre as crianças institucionalizadas e as famílias que as abandonam. Esse fato está representado pelo título da matéria da capa 52, onde diz “*Quem não sente é boneca*”, referindo-se à resposta que a adotante deu perante a declaração de uma funcionária do abrigo onde a criança estava aguardando ser adotada. Na ocasião, a funcionária argumentou que, por ter deficiência, a criança não sentiria o afeto da futura mãe.

As motivações dos pais adotivos variam entre o desejo de ser pai ou mãe que foi impedido pela infertilidade de um dos companheiros, crenças religiosas acerca do altruísmo e amor ao próximo, medo da solidão, tentativa de solucionar problemas conjugais, proporcionar companhia a um filho único, possibilidade de escolher o sexo do filho, ter alguém para cuidar, substituir um filho natural falecido, dentre outras. Essas motivações justificam o alerta dos estudiosos sobre a necessidade de analisar o significado da adoção para o adotante, para que a criança não seja meramente usada. Embora as crianças com deficiência sejam as que mais precisam de cuidados específicos, esse é o tipo de adoção mais raro. (SCHETTINI FILHO, 1998; FONSÊCA et al, 2009).

Olhando para as capas 49 e 52, vemos que a aceitação do filho – seja biológico ou adotivo – com deficiência ganha uma conotação altruísta expressada nos trechos das chamadas das matérias. “*Força do bem*” na capa 49 talvez seja a expressão que melhor representa esse argumento, embora o menino retratado seja filho biológico da mulher retratada e ela não tenha tido a oportunidade de escolher por um filho com deficiência. Ainda assim, Isabel recebe o adjetivo de “força do bem” para o fato de amar o filho, como se o amor materno fosse um

acontecimento extraordinário e digno de admiração e superação pelo fato de tratar de um filho com deficiência.

Outro ponto interessante nas discussões sobre as capas que abordam o tema familiar é que as três edições retratam as mães e os seus filhos, excluindo os(as) companheiros(as) das imagens. Na capa 44, Flávia – a mãe – é quem possui deficiência e também aparece sem o pai dos filhos gêmeos na imagem, corroborando as discussões vistas anteriormente sobre as barreiras postas/enfrentadas diante da possibilidade de pessoas com deficiência manterem um relacionamento amoroso. A ausência dos pais (homens) na relação e imagens de famílias é bastante comum. Segundo De Gore (1994), a falta de informação sobre os pais acarreta duas imagens: “são os vilões que declinaram toda a responsabilidade e vitimizaram primeiro a mãe, em seguida, o filho; ou então, uma absoluta falta de imagem, como se a criança tivesse apenas um progenitor, a mãe” (p. 78).

Assim, podemos assegurar que a *Sentidos* reproduz a realidade de muitas famílias com deficiência: a figura do pai é inexistente. Todavia, se por um lado essa consonância com a realidade é positiva, olhando sob outro prisma, essa reprodução da realidade também pode ser um ponto negativo na medida em que reforça a ideia de que os filhos – com ou sem deficiência, biológico ou adotivo – são de responsabilidade exclusiva da mãe. Essas questões de gênero em face à deficiência estão mais aprofundadas no item a seguir.

As capas da categoria “Família” trazem a retórica sentimental, pois é uma narrativa que busca sensacionalizar através de discursos românticos e heroicos acerca das famílias com pessoas com deficiência.

No fim deste capítulo, julguei imprescindível comentar o discurso da superação não como uma categoria na qual se encaixa uma capa aqui, outra acolá. A narrativa da superação está presente como pano de fundo de todas as capas, representando a ideologia fundamental da revista *Sentidos*.

Os impedimentos que imprimem marcas corporais visíveis, como é o caso da lesão medular ou do nanismo, provocam fascínio na vida pública (GARLAND-THOMSON, 2009). Alguns estudos contribuem para a compreensão deste fenômeno quando apontam que a exibição do corpo como objeto de espetáculo na contemporaneidade é foco de intensos debates éticos no bojo dos estudos sobre deficiência:

para uns, trata-se de uma exploração do estigma do corpo com impedimentos, devendo a exibição ser proibida como um ato de respeito à dignidade humana; para outros, trata-se de uma atividade sem conotações morais, cabendo a cada indivíduo decidir sobre sua participação ou não (...). É nesse contexto de intensa espetacularização do corpo com impedimentos que a concordância com a afirmação de maior potência das pessoas com deficiência pode ser analisada. (DINIZ e BARBOSA, 2010, p.209).

As autoras argumentam ainda que a alternativa de uma condição ordinária é o que mobiliza “o *ethos* da inclusão: (...) é um movimento conservador pela reafirmação do *status quo* e, (...), é um ato revolucionário, pois se ambiciona alargar o universo dos indivíduos que podem ser comuns à vida social, e não eternamente objetos de espetacularização (...)”. (id., p.210).

Fontes (2004) complementa que a pessoa com deficiência exemplo de sucesso é aquela que supera seus impedimentos, que se destaca na beleza, no trabalho, que é uma heroína nos esportes. Nesse contexto, Diniz e Barbosa (2010, p.209), ressaltam que “a cultura do espetáculo é também a cultura da normalidade, em que o espaço reservado para o corpo com impedimentos é o da exacerbação dos ideais de produtividade, eficiência ou independência”. Assim, não há espaço na mídia para a representação da pessoa com deficiência como pessoa comum em sua esfera privada.

5.2 A interface entre gênero e deficiência

Para analisar a interface entre gênero e deficiência nas capas da revista *Sentidos* é fundamental compreender os significados acerca desses marcadores sociais no tocante à relação entre poder e o corpo com lesão, respectivamente. Importantes autores que discutem gênero e deficiência, como Mello e Nuernberg (2012), concebem o conceito de deficiência na perspectiva do modelo social, o qual indica que a deficiência é o resultado da interação entre um corpo com impedimentos e a sociedade que não acolhe a diferença. Esse modelo foi construído por duas gerações: a primeira geração foi composta, principalmente, por homens que propunham que a eliminação de todas as barreiras seria

suficiente para a participação plena da pessoa com deficiência na sociedade.

Posteriormente, a segunda geração, constituída por cuidadoras (muitas vezes, mães) de pessoas com deficiência que contribuíram profundamente com o modelo ao afirmar que, mesmo que todas as barreiras sejam retiradas, ainda haverá pessoas que jamais terão total independência. Essa constatação foi a primeira grande contribuição feminista ao modelo social da deficiência. A partir dessa afirmação, foram desenvolvidos os conceitos de interdependência como parte das relações humanas e a ética do cuidado.

Para os autores, há pontos entre os Estudos sobre Deficiência e os Estudos Feministas e de Gênero que se articulam: o argumento da desnaturalização do corpo, a deficiência como uma questão de identidade e a ética do cuidado como uma questão de justiça. Além disso, as teorias dialogam nas discussões de masculinidades, já que os homens se colocam com maior frequência em risco, podendo gerar a deficiência; e feminilidades no tocante ao duplo estigma a que mulheres com deficiência estão expostas.

Outros dois pontos importantes são levantados pelos autores: trata-se da interseção entre corporalidade e deficiência referente à discussão sobre o estatuto do corpo deficiente e os direitos sexuais e reprodutivos a serem contemplados nas políticas públicas para que, de fato, as pessoas com deficiência sejam reconhecidas como sujeitos comuns.

No caso da revista *Sentidos*, vemos claramente uma distinção de perfis nas capas que retratam homens e mulheres. Os homens estão mais retratados em edições referentes à cidadania por uma presença masculina histórica da luta de direitos, à determinação, ao lazer e mulheres aparecem com maior frequência – quando não unanimemente – em capas relacionadas aos temas da beleza e autoestima e família.

Outro ponto importante a destacar sobre a interface entre gênero e deficiência, é o caráter heteronormativo que possuem as capas que discutem relacionamento e sexualidade. A heteronormatividade está aqui entendida como as relações de poder entre homens e mulheres, e entre homossexualidade e heterossexualidade, demonstrando a construção do dispositivo da sexualidade marcado pela norma heterossexual. Deste modo, a heteronormatividade se caracteriza como uma prática que produz discriminação baseada na suposição da

normalidade da heterossexualidade e dos estereótipos de gênero. (BUTLER, 2001).

Apenas casais heterossexuais estão retratados nessas capas, o que evidencia o quanto os mitos sobre a homossexualidade persistem – talvez mais fortes – quando falamos em pessoas com deficiência. Essa perspectiva normatizante inclui as capas que trazem à baila imagens de famílias, representadas exclusivamente por mulheres.

5.3 Interface entre geração e deficiência

Quando organizei o levantamento das revistas a serem analisadas, surpreendeu-me o fato de não existirem capas contemplando o envelhecimento, visto que, para o Modelo Social da Deficiência, a velhice também é uma condição preponderante para o aparecimento de deficiências (DINIZ, 2007).

Além disso, a *Sentidos* aborda com pouca frequência os temas relacionados à infância. Neste caso, as capas tratam de doenças/deficiências, relação familiar ou adoção, mas a infância em si é mera coadjuvante, ou seja, o foco nunca é a experiência da criança com deficiência, podendo utilizar o mesmo assunto para discuti-lo com a figura de um adulto autista ou com atrofia da medula espinhal, ou discutir genericamente família, por exemplo – vide edições 61, 66, 44, 49 e 52, respectivamente.

A revista conta com jovens e adultos estampando quase todas as suas capas no período aqui pesquisado e entre as capas discutidas. Um fator determinante para o aparecimento frequente dessa faixa etária nas capas é o perfil do leitor. Conforme vimos nos dados sobre a *Sentidos*, a grande maioria de leitores e assinantes da revista trata-se justamente de jovens e adultos. Não podemos perder de vista, portanto, que a revista é um produto destinado a um determinado público. Nesse contexto, a deficiência se transforma na categoria totalizante do sujeito, uma vez que seu pertencimento geracional ou suas outras identidades e papéis sociais são relegados a segundo plano.

5.4 Relação entre enquadramento e deficiência

Vemos que há contradições em algumas edições no que tange à relação entre o enquadramento e deficiência. Em algumas capas, o enquadramento do personagem não permite que possamos ver sua

deficiência como, por exemplo, na capa 74 que fala de ativismo e cidadania, mas oculta a cadeira de rodas do personagem a que se refere. Do mesmo modo estão postas as capas que discutem beleza e autoestima: ao mesmo tempo em que narram sujeitos conscientes de sua condição – de deficiente –, não visualizamos as lesões das mulheres retratas.

Essas impressões deixam claro que, de modo geral, há uma hierarquização dos corpos com impedimentos: os mais próximos da normalidade, aquilo que os personagens possuem de mais comum – rostos bonitos ou uma anã que só percebemos sua deficiência em perspectiva com outro objeto, por exemplo – aparecerem em plano mais aberto; ao passo que as lesões estão omitidas ou disfarçadas pelo enquadramento mais fechado, como por exemplo, na capa em que a mãe de gêmeos é paraplégica, mas não vemos sua cadeira de rodas, ou ainda na edição que retrata a mãe e a filha, mas não conseguimos afirmar de quem é e qual é a deficiência retratada (ou omitida).

Sem dúvida existe uma intencionalidade – mesmo que não declarada ou consciente – nesses enquadramentos que ora omitem e ora marcam a deficiência. As diversas possibilidades de combinações entre planos e legendas tornaram as análises ainda mais interessantes, de modo que transformaram cada edição em um elemento único para a composição da trama aqui analisada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar aspectos histórico-culturais constituintes de imagens de pessoas com deficiências nas capas da *Revista Sentidos* foi possível compreender as tensões entre as perspectivas biomédica, assistencial e social que as edições carregam ao registrarem em fotografias e legendas a experiência da deficiência por vezes (in)coerente em relação ao modelo social da deficiência.

Diante do exposto, as capas da *Revista Sentidos* estão concebidas enquanto objetos culturais inseridos em determinado contexto social, político e histórico. Nesse sentido, as imagens em questão permitem identificar discursos ideológicos, significações, valores, crenças, bem como também sentimentos e emoções a partir da análise dos seus elementos constituintes e também da forma com que foram representadas nas capas analisadas. (ABELLA, 2010). Vista por essa perspectiva, a *Revista Sentidos* pode servir como agente transformador, que está inserida ao mesmo tempo “em um momento histórico, social e político, desconstruindo a naturalidade e a universalidade, que compreenda o movimento e as possibilidades inúmeras das relações.” (MIGUEL, 2005, p.49). Isso porque, conforme vimos na revisão teórica, a constituição do sujeito advém da relação com o outro, mediada através dos signos e esse encontro propiciará reconhecer-se e constituir-se através da diferença e da alteridade. Compreender a mídia como um outro pode ser útil na medida em que os signos admitem dimensões coletivas e privadas, pois são marcadores não só da história social humana, bem como das histórias que os sujeitos causam/empregam. (MIGUEL, 2005; ZANELLA, 2003).

Ficou evidente que a *Revista Sentidos* é um produto paradoxal: se por um lado ocupa-se em apresentar “o lado positivo e alegre da deficiência, ‘pra cima’, sem falar da tragédia em si”, segundo o entrevistado mencionou; por outro, essas tentativas para “compensar” a deficiência em relação àquilo que é padrão tornam-se excludentes pela perpetuação explícita de velhos estigmas. Essas representações estão manifestadas nas capas através de imagens e textos que se propõem a causar admiração e sensibilizar o leitor acerca daquilo que pessoas com deficiência podem fazer, espetacularizando qualquer atividade por mais trivial que possa parecer.

Do mesmo modo com que se apresentam os paradoxos nas imagens e nos textos, podemos perceber como as práticas em si também

são contraditórias no que tange à sua realidade enquanto produto de segmento e local de trabalho, uma vez que a revista admite colonistas com deficiência, mas não dispõe de acessibilidade arquitetônica para o exercício da função no prédio da editora, por exemplo.

Nesse ponto, chama atenção a presença marcante do discurso da superação como pano de fundo em que são constituídas as capas da revista, de modo geral. Barbosa e Diniz (2010) elucidam a ambivalência do discurso da superação:

A possibilidade de uma existência ordinária é o que move o *ethos* da inclusão: busca-se a participação em um projeto de sociedade, o que, de um lado, é um movimento conservador pela reafirmação do *status quo* e, de outro, é um ato revolucionário, pois se ambiciona alargar o universo dos indivíduos que podem ser comuns à vida social, e não eternamente objetos de espetacularização ou piedade. (p. 210).

Portanto, é um movimento ambíguo: de um lado o reconhecimento da potência de um corpo com impedimentos; de outro, a espetacularização da diversidade. Enquanto podemos vislumbrar o aspecto libertador de reconhecimento da importância do corpo com lesão, existe também o aspecto excessivamente opressor nessa expectativa constante de superação de si e do ideal de normalidade (DINIZ e BARBOSA, 2010) que restringe e responsabiliza única e exclusivamente o sujeito com deficiência pela transposição de barreiras e pelo seu sucesso.

Essa ideia totalizante e reducionista da deficiência nega e infantiliza a deficiência de modo preocupante, uma vez que a revista opera a partir de um currículo cultural que é constituído nas relações sociais e, ao mesmo tempo, incide sobre essas mesmas relações (SABAT, 2001). Assim, com os dados dessa pesquisa fica claro o quanto a *Sentidos* por vezes reitera a expectativa da superação e perpetua uma visão estigmatizada da pessoa com deficiência – ora omitida, ora infantilizada, ora endeusada.

Ao mesmo tempo, existe certa preocupação, mesmo que paradoxal, com a temática da deficiência; nas capas que mostram a realidade e o cotidiano, como a do casal que a moça está no colo do parceiro e aparece a cadeira de rodas dele; e a mudança do nome

“Sentidos” deixando bem explícito o público a que se destina. Outro aspecto positivo observado nas inúmeras (re)leituras do material analisado é a leveza com que as pessoas são retratadas, como *peessoas*, vivendo as suas vidas, sem aquela carga de sofrimento que decorre do modelo biomédico. Outro ponto que nos chama atenção é a diversidade de deficiências nas capas – pessoas com nanismo, com Síndrome de Down, cadeirantes, surdos, cegos, etc. – contemplando a heterogeneidade desse grupo social e lembrando, metaforicamente, a diversidade humana. Apesar das limitações aqui levantadas, considera-se que a Revista *Sentidos* tem o mérito de dar visibilidade à condição de pessoa daqueles que vivem com deficiência, além de trazer ao mercado editorial impresso uma realidade antes reservada a contextos muito restritos e, muitas vezes, marcados por perspectivas hegemonicamente biomédicas.

Os elementos obtidos nesta pesquisa proporcionaram subsídios para a interpretação tanto de um discurso conservador, quanto de um discurso emancipatório. Ao mesmo tempo em que a revista estimula os(as) leitores(as) a se superarem e a terem boa autoestima, sugere que a lesão seja disfarçada ou ocultada. A revista apresenta também conceitos tradicionais sobre gênero, apresentando uma divisão bastante clara nas capas cujos temas estão representados por homens e mulheres. Além disso, há uma perpetuação de conceitos consolidados em relação à sexualidade, especialmente no que tange a heteronormatividade e a família. Logo, por trás de um discurso de inclusão e equidade, encontra-se o papel homogeneizador desta revista, o qual opera como reguladora de comportamentos, propagando valores e conceitos tradicionais emprestados à deficiência. O fato de ser uma revista do segmento *de e para* pessoas com deficiência aumenta o impacto sobre as mesmas, podendo acarretar em difusão e debate de modelos inclusivistas ou perpetuação de estigmas.

Cumpre assumir que esta pesquisa possui suas lacunas, das quais é possível destacar as discussões acerca das questões étnicas e das capas relacionadas aos temas de saúde e de esporte que não foram explorados com maior detalhamento pelas limitações de tempo e de espaço. Além disso, o aspecto do enquadramento também poderia ter sido mais aprofundado, com conceitos técnicos mais descritivos e analíticos. Sendo assim, este estudo abre novas e inúmeras possibilidades de investigação a respeito da profusão de imagens de pessoas com deficiência no contexto midiático.

Logo, um dos grandes desafios da revista apontado por esta pesquisa é o reconhecimento da deficiência de tal modo que possa garantir o direito de ser uma condição ordinária, aqui compreendida como o direito da pessoa com deficiência ser e estar no mundo “sem ser objeto de espetáculo, com paixão ou curiosidade”. (DINIZ e BARBOSA, 2010, p.208-209).

Por fim, é fundamental problematizar a natureza ética que fundamenta os princípios de convivência na diversidade. A *Revista Sentidos*, como demonstrado, nem sempre foi coerente com tais princípios, especialmente em razão de seus interesses comerciais e seus limites conceituais, os quais lhe imputaram certa ambiguidade no tocante à deficiência como categoria social. Certamente essa ambiguidade não é mera particularidade desse meio de comunicação específico, mas um reflexo do momento histórico que atravessamos: de perpetuação da exclusão concomitante ao reconhecimento da luta de direitos da pessoa com deficiência. Ainda no século XIX surgiram as fotografias de pessoas com deficiência, onde eram reduzidas ao caráter de *freak*. Com a conjunção de fatores históricos e de avanços tecnológicos e científicos foi se transformando também a maneira pela qual foi/é concebida e observada a pessoa com deficiência. Embora essa trajetória não tenha sido percorrida linearmente (da exclusão à inclusão, por exemplo), a saída do mundo *freak* para a concepção de humano ligada mais aos temas triviais e do cotidiano, custou o preço da normalização, como condição para que essa possibilidade se realizasse nesse contexto. (BOGDAN, 2012). Destaco, enfim, a importância dos debates desses campos para maiores contribuições às Ciências Humanas e Sociais, sobretudo na ampliação de estudos acerca das formas como a deficiência vem sendo explorada no contexto midiático, de modo a contemplarem as pessoas com deficiência como sujeitos comuns e de direitos.

REFERÊNCIAS

ABELLA, S. I. S. **Mulheres em pinturas de Portinari**: processos de identificação, corporeidade e diversidade a partir de uma leitura de gênero. Fazendo Gênero 9. *Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 23 a 26 de agosto de 2010. 9p.

ÁLVAREZ, L. **Los héroes de las siete y media**. Montevideo: ClaeH. 1988.

AMARAL, L.A. **Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

_____. **Corpo desviante/olhar perplexo**. Psicologia USP, São Paulo, v.5, n.1, p. 245-268. (1994).

AMIGOS DA ATROFIA MUSCULAR ESPINHAL. Disponível em: <http://atrofiaespinhal.org/?page_id=22>. Acesso em: 07 janeiro 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**. Disponível em: <http://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=80189>. Acesso em: 15 dezembro 2014.

AVAPE – Associação para Valorização da Pessoa com Deficiência. Acesso em Janeiro 15, 2014, em <http://www.avape.org.br/portal/pt/avape.html>.

AYRES, M.B. **Diversidade na tela**: um estudo sobre a estrutura dos telejornais no Uruguai e na Argentina. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, p.50-51. 2009.

BASSANEZI, C. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)**. *Cadernos Pagu*. São Paulo, 1, p.111-143, 1993.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos. (1995).

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

BOGDAN, R. et al. **Picturing Disability: beggar, freak, citizen, and other photographic rhetoric**. Syracuse: New York, 2012, 198p.

BONETTI, A. **O corpo no processo de globalização: ideias preliminares**. Santa Maria: KINESIS, 1998.

BRAGA, V. E. B. **O Resgate do Feminino através da Dança do Ventre e Seu Significado para a Vida Cotidiana**. Disponível em <http://www.centraldancadoventre.com.br/trabalhos/resgate-feminino-atraves-dv-seu-sigficado-vida-cotidiana.pdf>. Acesso em 05 janeiro 2015.

BRASIL ESCOLA. **A Deusa Vênus**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/mitologia/venus.htm>. Acesso em: 20 setembro 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

_____. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acessado em 05 de janeiro de 2015.

_____. **Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (Corde)**. 2008.

_____. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10098.pdf>. Acessado em 05 de janeiro de 2015.

_____. **Plano Viver Sem Limites.** Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/viver-sem-limite-0>>. Acesso em: 15 junho 2014.

BRUNO, R. **Devotees, pretenders and wannabes: two cases of factitious disability disorder.** *Sexuality and Disability*, v.15, n.4, p. 243-260. 1997.

BUTLER, J. **Sexual difference as a question of ethics: bodies of Resistance.** 2001.

CARDOSO, V. **A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado.** *Rev. Bras. Ciênc. Esporte.* v.33, n.2. Porto Alegre. 2011.

CARVALHO, A. P. F. et al. **Gravidez em mulheres com trauma medular prévio.** *Revista Feminina.* v. 38, n.1, 2010. p.7-10.

CEZAR, C. Z. **A adoção de crianças com necessidades especiais.** In: FREIRE, F (Org.), *Abandono e adoção: Contribuições para uma cultura da adoção III.* p. 137- 141. Curitiba: Terra dos Homens. 2001.

CODO, W.; SENNE, W. A. **O que é corpo(latria).** São Paulo: Brasiliense. 2004.

COLLIER, JR. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa.** São Paulo: EPU, 1973.

DE GORE, S. C. **Os pais biológicos.** In F. Freire (Org.), *Abandono e adoção: Contribuições para uma cultura da adoção II.* p. 75-80. Curitiba: Terra dos Homens. 1994.

DINIZ, D. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DINIZ, D.; BARBOSA, L. **Direitos Humanos e as pessoas com deficiência no Brasil.** In: *Direitos Humanos – percepções da opinião pública: análises de pesquisa nacional.* VENTURI, G. (org). Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. 2010. p.201-217.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. **Deficiência, direitos humanos e justiça.** *Revista Internacional de Direitos Humanos*, 6 (11), p.65-77. 2009.

DINIZ, J. S. **A adoção:** notas para uma visão global. In F. Freire (Org.), *Abandono e adoção: Contribuições para uma cultura da adoção II* (pp. 13-30). Curitiba: Terra dos Homens. 1994.

DUARTE, E.; WERNER, T. **Conhecendo um pouco mais sobre as deficiências.** In: *Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância.* Rio de Janeiro: UGF, v. 3, 1995.

ECO, U. **História da feiura.** Tradução por Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 453p. 2007.

ESQUIROL, J. E. **Des établissements consacrés aux aliénés en France.** In: *Des maladies mentales*, Paris, 1838.

FABRIS, A. **Discutindo a imagem fotográfica.** *Domínios da Imagem.* Londrina, 1 (1), p. 31-41. 2007.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. **A promoção do estilo atlético na revista capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, SC, v. 26, n. 2, ago. 2008. ISSN 2179-3255. Disponível em: <https://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/149>. Acesso em: 23 Dez. 2014.

FONSÊCA, C. M. S. M. S.; SANTOS, C. P.; DIAS, C. M. S. B. **Adoção de crianças com necessidades especiais.** *Paideia*. set.-dez. 2009, v. 19, n. 44, 303-311. 2009.

FONTES, M. **Corpos canônicos e corpos dissonantes:** uma abordagem do corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

_____. **Mídia, mulheres deficientes e cultura:** uma análise dos processos de afirmação cultural do corpo feminino ideal e de rejeição ao corpo deficiente. Bahia, 4-5 Set. 2002.

_____. **Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo.** Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, Salvador, v. 1, n. 1, p. 37-46. 2007.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica.** 7. ed. Forense Universitária: Rio de Janeiro. 2011.

FRANCASTEL, P. **A realidade figurativa:** elementos estruturais da sociologia da arte. São Paulo: Perspectiva, p.3. 1982.

FRANCO, M. L. P. B.. **Ensino médio:** desafios e reflexões. Campinas: Papirus. 1994.

FREIRE, F. (Org). **Abandono e adoção:** Contribuições para uma cultura da adoção II. Curitiba: Terra dos Homens. p. 143-157, s/d.

GARCIA, V. **Multas por desrespeito à Lei de Cotas têm novos valores em 2011.** Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2011/02/multas-por-desrespeito-lei-de-cotas-tem.html>>. Acesso em 08 jan 2015.

GARLAND-THOMSON, R. **Politics of staring:** visual rhetorics os disability in popular photography. *Critical Encounters with Texts.* p.190-204. 2001.

_____. **Staring:** how we look. New York: Oxford University Press, 233p. 2009.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. **Psicologia, sociedade e deficiência:** novas perspectivas em direitos humanos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2014, v.34, n.3, p.574-591.

GESSER, M.; NUERNBERG, A. H.; TONELI, M. J. F. **Constituindo-se sujeito na intersecção gênero e deficiência:** relato de pesquisa. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 3, p. 419-429, jul./set. 2013.

_____. Gênero, sexualidade e a experiência da deficiência física em mulheres no sul do Brasil”. *Gender and Sexuality: Annual Review of Critical Psychology*, p.433-458. 2014.

GLAT, R.; FREITAS, R. C. **Sexualidade e Deficiência Mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema.** 1ª. ed., vol II. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

HARTLEY, S. et al. **How do carers of disabled children cope? The Ugandan perspective.** *Child: Care, Health & Development*, v.31, n.2, 167-180. 2005.

JOBIM E SOUZA, S.; CASTRO, L.R. **Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo.** In: CRUZ, S.H.V. (org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.* São Paulo: Cortez. 2008.

JOHNSON, B. S. **Mothers’ perceptions of parenting children with disabilities.** *American Journal of Maternal/Child Nursing*, n.25, p.127-132, 2000.

KOLLER, S.H.; NEIVA-SILVA, L. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia.** *Estudos de Psicologia*, v.7, n.2, p.237-250, 2002.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo.** Cotia: Ateliê Editorial. 2007.

KRAMER, H; SPRENGER, J. **Malleus Maleficarum – o martelo das bruxas.** Tradução por Alex H.S. em <https://saravea.net/file/download/13005>. 2007. Acesso em 8 jan 2014.
LANNA JÚNIOR, M.C.M. *História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil.* Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. 443p. 2010.

LASSETTER et al. **Family photograph: Expressions of Parents Raising Children With Disabilities.** *Qualitative Health Research.* v.17. n.4, p.456-467, 2007.

LEITE, M. L. M. **Imagens e contextos**. In: *Boletim do CMU*, v. 5, n. 10, p. 45-60, 1993.

LONGMORE, P.K. **The cultural framing of disability**: Telethons as a case study. *Modern Language Association*. v.120, n.2, p.502-508, 2005.

LOURO, L. G. **Corpos que escapam**. *Revista de Estudos feministas*. n.4, ago/dez. 2003.

_____. **Currículo, gênero e sexualidade**: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

LUIZ, K. G.; NUERNBERG, A. H. **Modos de vida e identidade em blogs de pessoas com deficiência**. *Informática na Educação: teoria e prática*, Porto Alegre, v.16, n.1, p. 191-205, 2013.

LYON, D. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

MACHADO JÚNIOR, C. S. **Fotografias e códigos sociais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista *Careta* (1919-1922). Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

MAGALHÃES, C.; PINHEIRO, V. S. **A representação de atores sociais em capas da revista “Raça Brasil”**. *33rd International Systemic Functional Congress*, p.489-513. 2006.

MANDLECO, B. et al. **The relationship between family and sibling functioning in families raising a child with a disability**. *Journal of Family Nursing*, v.9, n.4, p.365-396, 2003.

MARTINS, N.; BORGES, G. **O corpo com deficiência**: uma reflexão sobre os Modelos de Saúde. *Saúde e Pesquisa*. *Revista Saúde e Pesquisa*, v. 5, n. 2, p. 378-385, 2012.

MAURENTE, V.; TITTONI, J. **Imagens como estratégia metodológica em pesquisa:** a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, v.19, n.3, p.33-38. 2007.

MELLO, A. G.; NUERNBERG, A. H. **Gênero e deficiência:** interseções e perspectivas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 3. p.635-655, set-dez/2012.

MELO, M. R.; BERGO, M. S. A. A. **Atuação do professor diante de manifestações da sexualidade nos alunos portadores de deficiência mental.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, jul.-dez, v.9, n.2, p.227-236, 2003.

MENANDRO, P. R. M. **A curva generosa da compreensão:** temas em psicologia. In: SOUZA, I.; Freitas, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.397-417, 1998.

MEURER, B; GESSER, M. **O corpo como lócus de poder:** articulações sobre gênero e obesidade na contemporaneidade. Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e poder. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST39/Meurer-Gesser_39.pdf>. Acesso em 27 jan 2008.

MIGUEL, R. B. P. **A revista Capricho como um “lugar de memória” (décadas de 1950 e 1960).** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009, 260p.

_____. **De “moça prendada” à “menina super-poderosa”:** um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista Capricho (1952 – 2003). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005, 169p.

MIRANDA-RIBEIRO, P.; MOORE, A. **Papéis de gênero e gênero no papel:** uma análise de conteúdo da Revista Capricho, 2001-2002. Belo Horizonte, MG, 2003.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia.** *Estudos de Psicologia*, v.7, n.2, p.237-250, 2002.

NIBLITT, R. **Adoção de menores com necessidades especiais:** alguns aspectos da experiência inglesa. *Boletim Terre des Hommes*, V, n. 55, 1994.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos.** Tradução por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia as Letras, p.66, 2006.

NOVAES, A. (org). **O homem-máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança:** subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

ORTIZ, I. M.; ZANELLA, A. V. **Constituição do leitor.** *Leitura em Revista*. Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio. 1, p.150-164, 2010.

PELCHAT, D.; LEFEBVRE, H.; PERREAULT, M. **Differences and similarities between mothers' and fathers' experiences of parenting a child with a disability.** *Journal of Child Health Care*, v.7, n.4, p.231-247, 2003.

PEREIRA, S. O. **Reabilitação de pessoas com deficiência no SUS: elementos para um debate sobre integralidade.** Dissertação (Mestrado) Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2009.

PEREIRA, W. (org.). **As formas do humano no discurso do jornal:** ensaios sobre mídia, cotidiano e corpo. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2009.

PESSOTTI, I. **Breve histórico da deficiência mental.** Disponível em: <http://www.asdef.com.br/innova/assets/artigos/historia010.pdf>. (s/d). Acesso em 3 fev 2014.

_____. **Deficiência mental:** da superstição à ciência. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1984.

POMPPER, D.; FEENEY, B. J. **Traditional narratives resurrected:** the Gulf War on Life Magazine covers. *Journal of Magazine & New Media Research*. Fall, v.5, n.1, 12p. 2002.

POMPPER, D.; LEE, S.; LERNER, S. **Gauging outcomes of the 1960s social equality movements:** nearly four decades of gender and ethnicity on the cover of the Rolling Stone magazine. *The Journal of Popular Culture*, v.42, n.2, p.273-290, 2009

PUZZO, M.B. **Gêneros discursivos:** capas de revistas. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*, UNITAU, v.1, n.1, p.63-71, 2009.

REHM, R. S.; BRADLEY, J. F. **Normalization in families raising a child who is medically fragile/technology dependent and developmentally delayed.** *Qualitative Health Research*, n.16, p.807-820, 2005.

SABAT, R. **Pedagogia cultural, gênero e deficiência.** *Estudos Feministas*, ano 9. p.9-21, 2001.

SANTOS, M. P. **Perspectiva histórica do movimento integracionista na Europa.** *Revista Brasileira de Educação Especial*. São Paulo. v. II, n.3, p.21-29, 1995.

SANTOS, P. L. **A imagem enquanto fonte de pesquisa:** a fotografia publicitária. *Iniciação Científica Cesumar*, v. 2, n.2, p.63-68, 2000.

SASSAKI, R. K. **Conceito de Acessibilidade.** *Escola de Gente*. 2011. Disponível em <http://www.escoladegente.org.br/noticiaDestaque.php?id=459>. Acesso em: 15 jan 2015.

_____. **Como chamar as pessoas que têm deficiência?** Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, p.12-16, 2003.

SATOW, S. H. **Comparação dos preconceitos étnico-raciais e da discriminação contra os portadores de deficiência.** *Psicologia & Sociedade*, v.9, n.1-2, p.163-171, 1997.

SCHETTINI FILHO, L. **Adoção, origem, segredo, revelação**. Recife: Bagaço, 1999.

_____. **Compreendendo os pais adotivos**. Recife: Bagaço, 1998.

SHAKESPEARE, T. **Poder y prejuicio**: los temas de género, sexualidade y discapacidad. In: L. Barton (org.). *Discapacidad y Sociedad*. Madrid: Ediciones Morata; La Coruña: Fundación Paideia, p.205-229, 1998.

SÍMBOLO INTERNACIONAL DE ACESSO. Disponível em: <<http://www.ppd.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=58>>. Acesso em 07 jan 2015.

Site Autismo e Realidade. **O Que é Autismo?** Disponível em: <<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo/>>. Acesso em 07 jan 2015.

Site Big Brother Brasil: *BBB 2 – Fernando Fernandes*. Disponível em: <<http://bbb.globo.com/BBB2/0,6993,BIA1-1764-39,00.html>>. Acesso em 05 jan 2015.

Site Cielo Sports. **Daniel Dias**. Disponível em: <<http://cielosports.com.br/atleta.php?id=3>>. Acesso em 05 jan 2015.

Site Comitê Paraolímpico Brasileiro. **O movimento paraolímpico**. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/movimento-paralimpico/>>. Acesso em 08 jan 2015.

Site da Associação Brasileira de Paralisia Cerebral. **Paralisia Cerebral - Perguntas e Respostas (o que cuidadores e pacientes devem saber)**. Disponível em: <<http://www.paralisiacerebral.org.br/saibamais05.php>>. Acesso em 07 jan 2015.

Site Billy Saga. **A SAGA Continua...** Disponível em: <<http://www.billysaga.com/>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

Deficiente Online. **Lei de Cotas**. Disponível em: <<http://www.deficienteonline.com.br/>lei-8213-91-lei-de-cotas-para->

[deficientes-e-pessoas-com-deficiencia_77.html](#)>. Acesso em 07 jan 2015.

Site DeficienteCiente. **Um pouco da história da tetraplégica Flávia Cintra.** Disponível em: <<http://www.deficienteciente.com.br/2009/10/um-pouco-da-historia-da-tetraplegica.html>>. Acesso em 05 jan 2015.

Site Fernando Fernandes Life. **Biografia.** Disponível em: <<http://www.fernandofernandeslife.com/biografia>>. Acesso em 05 jan 2015.

Site Fundação Dorina Nowill para Cegos. **Braille.** Disponível em: <http://www.fundacaodorina.org.br/imprensa/releases/?id=481&/brasil-comemora_dia_nacional_do_braille1>. Acesso em 15 dez 2014.

Site Genética. **O Que é Nanismo?** Disponível em: <<https://genetica12.wordpress.com/nanismo/>>. Acesso em 03 jan 2015.

Site Infoescola. **O Helenismo.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/helenismo/>>. Acesso em 20 set 2013.

Site Niemeyer. **Oscar Niemeyer.** Disponível em: <<http://www.niemeyer.org.br>>. Acesso em 30 nov 2014.

Site Significados. **Significado de DJ.** Disponível em: <<http://www.significados.com.br/dj/>>. Acesso em 05 jan 2015.

Site Wikipedia. *Herbert Vianna.* Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Herbert_Vianna>. Acesso em 15 dez 2014.

Site Wikipedia. **Isabel Fillardis.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Isabel_Fillardis>. Acesso em 15 dez 2014.

Site Wikipedia. **Pick-Up.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pickup>>. Acesso em 05 jan 2015.

- SOLOMON, A. **Filho**. In: *Longe da árvore*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução por Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUZA, R. F. **Fotografias escolares: a leitura de imagens**. Curitiba: Educar, n.18, p. 75-101, 2001.
- SOUZA, V. V.; CUSTÓDIO, J. A. C. **Fotografia: meio e linguagem dentro da moda**. *Discursos fotográficos*. Londrina, n.1, p.231-251, 2005.
- SPIKER, T. **Cover coverage: how U.S. magazine covers captured the emotions of the September 11 attacks—and how editors and art directors decided on those themes**. *Journal of Magazine and New Media Research*. Spring, v.5, n.2, 18p. 2003.
- SPINK, P. **Análises de documentos de domínio público**. In Spink, P. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.
- SUPERAÇÃO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 05 de jan 2015.
- TACCA, F. **Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação**. *Psicologia & Sociedade*. Campinas, 2005.
- TEPPER, M. **Sexuality and disability: the missing discourse of pleasure**. *Sexuality and Disability*, v.18, n.4, p.283-290, 2000.
- VEERT, V. (org.). **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi, 2003.
- VIGARELLO, G. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VYGOTSKI, L. S. **Método de investigação**. In: *Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique*. Madrid: Visor distribuciones, p.47-97, 1995.

WANDERLEY, M.; SILVA, L. **Corpos ditados:** a influência da mídia no disciplinamento corporal. In: *Fazendo Gênero: Diásporas, diversidades, descolamentos*, 2010.

WARFIELD, M. E. **Family and work predictors of parenting role stress among two-earner families of children with disabilities.** *Infant and Child Development*, n.14, p.155-176, 2005.

ZANELLA, A. V. **Pode até ser flor se flor parece a quem o diga:** Reflexões sobre educação estética e o processo de constituição do sujeito. In ZANATTA, R. S. et al. *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e/em experiência*. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, p.33-47, 2006.

_____. **Sujeito e alteridade:** reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*; v.17, n.2, p.99-104, mai/ago, 2005.

ZANELLA, A.V. et al. **Questões de método em textos de Vygotski.** *Psicologia & Sociedade*, v.19, n.2, p.25-33, 2007.

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
com idade de _____, do sexo _____, inscrito(a) no RG
ou CPF: _____, fui esclarecido sobre a
pesquisa provisoriamente intitulada de: **INVESTIGANDO
FOTOGRAFIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS
CAPAS DA REVISTA SENTIDOS (2008-2013)**, de autoria da
mestranda Karla Garcia Luiz, sob orientação do Prof. Dr. Adriano
Henrique Nuernberg, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Santa Catarina. Fui informado de que esta
pesquisa tem o objetivo investigar aspectos histórico-culturais
constituintes de imagens de pessoas com deficiência publicadas nas
capas da *Revista Sentidos*.

Estou ciente de que participarei deste estudo através de uma
entrevista aberta gravada em áudio, na qual serei identificado. Fui
esclarecido(a) também que poderei, a qualquer momento em que eu
desejar, desistir de minha participação sem sofrer nenhum tipo de
consequência por esta decisão. Também fui informado de que este
estudo tem caráter científico e que minhas respostas serão utilizadas
apenas para os propósitos desta pesquisa. Estou ciente de que minha
participação é totalmente voluntária e que não terei direito a
remuneração.

Tenho ciência de que, se precisar de maiores informações sobre
esta pesquisa, poderei obtê-las entrando em contato com os responsáveis
pelos telefones, *e-mails* e endereço abaixo relacionados.

São Paulo (SP), ____ de _____ de 2014.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Pesquisadora

Karla Garcia Luiz

Fone: (48) 9652-8479

E-mail: karla.garcia.luiz@hotmail.com

Orientador

Prof. Dr. Adriano Henrique Nuernberg

E-mail: adriano.nuernberg@ufsc.br

Núcleo de Estudos sobre Deficiência - NED

Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Sala 212, Bloco D

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Campus Universitário - Trindade - CEP 88.040-970 - Florianópolis -

Santa Catarina

Fone: (48) 3721-8609